

José Carlos Francisco

**O GÊNERO ENTREVISTA NO
RADIOJORNALISMO - CBN X ELDORADO:
DA ESCRITA PARA A FALA**

MESTRADO

São Paulo – 2006

Primeira página interna

José Carlos Francisco

**O GÊNERO ENTREVISTA NO
RADIOJORNALISMO - CBN X ELDORADO:
DA ESCRITA PARA A FALA**

MESTRADO

São Paulo – 2006

José Carlos Francisco

**O GÊNERO ENTREVISTA NO
RADIOJORNALISMO - CBN X ELDORADO:
DA ESCRITA PARA A FALA**

MESTRADO

São Paulo – 2006

“Afirmar que o desempenho lingüístico na fala não se serve apenas da gramática e do léxico da língua, mas lança mão dos mais variados recursos, sejam eles verbais ou não, é repetir o óbvio. Mas, no caso da língua portuguesa falada no Brasil, trata-se de um óbvio intuitivo, pois pouco se sabe entre nós de seu real funcionamento. Menos ainda sobre os processos conversacionais.”

(Marcuschi, 2003: 5)

José Carlos Francisco

**O GÊNERO ENTREVISTA NO
RADIOJORNALISMO - CBN X ELDORADO:
DA ESCRITA PARA A FALA**

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para a obtenção do título de
MESTRE em Língua Portuguesa, sob
orientação do Prof. Dr. Dino Preti.**

São Paulo - 2006

BANCA EXAMINADORA

**O GÊNERO ENTREVISTA NO
RADIOJORNALISMO - CBN X ELDORADO:
DA ESCRITA PARA A FALA**

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a linguagem radiofônica em radiojornalismo, à luz de um recorte teórico fundamentado pela *Análise da Conversação*. O *corpus* da pesquisa é constituído por dez horas de gravação, em fita cassete, realizadas entre os dias 27 de setembro e primeiro de outubro de 2004- entre segunda-feira e sexta-feira- dos jornais matinais de duas das principais emissoras radiojornalísticas de São Paulo: a CBN- Central Brasileira de Notícias- emissora do Sistema Globo de Rádio/ Jornal *O Globo*; e a Eldorado, emissora do Grupo Estado- jornal *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*. Também fazem parte do *corpus* cinco edições- mesmo período da gravação- dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Dentre a variedade de gêneros radiojornalísticos, a entrevista por telefone, ao vivo- par dialógico perguntas-e-respostas- sob o ponto de vista técnico-jornalístico, será o objeto em estudo. A *Análise da Conversação* servirá de suporte teórico com os organizadores globais: o caso da conversação telefônica, a assimetria, a modalização na fala, a defesa, ou não, da face, a interação verbal, apesar da relação assimétrica entre entrevistador e entrevistado e a retextualização, como forma de produção ou de reprodução textual. Marcuschi (2003: 7) complementa, ao longo desta investigação, a tentativa de se explicar os procedimentos de “construção” e apresentação de um texto oral, neste caso, no radiojornalismo, com os seguintes questionamentos: como é que as pessoas se entendem ao conversar ? Como sabem que estão se entendendo ? Como

sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente ? Como usam seus conhecimentos lingüísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua ? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais¹ ? Este trabalho também vai apresentar a relação do *continuum tipológico* entre fala x escrita e escrita x fala, no radiojornalismo. Para finalizar, esta pesquisa, pela primeira vez, faz uma separação, para melhor compreensão de pesquisadores e de profissionais do jornalismo, das atividades radiofônicas² e das atividades radiojornalísticas. Vale ressaltar, ainda, que esta é a primeira tentativa de se analisar os mecanismos que envolvem a conversação no radiojornalismo e a transformação ou retextualização do texto escrito para o texto oral/ falado. Também foram realizadas duas entrevistas com os jornalistas Heródoto Barbeiro e com Milton Leite, como apoio para a conclusão do trabalho.

¹ O tema é tratado de forma bastante específica nesta pesquisa: como é que as pessoas se entendem ao dialogar no radiojornalismo? Como sabem que estão se entendendo, numa entrevista por telefone? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente, numa relação assimétrica? Como usam seus conhecimentos lingüísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais, na entrevista por telefone ? Não custa lembrar, ainda, que as pesquisas citadas neste trabalho não foram criadas para a compreensão da produção radiojornalística.

² O mercado de trabalho, todos os livros sobre o segmento e o material em áudio existente no mercado não fazem a distinção entre radiofônico em geral e radiojornalístico. Entendemos a necessidade desta separação, já que não é possível misturar Heródoto Barbeiro (radiojornalístico) com Paulo Lopes (rádio popular). Cada profissional tem um público específico. Cada profissional tem uma linguagem muito particular, uma modo específico de interação com as audiências. É na linguagem do segmento radiojornalístico que esta pesquisa se fundamenta.

TABELA DE TRANSCRIÇÃO

PROJETO NURC/ SP

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas re TÊM Moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem... éh ::: ...dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o banco... Central...certo ?
Qualquer pausa	...	são três motivos...ou três razões...que fazem com que se retenha moeda... existe uma...retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando [as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira ? A. fizeram LÁ... [B. cozinham lá ?
Citações literais ou leituras de textos		Pedro Lima...ah escreve na ocasião...

durante a gravação	“ ”	“O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...

OBSERVAÇÕES ³:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, ta* (não por *está: ta?* você está brava ?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.

³ Tabela baseada nas normas de transcrição do projeto NURC/ SP, *in*: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*, FFLCH/ USP, 1995, p. 11.

4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem se combinar sinais. Por exemplo: oh:::.... (*alongamento e pausa*)
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dino Preti, pela atenção, pela dedicação e pela competência na orientação da Dissertação.

Aos colegas de radiojornalismo que fazem parte desta história: Heródoto Barbeiro, João Lara Mesquita, Marcelo Parada e Adhemar Altieri.

Deus !

À memória de meu pai (pedreiro), Mauro Francisco (queria que eu fosse motorista de táxi ou policial militar) e de minha mãe (doméstica), Maria do Carmo (não teve tempo de planejar nada para a minha vida- ambos morreram com cerca de 30 anos de idade).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 – O Material da pesquisa

1.1. O <i>Corpus</i> da pesquisa.....	29
1.2. A história do radiojornalismo no Brasil.....	30
1.3. A história da linguagem radiojornalística no Brasil.....	37
1.4. A entrevista radiojornalística e seus <i>elementos</i>	41
1.5. As várias entrevistas do radiojornalismo.....	45
1.6. A linguagem radiojornalística e a entrevista.....	47
1.7. Radiojornalismo em questão: da escrita para a fala x da fala para a escrita.....	49
1.8. Radiojornalismo e o prestígio da língua.....	51

CAPÍTULO 2 – CBN x Eldorado: Histórias e contrastes.....

2.1. A história da CBN.....	56
2.2. A linguagem radiojornalística e o manual da CBN.....	60
2.3. A linguagem radiofônica e o Manual da Redação da <i>Folha de S. Paulo</i>	62
2.4. Entrevista com Heródoto Barbeiro: entre o real e o ideal.....	63
2.5. Radiojornalismo: a importância das pesquisas no segmento.....	76

CAPÍTULO 3 – Eldorado x CBN: entre o ideal e o real..... 80

- 3.1. A história da Eldorado..... 81
- 3.2. A linguagem radiojornalística e o manual interno da Eldorado..... 87
- 3.3. A linguagem radiofônica e o Manual de Redação do *Estado*..... 89
- 3.4. Entrevista com Milton Leite: entre o ideal e o real..... 91
- 3.5. Radiojornalismo: “Poliglota na própria língua ?”.....104

CAPÍTULO 4 – Fundamentação Teórica: Contribuições da Análise da Conversação.....109

- 4.1. Breve histórico sobre a Análise da Conversação.....110
- 4.2. Entre o oral e o escrito: ajustes e desajustes na linguagem radiojornalística.....112
- 4.3. A entrevista radiojornalística por telefone e os organizadores globais.....114
- 4.4. Entrevista no radiojornalismo: Simétrica ou assimétrica ?...116
- 4.5. A modalização e a hesitação no radiojornalismo.....117
- 4.6. A preservação, ou não, da face no radiojornalismo.....120
- 4.7. A interação verbal no radiojornalismo.....122

CAPÍTULO 5 – Entre o prático e o teórico: análise dos aspectos conversacionais na entrevista radiojornalística.....	125
5.1. A conversação na entrevista radiojornalística: monólogo-diálogo- trílogo.....	126
5.2. Entrevista na CBN x entrevista na Eldorado.....	128
5.3. CBN: radiojornal do dia 28 de setembro de 2004, terça-feira.....	130
5.4. Eldorado: radiojornal do dia 1 de outubro de 2004, sexta-feira...	152
6.0. A linguagem radiojornalística e o texto dos jornais impressos na CBN: Retextualização ou cópia ?.....	167
CONCLUSÃO.....	182
ANEXOS.....	188
BIBLIOGRAFIA.....	214

INTRODUÇÃO

A história do rádio no Brasil, e mais recentemente do radiojornalismo, está associada, pela natureza do segmento, aos fatos mais importantes ocorridos no país há pelo menos 90 anos, desde setembro de 22, quando houve a primeira transmissão, do Rio de Janeiro para São Paulo, na festa do Centenário da Independência.

De lá para cá, com o processo de urbanização do Brasil, tendo-se a industrialização como base da movimentação do cidadão, do campo para a cidade, principalmente a partir da década de 50, no governo de JK, o aparelho de rádio, a pilha ou elétrico, passou a ser imprescindível em todos os lares nacionais.

Nem a televisão, implantada no Brasil no pós-guerra, com todo o seu poder de sedução pelo som e pela imagem, foi capaz de substituir o rádio como veículo de entretenimento, como veículo de informação ou como veículo educativo. Muito pelo contrário, o rádio- apesar das várias crises financeiras e técnicas- estava e está, cada vez mais, presente na vida das pessoas.

Com o passar do tempo, até por exigência do mundo moderno pela informação qualificada e pelo serviço, algumas empresas resolveram segmentar as suas programações: a novidade ficou por conta do aprofundamento do jornalismo e do surgimento de emissoras especializadas, as radiojornalísticas, seja em AM, seja em FM.

A partir de meados da década de 90, algumas emissoras jornalísticas, quatro, na época- CBN, Eldorado, Jovem Pan e Bandeirantes-, resolveram ampliar as suas programações, transmitindo, praticamente ao vivo, jornalismo nas 24 horas do dia.

Apesar do rápido desenvolvimento das radiojornalísticas, são, hoje, cinco emissoras- a Band News foi inaugurada em maio de 2005-, as emissoras não conseguiram identificar, até o momento, um padrão de linguagem para produzir e apresentar as suas atrações jornalísticas- só o padrão formal da língua interessava e interessa, tendo-se o texto do jornal como base- nada mais.

Das várias atividades realizadas pelo radiojornalismo, da pauta, primeiro momento da produção jornalística, à apresentação de noticiários, uma tem função bastante especial na estrutura da programação de qualquer emissora, a entrevista.

É a partir desta atividade técnico-jornalística- atividade investigada neste trabalho-, a entrevista, na relação próxima e “assimetricamente negociada” com o entrevistado, que o entrevistador pode definir, ou não, o conteúdo das outras atividades, como a nota, a edição, a opinião, a radioreportagem especial, o radiodocumentário, o debate, o programa de entretenimento, etc.

Até pela importância da entrevista, pela falta de estratégias conversacionais adequadas para a produção e apresentação da atividade no veículo, pela inexistência de uma literatura específica sobre o tema e pela

importância do radiojornalismo na vida do brasileiro, no campo ou na cidade, que há pertinência em se estudar o assunto.

Do *corpus*, sob o ponto de vista técnico-jornalístico, fazem parte dez horas de gravação do jornal de duas das principais emissoras jornalísticas de São Paulo: a CBN, Central Brasileira de Notícias- emissora do Sistema Globo de Rádio e a Rádio Eldorado- emissora do Grupo Estado. Também fazem parte do *corpus* cinco edições dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

A CBN e a Eldorado foram escolhidas para esta investigação devido às diferenças fundamentais, tanto no processo de produção de suas atividades quanto na linha editorial das emissoras. Os textos da *Folha* e do *Estado* servirão de contraponto sobre o quanto as emissoras copiam, ou não, o material publicado pelos jornais.

Também foram realizadas duas entrevistas de apoio (não fazem parte do *corpus*), com cerca de 15 minutos cada, com os jornalistas Heródoto Barbeiro, da CBN e Milton Leite, da Eldorado, responsáveis diretos pela produção jornalística e apresentação de programas das duas emissoras.

Na entrevista com os dois profissionais foi-nos possível constatar que as emissoras preocupam-se com o “falar” radiojornalístico nas produções cotidianas, só que a base de todas as atividades é o material publicado nos jornais e, mais recentemente, nos sites e nos portais noticiosos.

A base teórica deste trabalho, composta pela *Análise da Conversação*, vai contribuir, por exemplo, com aspectos interacionais que

possibilitem a manutenção de um diálogo técnico, entre entrevistador e entrevistado, numa entrevista por telefone, ao vivo, em tempo real, com o único objetivo de satisfazer às necessidades de determinada audiência.

Questões como *correção*, *heterocorreção*, *correção auto-iniciada*, *silêncios*, *pausas*, *hesitações*, *repetições*, *encaixamentos* e alguns marcadores específicos como *né*, *ah*, *viu*, etc., são vistos pelo jornalismo como “cacos ou muletas lingüísticas”. Erros, portanto, na produção radiojornalística.

Também são completamente desconhecidos pelos profissionais da área eventos lingüísticos mais específicos como *assimetria*, *modalização*, *face*, *interação*, *expressividade* da linguagem oral no radiojornalismo, entre outros.

Contraditoriamente, todos os fenômenos lingüísticos abordados nesta dissertação são amplamente utilizados pelos radiojornalistas em praticamente todas as atividades do setor, só que de forma intuitiva ou “no escuro”.

Importa dizer que a base da pesquisa está fundada no material- livros e conceitos- produzido pelo Projeto NURC/ SP. As análises estão centradas nas investigações lingüísticas realizadas, principalmente, pelos professores Dino Preti e Luiz Antônio Marcuschi.

Esta dissertação alcança o ineditismo por pesquisar, especificamente, o gênero entrevista, por telefone, ao vivo no radiojornalismo; por aproximar as teorias da *Análise da Conversação* à prática diária da

atividade, sob o ponto de vista técnico-jornalístico e por detalhar o processo de retextualização do texto jornalístico, do escrito para o falado, também, no radiojornalismo.

Levantamento divulgado pela Eca, em 2001, intitulado “A produção científica sobre o rádio no Brasil⁴” apresenta um mapeamento dos livros, artigos, dissertações e teses sobre o veículo no país, publicados no período de 1991 a 2001, identificando a sua origem e a preponderância dos temas abordados.

De toda o matéria coletado na pesquisa, foram identificados 63 livros, 82 artigos, 90 dissertações e 16 teses sobre o segmento de comunicação, num total de 251 produções.

Nenhuma das 106 teses ou dissertações pesquisou especificamente a linguagem do radiojornalismo ou o gênero entrevista no radiojornalismo, tendo-se como referencial teórico a *Análise da Conversação*, por exemplo.

Constatou-se que grande parte da produção dedica-se à história do rádio, à produção radiofônica, ao radiojornalismo esportivo, histórias regionais, casos e personagens, programas, às próprias emissoras e aos gêneros radiofônicos.

⁴<http://www.eca.usp.br/alaic/trabalhos2004/>- A pesquisa foi realizada em todas as universidades do país, tendo-se como foco principal a história do veículo. Nenhum trabalho semelhante foi defendido ou publicado, segundo o levantamento, no programa de Língua Portuguesa da PUC-SP. Os dados completos encontram-se no site www.pucrs.br/famecos/vozesrad.

Também por essa ausência de trabalhos especificamente sobre radiojornalismo, todas as pesquisas e investigações desta dissertação servirão de sinalização, pelo menos, tanto para os acadêmicos quanto para os profissionais do segmento, para a criação de uma linguagem muito mais próxima do ideal, do que aquela que existe hoje no mercado, que só privilegia a língua de prestígio, a padrão.

A preocupação dos radiojornalistas está, hoje, principalmente, no campo das questões fonético-fonológicas. Valorizam-se, neste momento, a grafia e a pronúncia das palavras, nada mais, além, claro, da linguagem culta.

Um aspecto extremamente importante, em qualquer produção textual, a profundidade, fica por conta da “criatividade” do radiojornalista, muitas vezes, jovem o bastante para produzir um texto sem qualquer sentido ou intencionalidade.

Apesar dos aspectos que servirão de base teórica nesta análise, há, ainda, um longo caminho a ser percorrido, utilizando-se a conversação para a compreensão do escrito e do falado, numa espécie de *continuum tipológico das práticas sociais*, no radiojornalismo, tendo-se como perspectiva a sinalização, pelo menos, para uma linguagem no meio.

Devido ao uso intuitivo dos marcadores conversacionais no radiojornalismo e pela importância conferida ao padrão formal da língua em oposição ao *continuum tipológico das práticas sociais*, há, assim entendemos, o que denominamos de “descontinuum tipológico”, já que teóricos e práticos do rádio tratam a fala e a escrita como formas

completamente diferentes de comunicação: a escrita, segundo esse entendimento, sobrepõe-se à fala, sempre.

Para Luiz Antônio Marcuschi (2003: 37), o texto e a fala ocorrem na seguinte situação:

“A hipótese que defendemos supõe que: as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.”

Graficamente, a situação também, de forma bastante simplificada, pode ser explicada da seguinte forma:

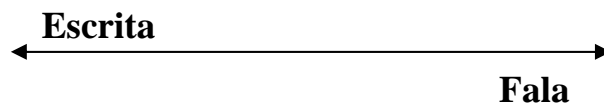
Continuum tipológico de Marcuschi



Marcuschi (2003: 38) esclarece que “Um dos aspectos centrais nesta questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas lingüísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema lingüístico.” Para Marcuschi “são, portanto, realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala.”

Contrariamente ao que pensa Marcuschi (há clareza de que a reflexão em destaque não foi produzida para o radiojornalismo), a ilustração do pensamento da comunicação instrumental, no radiojornalismo, por exemplo, pode ser explicada da seguinte forma:

“Descontinuum tipológico”



De forma preconceituosa, ou não, a comunicação trata a escrita e a fala, com a superioridade da primeira sobre a segunda, como formas completamente diferentes de se apresentar uma informação.

Queremos ressaltar que, também de forma inédita, esta pesquisa, diferentemente de toda a literatura sobre rádio, faz uma clara distinção entre os programas radiofônicos em geral e os programas radiojornalísticos.

A separação entre um formato e outro se faz necessária devido ao rápido desenvolvimento do jornalismo no rádio, principalmente nos últimos dez anos, com a transformação de rádios musicais em rádios segmentadas. Assim, já há, no mercado, uma linguagem muito específica que merece a atenção de lingüistas e profissionais da área.

Também vale ressaltar que o tratamento dispensado aos profissionais da área sempre foi o de radialistas. Neste ponto, talvez, esteja toda a distorção sobre a criação e o uso de uma linguagem adequada e pensada de acordo com as teorias jornalísticas, em conjunto com as teorias lingüísticas.

O radialista do passado pensava uma rádio, no mercado e na academia, plasticamente- com o privilégio do som sobre o conteúdo-, na maioria das vezes. O conteúdo ou o texto, sob o ponto de vista estrutural, nem sempre tinha relevância na pauta do veículo.

A partir da ampliação do conteúdo jornalístico das emissoras segmentadas, surge a necessidade de se pensar, produzir e de se apresentar os programas privilegiando aspectos como, por exemplo: Como falar adequadamente para um ouvinte crítico ? Como prender a atenção deste ouvinte ? Como adequar a minha linguagem à linguagem do ouvinte (variação) ? Qual o valor das palavras ? Como as pessoas sabem que estão se entendendo coordenada e cooperativamente ? Como as pessoas criam, desenvolvem e resolvem problemas interacionais ? Como cativar a audiência pela linguagem ?

Todos os questionamentos feitos acima serão analisados, ao longo desta pesquisa, além de outras questões, também importantes, como forma de pontuar e de repontuar a necessidade de se entender as estratégias comunicacionais da linguagem radiojornalística atual.

Esta dissertação apresenta, inicialmente, um histórico do radiojornalismo e um histórico da linguagem radiojornalística no Brasil, ou, no mínimo, o que poderia sê-lo, já que não existem pesquisas específicas sobre o assunto, nem sob o ponto de vista jornalístico, nem sob o ponto de vista lingüístico.

O primeiro capítulo também situa o leitor sobre o *corpus* da pesquisa, além de pontuar a importância que o radiojornalismo confere, ainda hoje, para o padrão formal da língua. Embora a análise específica do *corpus* esteja no quinto e no sexto capítulos, conclusões parciais facilitam o entendimento do que caracterizamos de *continuum tipológico* x “descontinuum tipológico”.

O segundo capítulo discute a história de criação da CBN e faz uma espécie de “desconstrução” da linguagem no veículo. Complementa o esforço de entendimento do como a emissora produz e apresenta suas atividades radiojornalísticas, uma entrevista de apoio, de cerca de quinze minutos, com o responsável pela programação, jornalista Heródoto Barbeiro.

No terceiro capítulo, a exemplo do segundo, há uma espécie de “desconstrução” da linguagem utilizada na programação da Eldorado. O entrevistado, neste caso, foi o editor-chefe da emissora, jornalista Milton Leite. Percebemos, nos levantamentos parciais, uma diferença radical do modo de se fazer jornalismo nas duas rádios, embora pertençam a um mesmo segmento.

O quarto capítulo apresenta uma transição entre a prática e a pesquisa e traça um histórico da teoria que fundamentará esta dissertação: a *Análise da Conversação*. No final deste quarto capítulo, são detalhados os aspectos teóricos que serão aproximados às atividades radiojornalísticas, na parte final do trabalho.

No quinto capítulo, analisamos, efetivamente, de acordo com o *corpus* da pesquisa, o modo pelo qual a CBN e a Eldorado apresentam a sua audiência algumas das mais importantes atividades do veículo, tendo-se como referência o gênero entrevista, por telefone, ao vivo.

No sexto e último capítulo, comparamos e analisamos duas reportagens, uma publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* e outra publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, no mesmo dia. As mesmas

reportagens foram veiculadas ou lidas no jornal da CBN, com pequena variação vocabular, numa espécie de paráfrase, caracterizando-se o “descontinuum tipológico.

Conclui-se, *a priori*, que o jornalista Heródoto Barbeiro, na leitura das notícias publicadas nos dois jornais, elimina todos os marcadores conversacionais utilizados, por exemplo, na realização da entrevista que faz parte do *corpus* deste trabalho.

Sentimos, ao longo desta investigação, que não só o radiojornalismo, mas, também, os outros veículos da mídia eletrônica, como a tv e os veículos digitais, precisam de uma atenção especial dos lingüistas na formulação de uma linguagem específica. O avanço tecnológico no setor, notadamente nos últimos cinco anos, está transformando profundamente a relação sociedade, língua, mídia, sociedade.

Há que se entender, entre outras coisas, o processo interacional entre o emissor, a audiência e a convergência de som, imagem e texto, tudo na tela do computador, a chamada convergência das mídias.

Isso quer dizer que os pesquisadores interessados nas questões que envolvem a produção e a apresentação das atividades, principalmente nos veículos eletrônicos e digitais, terão muito trabalho para entender e definir alguns parâmetros lingüísticos dos segmentos que se consolidam, por um lado, e, por outro lado, daqueles veículos que começam a tomar forma neste momento.

A conclusão desta dissertação deverá servir, portanto, de orientação para a criação de estratégias conversacionais na produção e na apresentação das diversas atividades radiojornalísticas, levando-se em consideração as pausas, as correções, as hesitações, os silêncios, etc.

Os aspectos abordados da *Análise da Conversação* poderão servir de estratégias não mais intuitivas, apenas, no processo de interação entre o entrevistador, o entrevistado e os interesses da audiência no radiojornalismo.

O conhecimento específico sobre as estratégias conversacionais apresentadas pela *Análise da Conversação*, no radiojornalismo, por exemplo, poderá capacitar o radiojornalista na utilização de alguns mecanismos da fala não mais como “muletas lingüísticas, cacos ou erros”, e sim, como formas planejadas de interação na relação com o entrevistado, com o próprio veículo e com a audiência, cada vez mais exigente.

CAPÍTULO 1 – O material da pesquisa

1.1. O *corpus* da pesquisa

O objeto de análise desta pesquisa é, prioritariamente, resultado de gravações, em fita cassete, vinte ao todo, do Jornal Eldorado, primeira edição, veiculado diariamente, entre 6h e 10h da manhã e Jornal da CBN, também veiculado diariamente, entre 6h e 9h30 da manhã. Todo o material gravado, dez horas, ao todo, ao vivo, entre os dias 27 de setembro e primeiro de outubro de 2004, foi posteriormente transcrito e as análises, na transcrição técnica, seguem as regras do Projeto NURC-SP. Apesar do nosso conhecimento específico do radiojornalismo- temos 15 anos de profissão, sempre na reportagem-, sentimos a necessidade de realizar uma entrevista presencial (face-a-face), também gravada em fita cassete, com os dois principais responsáveis pela programação da Eldorado (Milton Leite) e da CBN (Heródoto Barbeiro), para verificar se o que se diz, na redação, é o mesmo que fazem os repórteres e âncoras, no uso adequado, ou não, da linguagem e na apresentação das atividades radiojornalísticas. As entrevistas também tiveram como objetivo identificar os rumos que os chefes de redação pretendem dar à linguagem radiojornalística no cotidiano das emissoras. Complementam o *corpus* da pesquisa cinco edições do jornal *Folha de S. Paulo* e cinco edições do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao longo desta investigação, as notícias publicadas pelos dois jornais serão comparadas com as mesmas notícias veiculadas pelas duas emissoras, com o objetivo de demonstrar, empiricamente, a transformação ou retextualização, do escrito para o oral. Outro aspecto importante a ser investigado nesta relação do escrito para o oral é a inclusão, ou não, de

marcadores conversacionais no monólogo do diálogo do trílogo⁴ no radiojornalismo. Os três fenômenos lingüísticos ocorrem simultaneamente no momento de realização, principalmente, de entrevistas, por telefone ou presenciais, ao vivo.

1.2. A história do radiojornalismo no Brasil

A história do radiojornalismo confunde-se com a história do próprio rádio brasileiro, a partir do processo de implantação⁵ do veículo no Brasil, em setembro de 1922.

Pensado inicialmente para funcionar segundo as bases do tripé formação, informação e entretenimento, o que seria chamado mais tarde de jornalismo radiofônico, e hoje de radiojornalismo, passou a fazer parte das transmissões anos após a fase experimental de algumas emissoras do Rio de Janeiro, então capital federal, e logo depois de São Paulo.

⁴Entendemos que o fenômeno, no radiojornalismo, ocorre da seguinte forma: monólogo seria o diálogo do entrevistador com o próprio texto escrito (pauta, por exemplo), processo de entendimento, compreensão; diálogo envolveria a relação entre o entrevistador e o entrevistado, na busca da informação mais objetiva; trílogo envolveria, no conjunto, a relação entre entrevistador, entrevistado e ouvinte-este último participa com o envio de mensagens por variados canais: telefone, fax, carta, e-mail, reportagens, presença física no estúdio, etc. Fica mais fácil, desta forma, entender-se o processo de interação no radiojornalismo.

⁵A primeira experiência radiofônica brasileira, documentada em texto e áudio, ocorreu no dia 7 de setembro de 1922, na transmissão de uma parada militar, do Rio de Janeiro para São Paulo, nas comemorações pelo Centenário da Independência do Brasil. Por isso, o entendimento de que o processo de implantação deu-se a partir de 22.

Das milhares de emissoras radiofônicas inauguradas e fechadas em todos os estados brasileiros, a partir do início da década de 20 do século passado, pouco se sabe sobre a existência de algum veículo que se possa, com segurança, dizer que foi, ou é, representante original do radiojornalismo.

Antes de continuar com a linha de raciocínio sobre a história do radiojornalismo no Brasil, ou o que poderia sê-lo, há que se conceituar, de alguma forma, jornalismo radiofônico ou radiojornalismo, e programas radiofônicos variados, aqueles que fazem parte da base da programação das emissoras mais populares.

Há uma grande confusão entre os leigos, e entre muitos especialistas, também, sobre a definição de jornalismo e de entretenimento, seja no rádio, seja na televisão. Mesmo os programas mais populares, e até os religiosos, com interesses específicos, agregam uma certa quantidade de informação dirigida à programação e se auto-proclamam radiojornalísticos ou telejornalísticos. Decididamente, não o são.

Um jornal radiofônico ou um programa radiojornalístico é aquele em que predominam a difusão de notícias, toda ordem de textos opinativos, entrevistas ou reportagens e que atende, de alguma forma, a necessidade de informação e o interesse de parcela significativa de determinada sociedade, a chamada audiência.

O noticiário corresponde, tradicionalmente, a uma versão radiofônica dos periódicos impressos, reunindo várias formas jornalísticas (boletins, comentários, editoriais, seções fixas – meteorologia, trânsito, estradas e

mercado financeiro). Os assuntos são agrupados em editorias, regiões geográficas, similaridade ou, mais recentemente, em fluxo.

Nas emissoras dedicadas ao jornalismo, a importância da notícia rege todo o trabalho realizado. Se o fato é extremamente significativo para o público, sua divulgação obriga a interrupção de qualquer programa.

Luiz Artur Ferrareto em *Rádio: o veículo, a história e a técnica* assim classifica o jornalismo radiofônico:

“Engloba o que os norte-americanos denominam de *all news*, exclusivamente voltado à difusão de notícias; *all talk*, em que preponderam a opinião, a entrevista e a conversa com o ouvinte; e *talk and news*, no qual há uma mescla das anteriores. O formato informativo apresenta nuances. A sua adoção não significa, portanto, que as emissoras tenham programações com finalidades idênticas.” (Ferrareto, 2001: 61)

Radiojornalísticas, portanto, são aquelas emissoras cuja programação é dedicada integralmente à informação e ao serviço, mesmo que num determinado período algum programa dedique parte do tempo à música, à televisão ou ao teatro.

São consideradas eminentemente jornalísticas, em São Paulo, com as devidas variações apresentadas acima por Ferrareto, as seguintes emissoras: CBN-AM (780)-FM (90,5), Eldorado-AM (700)- FM (92,9), Bandeirantes-AM (840)-FM (90,9), Band News-FM (96,9) e Jovem Pan-AM (620)-FM (100,9).

Todas as outras emissoras da capital paulista, cerca de 70, e algumas da Grande São Paulo, apenas agregam informação jornalística à grade de programação- nada mais. Vale a ressalva: a Eldorado FM e a Jovem Pan FM transmitem apenas o jornal da manhã, produto mais importante da grade, o restante da programação é musical, com registros jornalísticos.

Retomando a linha de raciocínio sobre a história do radiojornalismo no Brasil, Ferrareto esclarece sobre a origem da programação radiofônica, e não jornalística:

“O Rádio começa, embora lentamente, a ganhar contornos massivos em 1924, quando Elba Dias populariza as transmissões, lançando a Rádio Clube do Brasil, no Rio de Janeiro. A indústria fonográfica já existia no país desde o final do século 19. Dias aproveita e, ao mesmo tempo, serve de incentivador a cantores em ascensão na época, como Francisco Alves e Mário Reis. O Rádio começa, de forma embrionária, a compartilhar interesses com a produção de discos e de espetáculos. Deste modo, o popular vai substituir o erudito e o interesse comercial passa, em seguida a ocupar o espaço do idealismo dos pioneiros Edgard Roquette-Pinto e Henry Moritze.”

(Ferrareto, 2001: 21)

Percebe-se, claramente, que o rádio brasileiro começou musical e com a programação voltada para as classes média e alta, sem, claro, a especificação de uma classe A, B, ou C, como há hoje. A popularização ou massificação do veículo ocorreu a partir da década de 30, no governo do então presidente Getúlio Dornelles Vargas.

Apesar da estrutura artístico-musical, houve um esforço, na época, para que a informação jornalística, de alguma maneira, mínima que fosse, fizesse parte da programação das poucas emissoras existentes no país.

Ainda na década de 20, Edgard Roquette-Pinto, considerado o “pai” do rádio no Brasil, assim definia o novo veículo de comunicação:

“O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.” (Ferraretto, 2001: 97)

Vários foram os esforços, portanto, para que o rádio, ainda na década de 20, adotasse o jornalismo como forma ou como gênero.

Outro exemplo desse altruísmo está no depoimento sobre o pai, de Maria Beatriz Roquette-Pinto, filha do pioneiro da radiodifusão no Brasil, registrado na série de programas audiofônicos (cinco cds) *O Rádio no Brasil* (2002), produzidos pela de BBC de Londres:

“Ele fazia o Jornal da Manhã de uma maneira muito original. Pegava todos os jornais, com lápis grande – sempre andava com lápis vermelho na mão – e riscava todas as notícias que achava interessante para rádio (...)Ele tinha um telefone direto para a Rádio Sociedade. Então, mandava o João Lado Júnior, que era o técnico: ‘você pode pôr a estação no ar!’. E ele mesmo falava sobre cada assunto.”

As primeiras tentativas de se transmitir informação e serviço ao ouvinte brasileiro surgiram em meados da década de 20. Maria Elvira Bonavita Federico confirma o fato da seguinte forma:

“Por volta de 1925, a Rádio Sociedade já emitia, além do Jornal da manhã, efetivado por Roquette, que comentava as notícias dando um cunho de jornalismo interpretativo, pois se reportava ao evento comentando historicamente, fazia um apanhado geral da situação da época e preconizava sobre as tendências dos acontecimentos; o Jornal do meio-dia, o Jornal da tarde e o Jornal da noite já eram acompanhados de suplementos musicais e abrangiam páginas literárias, agronomia, esportes, seção feminina, doméstica e infantil.”
(Ferraretto, 2001: 101)

Ainda segundo Luiz Artur Ferraretto, o radiojornalismo cresce em importância durante a Segunda Guerra Mundial, em meados da década de 40. No espírito da aproximação brasileira com os Estados Unidos, irrompe nos receptores o *Repórter Esso*, identificado por uma característica musical e textos de abertura que ficariam na memória de milhares de ouvintes de todo o país:

“- Prezado ouvinte, bom-dia. Aqui fala o Repórter Esso, testemunha ocular da história, apresentando as últimas notícias da UPI.”

Ou:

“- Prezados ouvintes, bom-dia. Aqui fala o Repórter Esso, porta-voz radiofônico dos revendedores Esso, apresentando as últimas notícias da UPI.” (Ferraretto, 2001: 127)

Patrocinado pela Esso Brasileira de Petróleo e com noticiário da United Press International, a estréia do *Repórter Esso* deu-se às 12h55 do

dia 28 de agosto de 1941. Outras experiências radiojornalísticas iniciadas entre as décadas de 40 e de 50, que merecem destaque, são *O Globo no Ar-Sistema Globo de Rádio* e *O Grande jornal falado Tupi*, da Rádio Tupi.

Para finalizar, o pesquisador André Barbosa Filho define o entretenimento no rádio:

“Considerado por muito tempo como de menor importância, em decorrência de seu caráter diversional, o gênero de entretenimento desperta, na atualidade, crescente interesse de profissionais e de pesquisadores. As características deste gênero ligam-no ao universo do imaginário, cujos limites são inatingíveis e causam proximidade e empatia entre a mensagem e o receptor que não podem ser desprezadas, sob o preço cruel da perda de contundência na transmissão dos significados de uma determinada informação para o público. Tal gênero tem a possibilidade de explorar com maior profundidade a riqueza do universo da linguagem do áudio, se comparado com outros gêneros.” (Barbosa Filho, 2003: 113)

Há, portanto, por um lado, os programas radiojornalísticos, segundo o conceito norte-americano, que são: *all news*, *talk and news* e *all talk*-modelo seguido por praticamente todas as emissoras radiojornalísticas brasileiras, há mais de 60 anos. Uma emissora, em especial, a Band News, inaugurada em maio de 2005, se diferencia das outras quatro (CBN, Eldorado, Bandeirantes e Jovem Pan), com um jornalismo muito próximo do *all news*.

Por outro lado, os programas de entretenimento são classificados por André Barbosa Filho como musical, ficcional, artístico, interativo de

entretenimento, etc. No grupo dos programas de entretenimento ou de variedades também entram os religiosos, os culturais, os populares e os programas mistos.

A diferenciação entre programas radiojornalísticos e programas em geral se faz necessária pela especificidade da linguagem aplicada na produção e na apresentação de cada um, tema que será melhor explorado ao longo desta pesquisa.

Quanto mais se diferenciarem os formatos ou os gêneros, mais diferentes serão os públicos ou audiência e mais específica será a linguagem.

1.3. A história da linguagem radiojornalística no Brasil

As emissoras radiojornalísticas do Brasil ainda não conseguiram definir, de forma integral e única, uma forma de se falar em radiojornalismo. De forma mais específica, os profissionais que atuam na área produzem os textos, entenda-se noticiário, em todos os níveis, e atividades mais complexas do radiojornalismo, tendo-se como referência exclusiva os textos da mídia escrita- jornais impressos, revistas, publicações científicas e, mais recentemente, o material veiculado na *internet*- de todos os gêneros.

Pela falta de uma linguagem específica no veículo, os jornalistas de radiojornalismo foram acusados, ao longo da história, de fazerem o que pejorativamente passou a ser conhecido, desde Edgard Roquette-Pinto, na década de 20, como *gilette-press*. Reportagens, entrevistas e, às vezes, até

páginas inteiras dos jornais impressos eram recortadas e coladas em laudas, para a leitura literal do material pelos antigos locutores, hoje âncoras.

As acusações continuam, já que todas as redações, desde meados da década de 90, foram informatizadas: o *gilette-press* se transformou em *internet-press*- leitura literal, no ar, do material virtual publicado pelos portais e pelos *sites* noticiosos.

A situação é confirmada por um dos mais importantes nomes da mídia brasileira, jornalista Heródoto Barbeiro, âncora da TV Cultura e âncora da Rádio CBN, entrevistado para esta pesquisa: “Sim, isso acontece, sim, ainda hoje”, garante.

Os computadores instalados em praticamente todas as redações e estúdios das emissoras ocupam o lugar da mídia impressa. Artigos, reportagens, entrevistas e serviços são reproduzidos diariamente pelas rádios, muitas vezes sem o devido crédito.

Claro que a *gilette-press* e a *internet-press* não ocorrem somente porque as emissoras, ou o mercado radiojornalístico, não criaram uma linguagem específica para o segmento. Outros problemas, alguns muitíssimo graves, envolvendo estrutura das redações, tamanho das equipes, formação dos profissionais, falta de investimentos e falta de ética, além da distância daquilo que ensinam as universidades e daquilo que fazem as emissoras aprofundam a confusão sobre a linguagem radiojornalística, se é que existe uma.

O esforço de pesquisadores e de profissionais do jornalismo, ao longo do tempo, em se criar uma linguagem específica para o radiojornalismo concentrou-se em apenas duas questões técnicas, apesar da variedade de possibilidades apresentadas pelo próprio jornalismo e pela Análise da Conversação, por exemplo.

Dos livros publicados nos últimos anos sobre o assunto, assumiram um grau superior de importância, no que alguns definem e até defendem como linguagem, a grafia e a pronúncia corretas das palavras.

Há casos em que alguns autores elaboram listas de palavras consideradas por eles como inusuais no radiojornalismo, simplificando o falar no radiojornalismo ou simplificando a oralidade radiofônica.

Ferraretto, por exemplo, diz o seguinte sobre linguagem radiofônica:

“Quem trabalha em rádio deve ter em mente os limites e possibilidades da língua falada e da língua culta. Na vida cotidiana, a primeira é marcada, além da óbvia oralidade, pelo seu caráter espontâneo e imediato em que o discurso torna-se, por vezes, repetitivo e redundante. Frases feitas servem de muleta para dar continuidade ao relato. A presença de um interlocutor provoca uma interação, afeta o diálogo. Passada para a forma gráfica, ganha em permanência. Torna-se, também, mais trabalhada em oposição ao improvisado da língua falada. A redundância, quando aparece, tem função estilística. Em tudo, a língua escrita busca maior objetividade. O possível interlocutor - o leitor - está distante de quem comunica, de quem escreve. (Ferraretto, 2001: 332)

O trecho acima ilustra o quanto a linguagem radiofônica ou radiojornalística é entendida, por enquanto, como um instrumento de

comunicação, apenas- além da dicotomia e valorização- preconceito, assim entendemos- da língua escrita, em detrimento da língua falada. A linguagem é tratada e ensinada de forma instrumental.

Ferrareto chega a confundir, ao final da explicação sobre a linguagem de rádio, na penúltima linha do destaque, ouvinte- aquele que ouve ou que escuta rádio- com leitor- aquele que lê as notícias nas páginas dos jornais ou das revistas.

Luiz Artur Ferrareto acrescenta que “de um lado, portanto, tem-se uma linguagem definida pela norma que estipula padrões de ortografia, acentuação, pontuação...De outro, aparece o idioma das ruas que, a partir dessa padronização, sofre a influência do grau de instrução de quem fala, do seu grupo social, da região, enfim, do entorno social.” Entre uma e outra equilibra-se o texto radiofônico, finaliza o autor.

Emílio Prado concorda com Ferrareto, quando afirma:

“Ao escrever um texto jornalístico para o rádio é preciso sentar-se diante da máquina de escrever pensando que se vai elaborar um texto para ser ouvido, para ser contado, e não para ser lido. Esta atitude facilitará a difícil tarefa de oferecer em umas poucas frases, breves e simples, a mesma informação que o jornal ocupará vários parágrafos de elaboração literária ‘brilhante’.” (Prado, 1989: 29)

Emílio Prado vai mais longe na forma simplista de entender a linguagem radiofônica quando explica que “o primeiro elemento a levar em conta (referindo-se à linguagem radiofônica) é a *pontuação*”. O texto de

1989 relembra, ainda, o uso da máquina de escrever, equipamento já aposentado nas redações.

Para finalizar, o autor esclarece, paradoxalmente: “A definição de notícia no rádio nunca obteve consenso”. Emílio Prado diz mais:

“Diversos autores, diversas escolas, diversas épocas dão assim mesmo definições diversas. Desde Spencer (1917) a Martinez Albertos (1972), uma plêiade de autores deram suas definições, algumas opostas, outras complementares, mas todas matizadas e diferenciadas.” (Prado, 1989: 47)

Emílio Prado, a exemplo de diversos autores e profissionais do segmento, confunde linguagem com língua e reduz o falar em rádio, de forma geral, e radiojornalismo, de forma específica, com a grafia e com a pronúncia das palavras- nada mais.

Desta forma, concluímos, nesta parte do trabalho, que a exemplo da história do radiojornalismo brasileiro, a história da linguagem radiojornalística também carece de uma pesquisa aprofundada e séria na definição científica de como se falar no segmento, levando-se em consideração as técnicas do jornalismo, as técnicas de comunicação e a Análise da Conversação.

1.4. A entrevista radiojornalística e seus *elementos*⁶

A entrevista no radiojornalismo, a exemplo do que ocorre nas outras

⁶O termo *elementos* foi criado para especificar, apenas neste trabalho, as derivações dos produtos radiojornalísticos, a partir da pauta e, conseqüentemente, da entrevista.

mídias, tem início numa outra atividade, tão ou mais complexa do que a própria entrevista, que é a pauta. Inicia-se, a partir daí, da pauta, um processo que vai resultar em vários *elementos* radiojornalísticos que facilitarão a compreensão do ouvinte, telespectador ou leitor em relação a determinado fato, em relação a determinado assunto.

Luiz Artur Ferrareto assim define a pauta:

“Base da atividade do repórter, a pauta não deve ser encarada como uma imposição. Representa, na realidade, um parâmetro, um indicativo por onde começar o trabalho jornalístico. O responsável por ela é o pauteiro, aquele profissional que atua na retaguarda da reportagem. Ele define os assuntos que merecem cobertura e de que forma isto vai ocorrer, usando como parâmetros:

- . sua experiência pessoal;
- . as informações recebidas pela emissora;
- . as sugestões dos repórteres a partir de pautas anteriormente realizadas;
- . os critérios de validação jornalística do fato como notícia;
- . a linha editorial da empresa;
- . o público da emissora.”

(Ferrareto, 2001: 250)

Contraditoriamente à sua importância, muitos livros e publicações radiofônicas e radiojornalísticas simplesmente ignoram qualquer informação ou orientação objetiva sobre a produção e a execução da pauta, momento em que o jornalismo exige uma capacidade de observação, de reflexão e de ação do jornalista que atua no rádio, no radiojornalismo ou na mídia em geral.

O Jornalista Marcelo Parada, no livro *Rádio: 24 horas de Jornalismo*, resume em dez itens os pontos importantes que devem conter uma pauta:

- 1) “Selecione os temas do dia com rigor. Lembre-se: quem quiser acompanhar todos os seminários e congressos precisa de uma equipe de 1200 repórteres! Veja o que de fato interessa e elimine o resto.
- 2) Não abra mão de acompanhar assuntos levantados pela sua rádio. Haverá grande tentação para tirar o repórter de um assunto exclusivo e mandá-lo para uma entrevista coletiva, como todos os seus concorrentes fazem.
- 3) Seja diferente.
- 4) Crie formas (reuniões específicas, caixa de sugestões) para assegurar pautas exclusivas.
- 5) Todos os funcionários são “pauteiros” e podem ter alguma informação que renda uma boa reportagem.
- 6) Reflita sempre se você está antenado com o mundo das pessoas “normais”. O que está acontecendo na feira, na novela, no novo programa infantil, nos sites da internet, tudo interessa.
- 7) Preste muita atenção ao que diz o ouvinte por telefone, fax, e-mail ou carta.
- 8) Acredite: a grande reportagem pode nascer de um telefonema no meio de um plantão tedioso.

- 9) Saiba quando virar o jogo e concentrar todo o seu esforço em um único assunto, se for o caso.
- 10) Leia tudo o que lhe cair nas suas mãos e tente imaginar o que renderia como reportagem no rádio.” (Parada, 2000: 90-91)

A partir da pauta, uma espécie de roteiro para a fase inicial de produção da notícia, e não de produção do fato, fica mais fácil entender os procedimentos para a realização de uma entrevista. No caso do jornalismo, diferentemente do material produzido pelo Projeto NURC-SP, a pauta é de extrema importância para o sucesso na busca da informação.

Da pauta partimos para a entrevista, a atividade mais importante no radiojornalismo para a produção dos diversos *elementos* do segmento. Os jornalistas Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima têm uma definição bastante específica para o gênero:

“A entrevista é uma das práticas jornalísticas mais antigas. Em veículos de comunicação como o rádio, ela adquire importância ainda maior porque é capaz de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a emoção. Ela se manifesta tanto no entrevistado como no entrevistador. Boas entrevistas são as que revelam novos conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões. Há uma arte de perguntar e de se conseguir tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer sobre determinado assunto, que vai se aprimorando com o tempo. Quando isso acontece, a notícia avança e abre espaços para novas entrevistas e reportagens.” (Barbeiro e Lima, 2001: 46)

O radiojornalismo, nesta atividade específica, trabalha com o par dialógico- a forma tradicional em áudio, sempre, de perguntas-e-respostas-,

numa relação, entre entrevistador e entrevistado, embora não admitida explicitamente, eminentemente assimétrica.

Não existe, segundo teóricos do jornalismo e profissionais que atuam na área, qualquer possibilidade de o entrevistado, de alguma forma, conduzir ou comandar a entrevista. Se isso ocorrer, em algum momento na relação entre entrevistador e entrevistado, no entendimento dos profissionais da área, o interesse do ouvinte não estaria sendo atendido já que o jornalista pergunta aquilo, e só aquilo, que a audiência quer ouvir.

A entrevista, principal fonte de captação de informação jornalística, poderá desdobrar-se em diversos outros *elementos* radiojornalísticos, como: nota, edição de gravação, edição de texto, editorial, crônica, reportagem, radorreportagem especial, radiodocumentário, etc. O grau de profundidade e o grau de importância de todos os *elementos* jornalísticos apresentados acima ou desdobramentos dependem da qualidade e da profundidade da própria entrevista.

1.5. As várias entrevistas do radiojornalismo

São vários os tipos de entrevista, dezenas. A literatura jornalística, mais, muito mais do que a prática do mercado, registra cerca de uma dezena de tipos e formas de se fazer uma entrevista, sem muita distinção entre rádio, radiojornalismo, televisão ou telejornalismo, mídia impressa e, mais recentemente, o jornalismo on-line.

Emílio Prado, por exemplo, em *Estrutura da Informação Radiofônica*, apresenta algumas das formas de se realizar a atividade no radiojornalismo:

“A entrevista é um dos gêneros jornalísticos aquele que mais tem adaptabilidade ao rádio e às características específicas do veículo. É uma das fórmulas mais ágeis para dar a conhecer uma informação ou para aprofundar o conhecimento dos fatos e suas conseqüências, assim como para aproximar-se da personalidade dos protagonistas das ‘histórias’.” (Prado, 1989: 57)

Os principais tipos de entrevista, na visão de Emílio Prado, são os seguintes: entrevista direta, entrevista diferida, entrevista de caráter, entrevista “noticiosa”, entrevista de informação estrita, entrevista de informação em profundidade, entrevista “abundante”. Todos os tipos de entrevista listados acima seguem o tradicional par dialógico perguntas-e-respostas, com um mesmo objetivo, a busca da informação.

O autor conceitua a entrevista radiofônica:

“A entrevista, em todos os seus tipos e modelos, é formalmente um diálogo que representa uma das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, fruto do diálogo. Esta interação - natural na comunicação humana a nível oral - exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar.” (Prado, 1989: 57)

Duas considerações importantes devem ser feitas nesta parte da pesquisa: os tipos de entrevista, de acordo com os modelos apresentados por Emílio Prado, têm formato semelhante ao formato das entrevistas dos jornais, das revistas e das televisões- o radiojornalismo foi ignorado.

Outro aspecto importante a ser ressaltado está no fato de o autor não diferenciar o radiofônico - rádio de forma genérica- com o radiojornalismo- rádio de forma específica. Para finalizar, reafirmamos que a separação entre um e outro é de extrema importância, pois, os processos de produção, de apresentação e os objetivos são completamente diferentes. Mais, os públicos também são diferentes.

1.6. A linguagem radiojornalística e a entrevista

A relação entre a incipiente linguagem radiojornalística e a entrevista, pelo menos por enquanto, no papel, não existe. Existem, sim, algumas orientações, nas redações, sob o ponto de vista técnico-jornalístico, sobre como o jornalista de rádio (radiofônico, portanto) deve iniciar, fazer as perguntas e encerrar uma entrevista, e só.

Um fato piora ainda mais a situação: para alguns profissionais do jornalismo, às vezes, até para pesquisadores, a entrevista da televisão, do jornal, da revista e até da internet pode ser reproduzida, na íntegra e sem reparos, num programa popular, ou mesmo num programa radiojornalístico.

Queremos dizer, com as explicações anteriores, que não existe um padrão ou uma orientação específica para o planejamento, para a produção e para a apresentação de uma entrevista radiojornalística. A maior parte da literatura sobre o assunto trata de entrevistas da área científica, caso do material produzido pelo Projeto NURC-SP, e entrevistas de interesse exclusivo da área impressa, jornais e revistas.

O jornalista Milton Jung, por exemplo, no livro *Jornalismo de Rádio*, faz um breve resumo do que seria a linguagem ideal, que serviria até para a realização de entrevistas:

“Na linguagem oral cometem-se crimes inafiançáveis, como a pronúncia distorcida de alguma⁷ palavras. Subsídio, por exemplo, se escreve com ‘s’ e tem o som de ‘s’, não de ‘z’ como muitas vezes se ouve no rádio e na televisão. A norma geral diz que ‘s’ entre vogais soa ‘z’, portanto análise deve ser lida ‘análize’, enquanto subsídio, que não tem o ‘s’ entre vogais, deve ser lido ‘subssídio’. Erros comuns na pronúncia ocorrem com ‘gratuito’, ‘intuito’ e assemelhados. Erroneamente fala-se como se o ‘i’ tivesse acento agudo.” (Jung, 2004: 85)

Percebe-se, claramente, que a grande preocupação do jornalista, nestas orientações básicas sobre linguagem, é com a norma culta da língua, nada mais.

Especificamente sobre a realização da entrevista, Milton Jung faz a seguinte consideração:

“No rádio, ninguém mais pergunta, todos questionam. Atenção: as duas palavras não têm o mesmo significado. Questionar é discutir, rebater, levantar questão. Perguntar é interrogar, inquirir, interpelar. Portanto, em vez de ‘o deputado ao ser questionado, respondeu...’ diga ‘o deputado ao ser perguntado, respondeu...’” (Jung, 2004: 105)

⁷ O erro gráfico registrado no destaque acima consta no original.

Conclui-se, portanto, até aqui, que a linguagem radiojornalística ou a produção, a realização e a apresentação da entrevista no radiojornalismo, a exemplo de outros gêneros e *elementos* radiojornalísticos, segue o padrão culto da língua. Assim, não existe uma forma diferenciada para o planejamento, para a produção e para a realização de uma entrevista radiojornalística.

1.7. Radiojornalismo em questão: da escrita para a fala x da fala para a escrita

O movimento entre o escrito e o oral, e o oral e o escrito na produção das atividades radiojornalísticas está longe de ter uma definição, ou, ao menos, uma relação estável entre o teórico, o prático e o técnico.

Por desconhecimento da teoria lingüística ou por conveniência, o radiojornalismo, de acordo com as várias afirmações anteriores, utiliza o texto escrito- padrão formal da língua- como primeira e única forma de se produzir e de se reproduzir o *dito*.

No movimento do escrito para o falado, não custa lembrar, não existe pesquisa sobre o assunto e a mídia eletrônica trabalha, notadamente o radiojornalismo, com a textualização, sem levar em consideração o *dito* original. Os textos da mídia impressa e da *internet- gilette-press* e *internet-press-* são copiados e lidos, ao vivo, sem qualquer adaptação ou readaptação. Ocorre no radiojornalismo, assim como na mídia eletrônica em geral, o que poderíamos denominar de “retextualização livre”.

Escapam desta lógica, em alguns casos apenas, dentre as várias atividades do radiojornalismo, a produção e a apresentação da reportagem, já que as informações são coletadas pelo repórter, *in loco*, e as histórias são reproduzidas de acordo com o *dito* original da fonte.

Marcuschi analisa a retextualização da seguinte forma:

“Atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não-problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis lingüísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra’.” (Marcuschi, 2003: 48)

A realidade radiojornalística, ainda no processo de textualização e de retextualização, esbarra numa forma específica para se produzir e para se reproduzir o *dito*, já que parte da programação se constitui na fala já publicada na mídia impressa, principalmente. O funcionamento lógico, portanto, do *dizer* sobre o *dizer* no radiojornalismo imediato ou recente tem como base o escrito.

O movimento do falado para o escrito, sentido contrário das observações feitas acima, carece de pesquisas aprofundadas que dêem clareza ao radiojornalismo sobre algumas particularidades no produzir jornalístico.

Judith Chambliss Hoffnagel revela a carência de pesquisa nesta área do conhecimento:

“Para finalizar gostaria de sugerir que uma comparação entre entrevistas nas revistas e entrevistas na mídia televisiva e radiofônica seria interessante, na medida em que tal comparação pudesse ilustrar como as duas modalidades da mídia, escrita e oral, exploram este mesmo gênero. Mostraria, por exemplo, o efeito que os diferentes recursos técnicos específicos de cada veículo (revistas, jornais, televisão, rádio) pode ter na interpretação da entrevista pelo leitor/ espectador/ ouvinte.”

(Hoffnagel, 2003: 193)

Diante da indefinição de um formato, ou de uma linguagem específica, para a produção das atividades rariojornalísticas- gênero entrevista, neste caso- este trabalho propõe-se a lançar luz sobre a questão, da fala para a escrita/ da escrita para a fala, e contribuir com elementos científicos na relação teoria e prática.

1.8. Radiojornalismo e o prestígio da língua

O principal objetivo do primeiro capítulo desta Dissertação foi o de pontuar a inexistência de pesquisas na comunicação, no jornalismo e na lingüística sobre a relação entre a fala e a escrita, a escrita e a fala, no radiojornalismo.

O rádio, de forma geral, radiojornalismo, de forma específica, apesar dos seus mais de 80 anos de história e de seu poder de penetração e de convencimento, ainda não conseguiu sensibilizar escritores e acadêmicos para uma questão fundamental em qualquer veículo, a linguagem.

A grande preocupação dos especialistas, até o momento, é com a grafia e com a pronúncia das palavras. A preocupação atinge a “profundidade extrema” quando a exigência eleva o padrão formal da língua como matriz de uma linguagem adequada para o “falar” em rádio, independentemente da construção textual. Só o padrão formal da língua interessa.

O oral e o escrito são tratados como gêneros completamente diferentes. O segundo aspecto, o escrito, de acordo com o padrão formal, tem que ser usado em qualquer situação na produção radiojornalística, por conta do prestígio da língua.

Já o oral, pela sua “frouxidão” e pela sua “falta” de correção, e até pela sua “falta” de planejamento, deve ser usado, segundo alguns profissionais, tão-somente, na relação informal, nunca na transmissão jornalística.

Preti (2002: 46) discorda da tese acima quando discorre sobre o planejamento ou replanejamento na conversação:

“Na análise do processo interacional focalizado, numa conversação, ou mesmo em parte dela, pode-se observar a possibilidade de planejamento (ou replanejamento) dos falantes, bem como suas estratégias discursivas, ao longo da conversação, que podem resultar em sucesso ou não de sua argumentação; as possíveis manifestações de poder ou solidariedade entre os interlocutores, que podem refletir-se na simetria ou assimetria dos turnos; a colaboração mútua na realização do “discurso a dois”, observável até em nível de construção dos enunciados; a conservação ou a perda da *face*, expressão social do *eu* individual; a fluência

conversacional e sua relação com os conhecimentos prévios ou partilhados; as formas de tratamento e as variações socioculturais da linguagem; o uso de narrativas ou a reprodução do “discurso do outro”; etc.”

Koch (1992: 69), afirma a propósito da Conversação:

1. “[A conversação natural face a face] é relativamente planejável de antemão, o que ocorre, justamente, de sua natureza altamente interacional; assim, ela é localmente planejada, isto é, planejada e replanejada a cada novo “lance” do jogo.
2. O texto falado apresenta-se em se fazendo, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “pôr a nu” o próprio processo de sua construção.
3. O fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, devidas a uma série de fatores de ordem cognitivo/ interativa e que têm, portanto, justificativas pragmáticas.
4. O texto falado apresenta, assim, uma sintaxe característica, sem deixar de ter como fundo a sintaxe geral da língua.”

Para não deixar qualquer dúvida àqueles que ainda avaliam como “frouxo” ou “desorganizado” o texto oral, reproduzimos mais uma afirmação de Dino Preti:

“Se tomarmos um diálogo, no início ou em vários pontos de seu desenvolvimento, podemos observar que os falantes replanejam sua organização discursiva, em função das necessidades de compreensão, de envolvimento, de participação, de convencimento de seu interlocutor. As estratégias conversacionais, portanto, consistem em

táticas que se empregam para atingir esses e outros fins na interação. Tais procedimentos levam sempre em conta as condições situacionais do diálogo, isto é, os fatores pragmáticos que cercam a interação (onde ocorre o diálogo, quem são os interlocutores, o grau de intimidade que os une, os conhecimentos partilhados que pressupõem, o tema de que tratam, a presença de uma audiência ativa ou co-participante, etc.). ”

(Preti, 2002: 52)

O destaque acima expõe, de forma objetiva, o quanto as pesquisas no segmento radiojornalístico- conversação da escrita para a fala- precisam avançar. Mais detalhes sobre a importância destas pesquisas serão apresentados no próximo capítulo.

O uso do gênero entrevista e seus *elementos* como objeto desta pesquisa proporcionará ao pesquisador e ao jornalista de rádio um melhor entendimento sobre a produção jornalística e suas técnicas, num dado segmento, tendo-se como referencial teórico a Análise da Conversação.

A escolha do rádio, mais especificamente do radiojornalismo, se deve ao fato de não existirem pesquisas comparativas entre as técnicas do jornalismo e os vários mecanismos da conversação, independentemente do conceito de língua de prestígio ou de língua popular.

CAPÍTULO 2 – CBN x Eldorado: Histórias e contrastes

As duas emissoras, CBN e Eldorado, pertencentes a dois dos maiores grupos de comunicação do país, *Globo e Estadão*, seguem uma trajetória bastante diferente, desde as respectivas fundações, tanto na linguagem adotada na realização das diversas atividades quanto na linha editorial.

Histórias e contrastes servem de baliza, neste caso, para repontuar os diversos usos do falar adequado, ou não, da CBN e da Eldorado nas produções radiojornalísticas, tendo-se como referência o produto mais importante do segmento, os radiojornais.

A Central Brasileira de Notícias, CBN, é a segunda emissora mais nova⁸ do grupo de cinco radiojornalísticas de São Paulo: Bandeirantes, Jovem Pan, BandNews, CBN e Eldorado.

A emissora do Sistema Globo de Rádio, a exemplo de todas as outras radiojornalísticas, não trabalha com um programa lingüístico definido ou rígido, na sua produção diária.

De tudo que é produzido, independentemente da editoria, a base, num primeiro momento, é da mídia impressa ou da *Internet*. Notícias, entrevistas, notas e pautas são redigidas de acordo com tudo que é publicado pelos jornais, pelas revistas, pelas assessorias de imprensa e pelos *sites* noticiosos.

⁸A emissora radiojornalística mais nova em São Paulo é a BandNews, do grupo Bandeirantes, criada em maio de 2005. A emissora mais antiga é a Bandeirantes, com cerca de 70 anos de existência.

O aspecto mais autêntico de todo o processo de produção e de reprodução está na fase em que o radiojornalista é obrigado, de acordo com a dinâmica do próprio veículo, a improvisar no momento da apresentação de um programa ou de uma reportagem, ao vivo.

Importa ressaltar que os improvisos também ocorrem na formulação das estratégias conversacionais na realização de uma entrevista, por exemplo. Todo o planejamento da fala é feito de acordo com a “sensibilidade conversacional” de cada profissional, já que os cursos de jornalismo não privilegiam em suas grades as técnicas conversacionais.

Pior, os cursos de jornalismo não ensinam, de forma específica, a produção e a apresentação de uma entrevista para fins de obtenção de informação. O aluno orienta-se pela fala comum, ao longo do curso, no processo de aprendizagem para a realização de uma entrevista.

2.1. A história da CBN

O surgimento da CBN- Central Brasileira de Notícias- , no início da década de 90, fruto de um sonho antigo do jornalista Heródoto Barbeiro, o de transmitir jornalismo em FM, 24 horas por dia, provoca uma mudança significativa no modo de se fazer radiojornalismo em São Paulo e no Brasil. O jornalismo em rádio, até então, existia apenas nas emissoras que transmitiam em AM.

Heródoto Barbeiro, na época, Gerente de Jornalismo do Sistema Globo de Rádio, destacava a linha editorial como um instrumento de diferenciação da emissora que surgia naquele momento no mercado:

“A linha editorial da rádio é moderna e liberal. Não se omitem as fontes da notícia, citam-se veículos concorrentes e a credibilidade do jornalismo não faz parte dos produtos vendidos pelo departamento comercial. Não se admite o testemunhal, ou seja, a publicidade onde o âncora empenha a sua palavra no sentido de que um determinado produto é ‘o melhor do mundo’, nem que o remédio tal ‘cura todas as doenças. Experimente’. O critério das entrevistas, tanto no estúdio como via fone, é eminentemente jornalístico, o que vale também para os assuntos cobertos pela reportagem. Se é notícia, vai ao ar. Se não é, não vai. O mesmo se aplica às assessorias de imprensa públicas ou privadas, que tentam empurrar notícias ou entrevistados. O mesmo critério vale para os releases que chegam à redação. O rádio é o veículo da instantaneidade. Isso não quer dizer que as notícias não devam ser checadas antes de serem irradiadas. Os cuidados são redobrados porque tudo é feito ao vivo, 24 horas, inclusive de madrugada.”

(Ferraretto, 2001: 175)

Reproduzimos abaixo a íntegra da história da Rádio CBN- Central Brasileira de Notícias, 780-AM e 90,5-FM da forma como está publicada no site da emissora⁹:

“O investimento em produção de notícias pelo rádio se transformou em prioridade para o Sistema Globo de Rádio, levando à criação da CBN - Central Brasileira de Notícias, nos moldes das melhores agências de notícias.

⁹Não fizemos, para evitar qualquer equívoco com a história da emissora, alteração, na forma ou no conteúdo, do texto publicado no site da CBN- Central Brasileira de Notícias.

A CBN é hoje a maior rede de emissoras all news¹⁰, que transmite via satélite 24 horas de jornalismo. Criada em 1º de outubro de 1991, a CBN está presente nas principais cidades e capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília.

Com mais de 200 jornalistas pelo país, a rádio que toca notícia focaliza os principais assuntos nacionais e internacionais, com um estilo de programação próprio e exclusivo.

Já no início de sua trajetória, a CBN esteve presente na conferência Rio-92. Produziu flashes ao vivo a partir de um estúdio montado no Riocentro - sede dos principais eventos, além de transmitir boletins diretamente do Parque do Flamengo, onde foram montadas as tendas do Fórum Global.

Ainda durante o ano de 1992, a CBN acompanhou momentos decisivos da política do país, transmitindo os depoimentos na CPI de PC Farias, como o do motorista Eriberto França, uma das principais testemunhas do caso que resultou no impeachment do presidente Fernando Collor.

Os melhores momentos dos jogos que levaram o Brasil ao Tetracampeonato da Copa do Mundo em 1994, também foram transmitidos ao vivo pela CBN, emocionando todo o país.

¹⁰ Apesar da afirmação de que a CBN é a primeira e a maior rede de emissoras *All News* do país, a rádio não se encaixa no conceito norte-americano, que diz o seguinte: *all news* transmite notícia, apenas, sem qualquer variação, como debates, por exemplo. Cf. página 20.

Em São Paulo, a emissora operava somente em AM, ganhando a partir de novembro de 1995 um lugar no dial das FMs, o que lhe rendeu a menção honrosa por ser a primeira emissora jornalística em FM da cidade pela Associação Paulista de Críticos de Arte. A Associação também escolheu a CBN como a de melhor cobertura jornalística de 1996.

O ano de 1997 marcou uma nova fase da CBN. Uma grande reformulação em sua grade de programação veio para reforçar o conceito de rede nacional da emissora, ampliar o número de afiliadas e posicionar o meio rádio no mercado publicitário.

A nova programação da CBN vem permitindo aos ouvintes o acesso imediato às notícias de outras cidades onde a rede está presente, tornando-se um instrumento de integração nacional.”

“CONCEITO DA RÁDIO | FORMATO | AUDIÊNCIA:

CBN - A Rádio que toca notícia. Em formato all news, a CBN traz a cobertura dos principais fatos do país e do exterior. Caracterizada por ser uma emissora plural, dá espaço para as diversas vozes da sociedade, na busca constante da isenção e credibilidade.

A CBN é direcionada para ouvintes das classes AB, acima de 30 anos, economicamente ativos.¹¹”

¹¹ (Cf. www.radioclick.globo.com/cbn/)

2.2. A linguagem radiojornalística e o manual da CBN

A rádio CBN, assim como todas as emissoras jornalísticas do Brasil, sempre se orientou de acordo com regras muito específicas e pouco claras, para o mercado, do fazer jornalismo no segmento, no que diz respeito à linguagem. A matriz de orientação de todas as rádios, jornalísticas ou populares, é o padrão culto da língua, tendo-se como referência a mídia impressa, do escrito para o oral. Entendam-se como mídia impressa os jornais, as revistas, os trabalhos científicos e os documentos oficiais.

Na tentativa de “personificar” o trabalho nas emissoras, gerentes e diretores de jornalismo de algumas empresas esforçam-se na produção de manuais, muitos inconclusos, como forma de, ao menos, padronizar as atividades desenvolvidas por âncoras, repórteres, editores e redatores dos noticiosos radiofônicos.

Na Central Brasileira de Notícias, por exemplo, o *Manual de Radiojornalismo, Produção, Ética e Internet*, escrito pelos jornalistas Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo- funcionários da emissora- norteia, em certa medida, a linha editorial e a linha técnico-jornalística da produção de toda a programação.

O livro apresenta, numa inversão de prioridades, na página 46, orientações sobre produção e condução de entrevista, sem qualquer menção sobre linguagem radiojornalística.

Os autores dizem o seguinte sobre a atividade:

“A entrevista deve ter começo, meio e fim. Planeje o tempo disponível, informe-se sobre o que vai perguntar. A falta de preparo pode dar ao entrevistado a chance de transformar a entrevista em palanque, púlpito ou algo semelhante...A pergunta deve ter tamanho certo, suficiente para que o ouvinte entenda o assunto. Alguns entrevistadores falam tanto sobre o tema que acabam respondendo à própria pergunta, deixando o entrevistado sem ter o que dizer. Outro extremo é a pergunta pequena demais, a ponto de o ouvinte não saber que assunto está sendo tratado, etc.” (Barbeiro, Lima, 2001: 46)

Outros espaços que seriam reservados para a linguagem são ocupados por temas como: “Pronúncia, Redundância, É bom evitar (sobre usos da língua), A Redação.”

Os autores tratam da seguinte forma o que o próprio mercado valoriza como aspecto principal da linguagem radiojornalística:

“A clareza que buscamos ao redigir um texto deve estar presente na fala. Não é um belo timbre de voz que prende a atenção do ouvinte, mas a naturalidade, a simplicidade e a pronúncia correta das palavras. Os nomes estrangeiros devem ser pronunciados corretamente, sobretudo os que mais aparecem no noticiário e são do conhecimento geral. Ninguém é obrigado a conhecer a pronúncia de todos os nomes, mas é preciso procurar a origem e a forma correta de dizê-los.” (Barbeiro, Lima: 2001: 79)

Embora seja uma espécie de bússola de orientação para os jornalistas de uma das maiores e mais importantes redes radiojornalísticas do Brasil, a CBN, o *Manual de Radiojornalismo*, de Heródoto Barbeiro e Paulo

Rodolfo, limita-se a orientar a produção das atividades da emissora de forma instrumental, preocupando-se com a fala e com o aspecto formal da língua, nada mais.

2.3. A linguagem radiofônica e o *Manual da Redação da Folha de S.*

Paulo

Os manuais dos jornais da mídia impressa, neste caso, da *Folha de S. Paulo*, não fogem à regra de todo o material publicado com orientações e “soluções” para a produção e apresentação de textos, reportagens e entrevistas na mídia eletrônica- só o padrão formal da língua interessa.

Embora sirva de referência para os profissionais do radiojornalismo, o *Manual da Folha* não faz qualquer menção, nem negativa, ao modo de se produzir textos, reportagens ou entrevistas no veículo.

Também de forma instrumental, a *Folha* reserva um capítulo, na página 50 de seu *Manual*, na tentativa de padronizar o estilo no escrever dos jornalistas da empresa.

Nas mais de 50 páginas dedicadas ao assunto, o manual trabalha com algumas preocupações bem específicas, como por exemplo: grafia, pronúncia, explicações genéricas sobre acidentes geográficos e palavras padronizadas.

Na parte final do *Manual*, a *Folha* trata no “Anexo Gramatical- Soluções para os problemas gramaticais mais comuns”, como forma de resolver a qualquer dúvida sobre a linguagem jornalística.

Na página 119, o jornal traduz o entendimento da empresa sobre linguagem jornalística:

“Esta seção apresenta, em forma de verbetes, soluções para alguns dos problemas gramaticais enfrentados pelos jornalistas da **Folha.**”

A seguir, o *Manual* apresenta alguns verbetes com explicações e orientações de usos bastantes resumidos: acentuação, abolir, abrir, acidente/incidente, a cores/ em cores, adequar, aficionado, a fim de/ afim, alertar, etc.

O entendimento da *Folha de São Paulo* em relação à linguagem resume-se, portanto, ao padrão formal da língua, sem qualquer menção ao radiojornalismo, mesmo que profissionais do segmento tenham o manual da empresa como referência para uso e para consulta.

2.4. Entrevista com Heródoto Barbeiro: entre o real e o ideal

O gerente de jornalismo da Rádio CBN- Central Brasileira de Notícias- Heródoto Barbeiro, concedeu-nos a entrevista a seguir, presencial (face-a-face) na redação da própria emissora, em Santa Cecília, Centro de São Paulo, com cerca de 15 minutos, realizada dia 7 de abril de 2005- gravada em fita cassete-, sobre os seguintes assuntos: a linguagem raiofônica/radiojornalística, a importância da entrevista no radiojornalismo e a diferença entre a mídia eletrônica, a mídia impressa e a internet. A entrevista, plenamente assimétrica, com o jornalista- um dos mais experientes no segmento do país-, com cerca de vinte anos de profissão, lança luz sobre as dúvidas que ainda existem no meio jornalístico sobre o escrito e o falado. A entrevista também sinaliza para, segundo Marcushi

(2003), o *continuum tipológico das práticas sociais* (ou não) ou oralidade *versus* letramento na relação entre fala, escrita e fala. Apesar de tudo, de todos os problemas observados na relação entre linguagem e radiojornalismo, Heródoto Barbeiro garante que a questão da entrevista e a questão da linguagem radiofônica, e não radiojornalística, na CBN, estão resolvidas. O jornalista tem como referência para esta certeza os resultados do IBOPE- empresa responsável pela medição da audiência na mídia eletrônica. Na avaliação de Heródoto Barbeiro, independentemente de qualquer modelo entre a fala e a escrita, qualquer emissora precisa conhecer o seu público alvo para uma adequação da linguagem à audiência. Para o gerente de jornalismo da CBN, a emissora, hoje, trabalha com uma linguagem real e adequada, sem necessidade de mudanças ou ajustes. A íntegra da entrevista será publicada na última parte deste trabalho, em Anexos. Nos trechos a seguir, cada resposta estará acompanhada por uma breve análise:

C. F.: eu gostaria que...rapidamente...você me falasse um pouco da linguagem...éh:::radiofônica...ou radiojornalística no Brasil...Heródoto ?

H. B.: bom...éh:::Cal...éh...eu...quando comecei a trabalhar com::: radiojornalismo...éh:::me foi dito o seguinte...que a maneira pela qual você escrevia pro rádio era diferente daquela que você escrevia pros jornais... prá revistas...prá televisão...etc....etc....etc. e...de fato...como eu comecei trabalhando pela Rádio Jovem Pan...de fato havia uma forma diferente de escrita pro rádio...eu achava...até então...trabalhei sete anos lá...de que a escrita era feita... de forma manchetada...que essa era a linguagem do rádio...éh:::...e que... agora...para você poder ter um texto manchetado você não podia ter uma única pessoa () porque duas inflexões tão

diferentes...então...você sempre teria que ter uma notícia lida por duas pessoas...eu acho...que de certa forma...esse foi o paradigma que eu aprendi na:::...trabalhando na Jovem Pan...depois vi isso consolidado na publicação do manual...de jornalismo da Jovem Pan...tá lá explicado...e...depois vi isso também sendo ensinado nas faculdades...ai...eu fui fazer faculdade e nas faculdades começaram a me ensinar...ensinavam isso...éh:::...eu vi que outras emissoras também faziam a mesma coisa...até que eu fui trabalhar na televisão....e...quando eu fui trabalhar na televisão...percebi o seguinte...o texto da televisão...a nota da televisão...né...que é o texto...éh:::...se você podia ler uma nota na televisão...com texto corrido...e as pessoas entendiam...porque que elas não podiam entender no rádio...então...éh:::...ai...começou a mudar a minha opinião...a respeito desse texto pro rádio...não é...então...eu comecei a incentivar...que esse mesmo texto corrido...que era aplicado na televisão... fosse também trazido pro rádio...então..eu acho que acompanhei estes dois momentos...o momento do mancheteado...que é o texto que eu abandonei... que eu não vejo aqui a gente usar mais...pessoas acabaram se convencendo disso...e hoje que é o texto corrido...que a gente usa...éh:::...com a mesma preocupação didática e de facilidade que se usa na tevê.

Análise:

Embora a primeira pergunta sobre a linguagem da CBN tenha sido, de todas, a mais importante da entrevista, a resposta não apresentou, nem sob o ponto de vista formal da língua, os elementos necessários para a plena clareza de como as atividades radiojornalísticas são produzidas e apresentadas na emissora.

Para o jornalista Heródoto Barbeiro, nesta primeira resposta, pelo menos, a linguagem radiofônica ou radiojornalística se funda em dois formatos, apenas: texto manchettato ou texto corrido, questões “externas” do conteúdo.

O texto manchettato, no entendimento do jornalista, é aquele em que o redator divide uma notícia, curta ou longa, em vários parágrafos, de no máximo duas linhas cada. Prevalece, portanto, a divisão física do texto, e só.

Na compreensão de outros jornalistas de radiojornalismo, o texto manchettato, mais curto, portanto, facilitaria a leitura e a interpretação do locutor/ âncora- visão oposta à de Heródoto Barbeiro.

Já o texto corrido, na visão, novamente, de Heródoto Barbeiro, não precisa obedecer a qualquer critério específico da produção radiojornalística- nem sob o ponto de vista instrumental. Segundo este entendimento, o que vale é a informação, independentemente do formato utilizado. O formato do rádio ou do radiojornalismo, por exemplo, serviria para a televisão e vice-versa.

Neste caso, o Jornalista Heródoto Barbeiro, já na primeira resposta, descarta a possibilidade de existência do *continuum tipológico das práticas sociais*. Não existe oralidade, portanto. Basta, nesta perspectiva, ler, transcrever ou, de alguma forma, reproduzir o que estiver publicado na *internet*, na revista, no jornal ou na televisão. Vale a notícia, independentemente da linguagem. Oralidade, assim, é o ato de falar, apenas.

O fato enriquecedor desta pesquisa está na possibilidade de se aproximar as teorias lingüísticas desta forma árida, para alguns, de o radiojornalismo produzir e apresentar os seus *elementos*, mesmo diante de toda a complexidade do veículo.

C. F.: então...só para entender...quer dizer...rádio e tevê dá para se trabalhar com o mesmo texto ?

H. B.: exatamente...eu queria dizer...baseado ni...baseado nisso...num trabalho que eu tenho feito na tevê...simultaneamente ao rádio...não é...eu...basicamente...sempre trabalhei nos dois veículos...ah:::...e vejo...que exatamente o mesmo texto que se faz prá televisão é o mesmo que se faz pro rádio...mas percebi que muitas vezes era mais uma criação das esCOLas de jornalismo...e muitas vezes professores que NÃO trabalhavam nem na televisão nem no rádio...não é...que aprenderam e acharam que isso era bom e passaram isso para os seus alunos...mais...éh:::...eu percebi que numa comunicação direta...e essa comunicação...éh:::...muito usada pela tevê...era mais eficiente...então...eu...o texto é exatamente o mesmo.

Análise:

A resposta do jornalista vai ao encontro das afirmações feitas, no início desta investigação, e também vai ao encontro das opiniões de muitos diretores e chefes de redação sobre a forma mais adequada para se escrever para o radiojornalismo ou para o telejornalismo.

Também na segunda resposta, a maior preocupação do jornalista Heródoto Barbeiro é com a forma, não com o conteúdo. Não custa lembrar

que Heródoto Barbeiro tem um entendimento muito particular sobre linguagem midiática. “A linguagem é uma só, seja para rádio, seja para televisão, seja para jornal ou revista. A mesma notícia pode ser veiculada, num mesmo formato, em todos os veículos. O que existe, na verdade, é jornalismo em rádio”, garante o profissional.

C. F.: ok...vamos falar agora de um gênero...ou de uma atividade no radiojornalismo ou no jornalismo em geral...que é a entrevista...qual a importância da entrevista no trabalho radiojornalístico ?

H. B.: olha...eu acho que você pode medir a entrevista éh:::...pelo reflexo que isso tem na população...se você pegar...o Ibope do mês passado...eh:::...selecionar quais as emissoras mais ouvidas da cidade...entre sessenta...no horário das sete às oito...é o Jornal da CBN...ele tem cento e cinquenta e dois mil ouvintes por minuto...em média...então...ele é o primeiro da cidade de sete às oito...entre oito e nove não é...entre nove e dez também não é...é o padre Marcelo (Rossi)...vamos dizer...se você tem...éh:::...entre sessenta rádios...um horário jornalístico...como primeiro da cidade...segundo o Ibope...isso mostra o seguinte...mostra que aquilo que você está fazendo tá certo...e ali tem...pelo menos...nesse horário...duas ou tem (...)...duas...com certeza... mas...às vezes têm mais...têm três ou quatro entrevistas ...agora...por que isso...porque com o uso do jornalismo eletrônico...que se aplica tanto ao rádio como à televisão...a entrevista é uma forma que você colocar a fonte diretamente para conversar com seu público alvo...né ?...no momento em que o jornalista se coloca na posição dos seus ouvintes e tenta perguntar aquilo que os ouvintes gostariam de saber...e não exatamente aquilo que ele gostaria de saber...não é...ele procura fazer essa ligação...essa ponte...então...eu acho que isso dá muito certo...e...eu acho

que dá mais certo ainda quando você consegue expandir isso pra idades mais tenras... pessoas mais jovens e também melhor situadas na sociedade...eu acho que a entrevista nossa começou a dar esse resultado depois que nós colocamos a rádio no FM...o que foi um outro paradigma quebrado na:::...na história da CBN e que proporcionou que essas pessoas que não ouviam rádio...ou melhor...que ouviam FM...mas não ouviam jornalismo...porque o jornalismo estava confinado no AM...passaram a ouvir...então...eu acho que passou a ser um fator diferencial e importante.

Análise:

Heródoto Barbeiro traduz em números o interesse da audiência-segmentada, de alguma forma- e a importância da entrevista no radiojornalismo. Mais uma vez, a resposta tem como principal preocupação a forma e não o conteúdo.

O conceito, neste caso, segue parte do “ideário” da Rede Globo de Televisão, até o início da década de 70, que era o seguinte: “dar ao povo o que ele quer ver (ouvir, no caso do radiojornalismo)”.

Enfatizamos que esta análise não atribui aspectos negativos ou positivos a avaliação do jornalista Heródoto Barbeiro sobre a importância da entrevista, do entrevistado ou do entrevistador no radiojornalismo. A questão é outra, científica.

A fórmula (aplicação da linguagem) na CBN, segundo as palavras de Heródoto Barbeiro, está dando certo.

C. F.: alguma estratégia especial pra tirar do seu entrevistado...da fonte...aquilo que o ouvinte quer ouvir ?

H. B.: sim...éh:::...há uma estratégia especial...todos nós sabemos que a entrevista é um jogo intelectual entre o jornalista e o entrevistado...onde o jornalista tá querendo tirar do entrevistado aquilo que ele não quer dizer e o entrevistado tá querendo dizer aquilo que o jornalista não pergunta...não é...então...é um jogo intelectual...agora...obviamente...ainda que você queira tirar dele alguma coisa...que ele não quer ouvir...perdão que ele não quer dizer...eu acho que tem regras éticas a serem seguidas...não é...eu não posso...de repente...éh:::...outro dia eu combinei uma entrevista com o senador Sarney...éh:::...pra falar sobre o papa eu não me senti à vontade...por exemplo...para mudar a pauta...no ar...uma vez que tinha assumido o compromisso...não é ?...e dizer...escuta...mas...afinal...a sua filha vai ou não vai sê...não é ?...então...não dá para fazer isso...eu acho que quando você combina uma pauta aberta você pode fazer mas quando você combina que uma pessoa vai perguntar só sobre o papa e ele topa dá entrevista... então você tem que ficar nisso...então...eu acho que:::...ah:::...você tem que procurar...não é ?...dentro daquele espaço que você negociou...não é...que você empenhou a sua palavra...em tirar o...mais que as pessoas possam querer saber a respeito daquele tema.

Análise:

Também nesta resposta não foram apresentados aspectos técnicos para a realização de uma entrevista aceitável, pelo menos, ou estratégias, também sob o ponto de vista técnico, para se explorar eficientemente a fonte (entrevistado) numa entrevista radiojornalística.

Heródoto Barbeiro elege a ética como fundamento para a realização de uma boa entrevista- aspecto confundido com algum tipo de linguagem, o que deixaria satisfeitos entrevistador, entrevistado e audiência.

C. F.: um pouco mais dentro da Dissertação...

[

H. B.: eu esqueci um detalhe...

C. F.: pois não...

H. B.: eu acho que você tem que conhecer...também o público alvo...se você não conhecer bem o seu público alvo...acho que você não consegue fazer bem boas entrevistas...você pode fazer uma excelente entrevista...mas se você não souber quem é o público alvo...éh:::...porque você...naquele momento...é o representante dele diante do entrevistado...ele não pode pegar o microfone pra falar...não é...então...eu acho que conhecer BEM o público alvo também ajuda a fazer uma boa entrevista.

C. F.: perfeito...na relação simétrica ou assimétrica...ou seja...quem comanda a entrevista...no caso do radiojornalismo...é o entrevistador ou o entrevistado ?

H. B.: bom...eu acho que no jornaLISmo...de uma maneira geral...não só no radiojornalismo...é o entrevistador e não o entrevistado...porém...há determinados entrevistados que estão tão bem treinados e são tão hábeis que você perde o controle da entrevista e ele passa a ter...não é...Maluf é um exemplo...Brizola foi outro exemplo...mas há outros aí...não é ?...que você pergunta uma coisa...o Sarney...mesmo...que eu te falei...ele assumiu a

entrevista e começou a falar de coisas que eu não havia perguntado...mas...
éh:::...como eu disse...é um jogo intelectual...cabe também a você ficar
atento...não é...e tentar...depois...puxar a entrevista...pro motivo dela...da
pauta...que havia sido marcada.

Análise:

Esta resposta desfaz, pelo menos neste trabalho, qualquer dúvida sobre a relação entre entrevistador e entrevistado, no momento da realização da atividade midiática, independentemente do veículo.

No jornalismo a relação é assimétrica, sempre. A questão já foi resolvida a tal ponto na profissão que não se discute o assunto, nem nos cursos de jornalismo.

A novidade, neste caso, segundo as palavras de Heródoto Barbeiro, é a existência de uma espécie de negociação entre entrevistador e entrevistado, para a satisfação da audiência. O assunto, “assimetria negociada ou jogo intelectual”, será tratado mais detalhadamente nos próximos capítulos.

Marcuschi (2003: 16) contribui com o debate:

“Diálogos assimétricos: em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer a pressão sobre o (s) outro (s) participante (s). É o caso das entrevistas, dos inquéritos e da interação em sala de aula.”

O autor ilustra, de forma definitiva, a relação entre entrevistador e entrevistado no jornalismo. Fazemos um único e importante reparo na sua afirmação. No exemplo acima, não há a informação sobre qual dos participantes conduziria o diálogo ou a entrevista, realizada por telefone ou presencial. Para ficar claro, no jornalismo, esta tarefa cabe ao entrevistador, a ninguém mais.

C. F.: então...você resiste a idéia...por exemplo...se antes falava-se em *gillette-press* é chamada *internet-press*...hoje ?

H. B.: eu acho que sim...é...eu diria que...talvez hoje seria a internet-press...mas...éh:::...eu queria dizer também...que hoje...a internet...ela é a concorrente mais direta do rádio...quanto a sua instantaneidade...não é...eu não acho que quanto a sua oportunidade...quanto a sua oportunidade não é concorrente...mas...eu acho que quanto a sua instantaneidade...sim...então...éh:::...quando você tá concorrendo...nesse gênero...é difícil você esperar publicar alguma coisa na internet...para depois você falar...quando muitas vezes você pode falar antes dela...e acho que a internet também faz escuta do rádio e coloca lá...eu já tenho visto muitas das minhas entrevistas reproduzidas nos sites...inclusive bons sites...não é...sem nenhuma...nenhum crédito.

Análise:

A pergunta, na verdade, é sobre o uso que o radiojornalismo faz do material jornalístico veiculado nos vários sites noticiosos do país.

Reportagens e entrevistas inteiras são “chupadas”- termo utilizado no segmento como sinônimo de cópia parcial ou total de texto, som ou imagem- pelas emissoras radiojornalísticas, a chamada *internet-press*.

C. F.: para finalizar...em relação à linguagem radiofônica realizada ou feita aqui...pela rádio CBN...o que você diria...é uma linguagem adequada neste momento...não é...o que falta pra ser...pra melhorar...enfim...como você define a linguagem radiofônica aqui da CBN ?

H. B.: eu defino como uma linguagem absolutamente compatível com o público alvo....se ela não fosse compatível com o público alvo nós não estaríamos nesta posição inveJÁvel que nós estamos em audiência...que eu te falei agora há pouco...é o primeiro ponto...se..éh:::...segundo ponto...éh:::...uma vez acertada essa linguagem...ela passou a ser uma linguagem direta....não é...então...todos aqueles jargões...do antigo rádio...aquelas coisas...éh:::...maravilhosas...aqueles...éh:::...ficcionais...e tudo mais...aquilo tudo nós varremos..mas...às vezes eles voltam....não é... isso é uma praga...não é...isso é como praga...é como erva daninha...toda hora você arranca e a (...) aparece...então...de vez em quando a gente pá... a gente...a gente pega isso...eu mesmo...me pego...às vezes...falando essas bobagens...a gente procura...éh:::...dá uma espanada nisso constantemente... a terceira coisa...eu diria...é essa língua...é...é...é...essa DES-con-tra-ção... não é...que faz parte da nossa linguagem....eu acho que...nas rádios jornalísticas...pelo menos que eu conheço...nenhuma delas é tão descontraída quanto a nossa..é...nós estamos tentando quebrar o paradigma que é aquele que diz que o jornalismo tem que ser...necessariamente... sisudo...não é...e...nós estamos tentando provar...que mesmo...ah...que bom humor não acaba com a credibilidade...então...eu acho que isso é um...é uma coisa...não existe um manual escrito sobre isso aqui...mas...eu acho

que existe aqui uma...um inconsciente coletivo da utilização do bom humor...da descontração...é claro...né...que é uma...é uma...é uma linha tênue entre aquilo que é bem humorado e aquilo que é ridículo...não é...éh:::...o sujeito precisa tomar muito cuidado...mas...eu acho que nós estamos fazendo bem.

Análise:

A última resposta do jornalista Heródoto Barbeiro surpreende pela certeza dele em relação à CBN produzir e apresentar, neste momento, uma programação com linguagem definida, quase definitiva.

A questão não está bem resolvida para a grande maioria dos profissionais da área- nem os pesquisadores se entendem sobre o assunto. Vale reproduzir, mais uma vez, o pensamento de Emílio Prado sobre a questão:

“Diversos autores, diversas escolas, diversas épocas dão, assim mesmo, definições diversas. Desde Spencer (1917) a Martinez Albertos (1972), uma plêiade de autores deram suas definições. Algumas opostas, outras complementares, mas todas matizadas e diferenciadas.”

(Prado, 1989: 47)

Mais uma vez, Heródoto Barbeiro traduz o sucesso do uso de uma linguagem que diz ser adequada ou ideal com os altos índices de audiência registrados pela emissora, num determinado horário, das 24 horas de programação jornalística. Uma espécie de “falar aquilo que a audiência quer ouvir”.

2.5. Radiojornalismo: a importância das pesquisas no segmento

É fundamental entender-se, até esta parte da pesquisa, que o segmento jornalístico, seja o eletrônico, seja o impresso, trata a fala e a escrita como formas completamente diferentes de comunicação, fora, muito distante do *continuum tipológico*, segundo Luiz Antônio Marcuschi. Esta questão, até aqui, pelo menos, ainda não foi resolvida.

Há casos em que, mesmo numa emissora do porte, da penetração e da credibilidade da CBN, a preocupação está direcionada, intransigentemente, para a língua padrão, ou de prestígio, e para questões fonético-fonológicas, lexicais e morfossintáticas.

A oralidade, com suas especificidades, segundo muitos autores e jornalistas, tem que ser deixada para a roda de amigos e para as reuniões familiares. Desta forma, a oralidade é considerada “descontrolada, frouxa e caótica”. Predomina, apesar de tudo, a busca por uma linguagem ideal.

Todas as atividades no radiojornalismo, portanto, sob o ponto de vista da Análise da Conversação, são realizadas no “escuro”. Pode-se dizer o seguinte sobre a questão, resumidamente: a exemplo do que fazia Edgard Roquette-Pinto, em meados da década de 20, os jornais e as revistas ainda são lidos no ar, literalmente, mais o material veiculado na internet. Pior: todas as referências textuais para a produção das atividades jornalísticas do radiojornalismo são da mídia impressa.

Embora o jornalista Heródoto Barbeiro, na entrevista acima, garanta que a questão da linguagem já tenha sido resolvida na programação da emissora, constata-se, ao ouvir a rádio ou na análise das gravações que fazem parte do *corpus* desta Dissertação, que há um “descasamento” entre o que é produzido e veiculado na CBN e o conteúdo das respostas dele.

A leitura feita por locutores e âncoras, no ar, de textos com períodos longos, com muitas intercalações, muitas vezes incompreensíveis, mais os erros de pronúncia, ocorrem diariamente na emissora.

Outra questão que fica patente na entrevista com o jornalista é o fato de a entrevista radiofônica, radiojornalística ou de qualquer outro segmento midiático, ser comandada pelo jornalista, numa relação eminentemente assimétrica.

Quando o contrário ocorre na relação simétrica entre entrevistador e entrevistado, no quadro das exceções, o fato é visto pelos profissionais da imprensa como anômalo.

Trabalha-se com a idéia de que o jornalista é o representante direto do ouvinte no momento da entrevista, por isso, cabe ao entrevistador perguntar e ao entrevistado responder, nada mais. Também não existe literatura no jornalismo que explique melhor a questão.

As orientações nas redações, seja da mídia eletrônica seja da mídia impressa, são as seguintes: “trabalhe com a perspectiva do ouvinte, telespectador ou leitor, sempre.”

As pesquisas jornalísticas e as investigações lingüísticas, assim entendemos, precisam avançar em tempos de globalização midiática, para dar clareza às complexidades da relação entre a língua escrita e a língua falada, conforme explica Marcuschi (2003: 5):

“Moda ou não, creio que há boas razões para o estudo da conversação. Em primeiro lugar, ela é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade lingüística dos falantes.”

O texto lembra uma outra explicação de Marcuschi, na mesma página do destaque acima, quando diz: “Afirmar que o desempenho lingüístico na fala não se serve apenas da gramática e do léxico da língua, mas lança mão dos mais variados recursos, sejam eles verbais ou não, é repetir o óbvio. Mas, no caso da língua portuguesa falada no Brasil, trata-se de um óbvio intuitivo, pois pouco se sabe entre nós sobre o seu real funcionamento. Menos ainda sobre os processos conversacionais”.

Esta investigação, apoiada na Análise da Conversação, tem como objetivo tornar a relação entre fala/ escrita e escrita/ fala no radiojornalismo menos intuitiva e mais pragmática, real. Os programas radiojornalísticos, até o momento, tratam a linguagem como elemento de pouca importância no processo de interação entre emissora e ouvinte e os cursos de jornalismo preocupam-se apenas com o prescritivismo da língua.

Um exemplo desse descomprometimento pode ser constatado nas grades curriculares das universidades do Brasil. A disciplina Texto e Narração em Rádio, que poderia trabalhar a questão, na maioria das vezes, de forma genérica, aborda a produção de textos, preocupando-se única e exclusivamente com a língua culta, excluindo-se qualquer possibilidade de se discutir, de forma científica, oralidade ou variação lingüística. Tudo que esteja fora do padrão formal é considerado, por acadêmicos e profissionais do mercado, erro grave.

CAPÍTULO 3 – Eldorado x CBN: entre o ideal e o real

O radiojornalismo da Eldorado sempre teve, nos seus cerca de cinquenta anos de história, como público ideal, as classes A e B. O ideal lingüístico da emissora segue com rigidez o que seria a fala ideal dessa audiência.

Vale ressaltar que a implantação do que seria uma linguagem radiojornalística na Rádio Eldorado ocorreu em meados da década de 80, no processo de aprofundamento do radiojornalismo na emissora.

A programação da Eldorado, no período anterior à implantação e a consolidação do jornalismo, era composta por programas de entrevistas, programas musicais e de entretenimento.

A falta de uma definição de como falar, sob o ponto de vista lingüístico, com o seu público alvo, fez com que o *Manual de Redação e Estilo do Estadão*, do jornalista Eduardo Martins, servisse de orientação para produtores e âncoras ao longo dos anos.

Mais do que isso: Eduardo Martins fez parte da grade de programação da emissora, até o início desta década, na apresentação de um programa semanal, com duração de uma hora, sobre aspectos formais da língua portuguesa. Eduardo Martins, além de responder às perguntas dos ouvintes, pontuava sobre o uso adequado da vírgula, da crase, etc.

Apesar de toda a preocupação com o padrão formal da língua, a emissora ainda está, a exemplo do que fez Edgard Roquette-Pinto, no início da década de 20 do século passado, atrelada à mídia impressa, especificamente aos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, pertencentes ao Grupo Estado.

Pior do que ter como baliza um manual, seja ele qual for, é orientar o processo de produção de uma emissora de rádio por um jornal ou por uma revista, já que a dependência em relação ao veículo impresso na reprodução, como ocorre ainda hoje, de entrevistas e reportagens, na íntegra, é bastante grande.

A Rádio Eldorado ainda mantém em sua grade de programação dois programas¹² que têm como base a leitura, *ipsis litteris*, ao vivo, do material publicado por alguns dos mais importantes jornais do país.

3.1. A história da Eldorado

A Rádio Eldorado-AM, 700 KHZ, diferentemente das concorrentes no segmento jornalístico, como a CBN, a Bandeirantes e a Jovem Pan não publicou no mercado um manual com procedimentos e normas para a produção dos *elementos* que compõem as suas atividades.

Apesar disso a empresa se preocupa, e bastante, com a linguagem jornalística- mais do que isso, com o padrão formal da língua- mas, até o momento, o que poderia se transformar em um livro não passa de orientações orais e de um “pequeno” projeto.

¹² “Leitura de Domingo” e “Sinopse Eletrônica” (Este último é diário).

Considerada a mais tradicional do mercado paulista na forma de se fazer jornalismo, a Eldorado, combinando com a preocupação dos seus dirigentes, é a emissora que mais se aproxima do texto escrito- língua de prestígio- na produção de opiniões, de entrevistas, de notas e de reportagens.

Apesar da troca constante de diretores na empresa, as normas ou orientações estão registradas em publicações internas, uma espécie de “caminho suave”, com sinalizações, apenas, daquilo que poderia ser a linguagem radiofônica ideal. Sim, dizemos radiofônica porque a Eldorado, a exemplo de todas as outras emissoras do país, não faz uma distinção clara e objetiva entre radiofônico e radiojornalístico.

A rigidez no trato da língua padrão- a de prestígio- na Eldorado já foi tão intensa que, no fim da década de 90, por exemplo, os jornalistas costumavam dizer que naquela emissora o “artigo derrubava o sujeito”. Explicando: bastava João Lara Mesquita, diretor-executivo da emissora, ouvir qualquer participação da reportagem, no ar, ao vivo ou gravada, sem o uso do artigo na apresentação de uma notícia, para gerar uma repreensão oral, no mínimo. Às vezes, dependendo da situação, o erro poderia se transformar em advertência, por escrito- “queda do sujeito”.

A questão pode ser mais bem explicada da seguinte forma: ao narrar a presença do presidente Luiz Inácio da Silva em São Paulo, por exemplo, o repórter teria que produzir e reproduzir o texto da seguinte forma: “O presidente Luiz Inácio Lula da Silva está em São Paulo nesta segunda-feira.” Caso o repórter dissesse que “Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

está em São Paulo nesta segunda-feira”, sem o uso do artigo, havia uma correção oral, no mínimo, na sala da chefia geral.

Apresentamos abaixo uma outra história da Rádio Eldorado, a história de criação da emissora. O texto a seguir, reproduzido na íntegra, está publicado no site da Eldorado¹³:

“A Eldorado está de casa nova”

“ No dia 14 de fevereiro de 2004, a Rádio Eldorado iniciou uma nova fase de sua história, passando a transmitir sua programação diretamente dos novos estúdios, no bairro do Limão. A Eldorado FM foi a primeira, iniciando as transmissões no Limão às 09h30 e a Eldorado Estadão AM começou a transmitir nas novas instalações às 12h00, do mesmo dia.

‘Aquele que vem sendo esperada há meses, pelo conteúdo de esperanças que representa.

Eldorado- boa escolha para quem espera a melhoria do nível do nosso Rádio.’

Matéria do Jornal Folha da Noite, de janeiro de 1958, fazendo referência a inauguração da Rádio Eldorado Ltda.

¹³ Não fizemos, para evitar qualquer equívoco com a história da emissora, alteração, na forma ou no conteúdo, do texto publicado no site da Rádio Eldorado.
www.radioeldorado.com.br/FM/HISTORIA)

O Brasil de 1958 era um país feliz. A longa era Vargas, de ditadura e desmandos, havia acabado há pouco. É verdade que de forma um tanto trágica, através do suicídio de Getúlio em 1954. Mas logo em seguida, em 56, o sorridente e pragmático Juscelino Kubitschek fora eleito presidente da República, e o país voltou a viver uma democracia plena.

Os diretores do jornal O Estado de São Paulo, Julio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita não perderam tempo, e usaram toda sua influência e prestígio para conseguirem uma concessão de rádio, e assim poderem usar este veículo para também transmitir as suas idéias democráticas, em seu objetivo de bem servir ao Brasil, os mesmos que o Estadão já defendia há oitenta e três anos.

Para aqueles dois homens, não havia esforço que não valesse a pena, se fosse para ajudar a nacionalidade brasileira a alcançar os seus destinos. Assim, dois anos depois da posse de Juscelino, a Rádio Eldorado estava pronta para ser inaugurada.

Os equipamentos da nova emissora eram os mais modernos, e ela foi instalada no sétimo andar do prédio do próprio jornal O Estado de São Paulo, na rua Major Quedinho, número 58.

Naquele tempo, conforme noticiaram os jornais, a Eldorado ‘contava com três estúdios, observados os mais modernos requisitos técnicos e acústicos’. Cada um deles, ainda de acordo com o noticiário de 1958, era ‘flutuante, isto é, isolados da estrutura da construção e montados sobre coxins de borracha para evitar vibrações’.

Além destes estúdios, a Eldorado tinha um grande auditório com trezentas poltronas, equipado com instrumentos comprados especialmente, como um

piano Steinway&Sons, uma celesta Mustel, e um órgão hammond entre outros.

Com tudo pronto, faltava nomear a diretoria na nova emissora, e os irmãos Julio e Francisco Mesquita escolheram João Alberto Salles Moreira para a administrativa, Joaquim Mendonça, com supervisão de José Vieira de Carvalho Mesquita, para a diretoria comercial, Fulvio Abramo, acompanhado por Ruy Mesquita, para o jornalismo, e para a área artística, Carlos Vergueiro que respondia diretamente para Luis Carlos Mesquita.

Coube a Carlos Vergueiro, pianista, ator, jornalista e homem de cultura, propor a nova programação. Feito isto, o próximo passo era escolher uma data para a inauguração oficial. Como sempre no caso do Grupo Estado, a própria data de aniversário do jornal foi a sugerida.

Assim, no dia 4 de janeiro de 1958, às 18hs, uma solenidade sacudiu a pacata São Paulo.

Centenas de pessoas compareceram ao auditório da Eldorado, entre elas, senadores, deputados federais e estaduais, vereadores, e, representando o presidente da república, o Ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares, e representando o Governador Jânio Quadros, estava presente o Secretário da Fazenda Carvalho Pinto.

Na solenidade houve uma benção por parte de dom Carlos Carmelo de Vasconcelos, cardeal-arcebispo de São Paulo, e em seguida a banda da Força Pública executou o Hino Nacional Brasileiro. Na seqüência, o diretor Julio Mesquita Filho fez um breve discurso de improvisado e depois a

pianista Magda Tagliaferro executou Impressões Seresteiras, de Villa Lobos. Foi assim a solenidade de inauguração da primeira transmissão.

São Paulo ganhava uma nova emissora de Rádio, AM e FM: a Eldorado. Na primeira página do Estadão daquele dia, destaque para um anúncio em forma transversal, como uma régua, cobrindo toda a primeira página do jornal. Nele se lia:

‘HOJE, ÀS 18HORAS, EM 700 QUILOCICLOS, ESTARÁ NO AR A RÁDIO ELDORADO DE SÃO PAULO’, além deste anúncio, duas notícias do exterior chamavam a atenção.

Uma delas dizia que Nikita Kruchev se preparava para visitar o Egito, e no corpo da matéria, havia a informação de que a URSS naquele ano tinha dado um bilhão e novecentos milhões dólares aos países subdesenvolvidos da África e Ásia. Mais embaixo, na mesma nota, destaque para um projeto que Eisenhower enviaria ao Congresso americano, visando dar maiores créditos ao estrangeiro.

A Guerra Fria corria solta em 1958.

O outro destaque da primeira página do Estadão de 4 de janeiro de 1958, dizia ‘que o primeiro número do ano, da revista Les Temps Modernes, dirigida por Jean Paul Sartre, foi apreendido por atentado a segurança do Estado (Francês). ‘Les Temps Modernes’ publicavam sob o título ‘Reportagem Proibida’, um artigo de um jornalista italiano sobre resistentes argelinos’”.

A história de criação da Rádio Eldorado AM e FM, com todos os envolvimento político-ideológicos da família Mesquita, além da defesa intransigente do nacionalismo, justifica a adoção da língua padrão, na época de sua criação, com muitos resquícios ainda hoje, como única e exclusiva forma de se “falar” e de se escrever no rádio.

3.2. A linguagem radiojornalística e o manual interno da Eldorado

Embora seja considerada pelo mercado como conservadora e se autodenomine nacionalista, também no uso da língua, neste caso a língua padrão, a Eldorado não publicou, apesar de todas as promessas das chefias nos últimos anos, um manual de redação que determine, com objetividade, o fazer jornalismo na emissora.

Milton Leite, Editor-Chefe, no cargo há pouco mais de um ano, garante que, apesar das dificuldades enfrentadas por ele no comando da redação da emissora, uma publicação interna atualizada com os procedimentos do fazer radiojornalismo na empresa estará pronta, pelo menos, até o fim do ano de 2006.

O que existe, hoje, como forma de orientação dos jornalistas, são apostilas com alguma sinalização sobre os valores da emissora, informações técnicas para a manutenção de um programa no ar e algumas sugestões, muito específicas, sobre a produção do material radiojornalístico.

A Eldorado distribuiu para produtores e repórteres, em setembro de 1995, uma publicação interna com o título de *Procedimentos Internos*. No

índice da cartilha observamos as preocupações da emissora, naquele momento, com o material veiculado diariamente. Há uma mistura entre aspectos técnicos, jornalísticos, valores da empresa e a relação entre a Eldorado e os ouvintes.

As regras para a redação de um texto radiojornalístico, elemento fundamental para o entendimento da linguagem radiojornalística, ocupa a décima terceira posição, na página 14, numa relação de 23 orientações.

Sobre a escrita na emissora, o *Procedimentos Internos* da Eldorado apresenta a seguinte orientação:

“Cabe ao redator saber extrair, com a linguagem do rádio, o que é essencial em cada notícia. Porém, o bom redator não se resume a transcrever e/ ou resumir o que lhe cai na mão. Leitor voraz, o redator deve introduzir informações pertinentes, complementar com conhecimento próprio, questionar o teor da informação.”

Mesmo sem explicar exatamente o que seria o texto ou a linguagem radiojornalística, a cartilha da Eldorado, ainda na página 14, vai além:

“O redator da Eldorado é conciso e preciso¹⁴, produz laudas limpas e cuida para que nada pegue o locutor no contrapé. Traduz a pronúncia de nomes, escreve números por extenso. Escrever, por exemplo, “... o delegado do 78º. DP ...,” é falta grave, além de falta de respeito e consideração com o locutor.”

¹⁴ Os grifos constam no original.

As passagens acima ilustram, de forma objetiva, o entendimento da direção de jornalismo da Rádio Eldorado, nos últimos dez anos, sobre a produção e apresentação dos *elementos* jornalísticos na emissora. Nas cerca de 50 páginas do *Procedimentos Internos* não há qualquer orientação diferente sobre a linguagem jornalística na emissora.

3.3. A linguagem radiofônica e o *Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de S. Paulo*

O *Manual de Redação e Estilo do Estadão*, a exemplo do *Manual da Folha de São Paulo*, tem servido, nos últimos 15 anos, como uma espécie de “panacéia” para os jornalistas que atuam em todas as mídias: rádios, televisões, internet, assessorias de imprensa, jornais e revistas.

Considerada pelos profissionais da área como a melhor referência para o escrever e o falar, pela sua forma tradicional de entender a língua, a publicação está presente em todas as redações, até mesmo da concorrência, e faz parte do material de pesquisa e de consulta dos alunos de jornalismo.

Escrito pelo jornalista Eduardo Martins, com cerca de 45 anos “dedicados ao ofício de moldar textos na Redação do Estado, o Manual chega agora (1997) a sua terceira edição”.

Sem fazer uma clara distinção entre língua e linguagem, o jornalista Eduardo Martins pontua a preocupação do jornal na produção do material jornalístico já no primeiro capítulo, Normas internas e de estilo:

“Dada a sua óbvia importância para o texto de um jornal como o **Estado**, as questões gramaticais receberam atenção especial,

entre elas as regras de concordância, as normas de acentuação, o emprego dos pronomes, o uso do artigo, a conjugação verbal, o infinitivo, a formação do plural, a utilização do hífen, etc. Dezenas de verbos também figuram neste capítulo, com a sua conjugação e regência. A crase, pela dificuldade que representa para grande número de pessoas, mereceu capítulo especial deste livro, o 2º. Nele o leitor encontrará também algumas algumas centenas de locuções com ou sem o **a** acentuado.”

(Martins, 1997: 13)

Os capítulos seguintes do *Manual do Estadão* também seguem a linha do jornalismo instrumental, com as seguintes orientações sobre a produção de um texto: clareza, concisão, objetividade, simplicidade, etc.

O livro também trata de temas como abreviaturas, efemérides, uso de gírias, uso de palavrões, preconceito racial ou social no uso do léxico, registros históricos, geográficos, políticos e esportivos.

Na pequena parte reservada ao rádio, Eduardo Martins ensaia o que seria, de forma sucinta, uma sinalização para a linguagem radiojornalística. As palavras do jornalista, que tem como origem profissional a mídia impressa (jornal), deixam transparecer um certo preconceito lingüístico em relação à mídia eletrônica:

“O rádio e a televisão podem ter necessidade de palavras de som forte ou vibrante; o jornal, não. Assim, goleiro é goleiro e não *goleirão*. Da mesma forma, rejeite invenções como *zagueirão*, *becão*, *jogão*, *pelotaço*, *galera* (como torcida) e similares.” (Martins, 1997: 16)

Para Eduardo Martins, “dificilmente os textos noticiosos justificam a inclusão de palavras ou expressões de **valor absoluto** ou **muito enfático.**” Vale enfatizar que o *Manual de Redação e Estilo do Estadão* serve, ainda hoje, de referência a praticamente todos os profissionais da mídia, além dos estudantes de jornalismo.

O uso freqüente do livro nas redações demonstra a importância da obra e o quanto os “ensinamentos” e os valores da família Mesquita estão presentes no cotidiano dos jornais, das revistas, da internet, das assessorias de imprensa, das televisões e das rádios do país.

3.4. Entrevista com Milton Leite: entre o ideal e o real

O editor-chefe da Rádio Eldorado AM de São Paulo, empresa do Grupo Estado, jornalista Milton Leite, concedeu-nos a entrevista a seguir, na própria redação da emissora, no bairro do Limão, zona norte da cidade, gravada em fita cassete, de cerca de 15 minutos, realizada dia 3 de maio de 2005, sobre a linguagem radiofônica ou radiojornalística e sobre a importância da entrevista no radiojornalismo.

A entrevista- absolutamente assimétrica- com o jornalista Milton Leite, um dos mais experientes do segmento no país, aponta para o desconhecimento da Eldorado sobre a utilização de uma linguagem adequada do veículo, na relação, ou interação, com seus ouvintes.

Enquanto o jornalista Heródoto Barbeiro, da CBN, garante que a questão da entrevista e a questão da linguagem radiofônica, e não radiojornalística, estão resolvidas na emissora comandada por ele, Milton

Leite observa que as dúvidas sobre a linguagem adequada para se “falar” na Eldorado estão distantes de uma solução.

Reproduzimos abaixo os trechos da entrevista de interesse direto desta pesquisa. A íntegra da entrevista será anexada na parte final deste trabalho.

Nos trechos a seguir, cada resposta estará acompanhada de uma breve análise:

C. F.: Milton...para começar...eu gostaria que você fizesse um breve histórico da Rádio Eldorado ?

M. L.: bom...o que eu podia te fa:::.....na verdade...eu tô aqui há um ano e Meio...né...então:::.....posso falar com mais:::.....conhecimento de causa desse período...mais:::.....eu tenho conhecimento da Eldorado do tempo que eu trabalhava em outra emiSSOra...enfim...sempre fui...a Rádio Eldorado sempre foi...éh:::.....uma rádio muito forte no jornaLIsmo..essa coisa das co....da...da briga pela cidadaNIA...da...participação das peSSOas...não é...o projeto tietê é um exemplo disso...já de doze anos atrás...mas...enfim...éh...o que a gente tem tentado fazer nesse:::.....um ano e meio que eu tô aqui...quando eu cheguei aqui...eu percebi uma redação um pouco desarticulada...né...um grupo a:::.....um grupo tinha passado por alguns problemas:::.....e...primeiro passo foi exatamente dar uma acertada nisso...meio que:::.....focar...de novo...as pessoas no dia-a-dia...e...ao mesmo tempo dar uma modernizada na programação...que a Rádio Eldorado há muito tempo não mudava nada na programação...e tal...então a gente teve o cuidado de...modifiCAR...criamos programas novos...trouxemos outras

peessoas para cá...para apresentar proGRAMas...enfim....mas...a rádio continua sendo...basicamente...uma rádio de jornaLISmo...com variações... ai...ao longo do dia...mas sempre jornaLISmo...a gente tem uma produção muito grande de entrevistas...de:::matérias...apesar de a estrutura da rádio ainda estar um pouco deficiente em alguns aspectos técnicos...aí...mas... enfim...tá muito melhor do que tava...quando eu cheguei tão...tem sido basicamente isso...quer dizer...a gente tem feito uma rádio... um pouco mais moDERna...uma linguagem um pouco mais solta do que a rádio tinha antes...a rádio sempre foi uma rádio muito RÍgida...muito dura... né...em relação ao...a...a forma de se pronunciar...de se comunicar com o seu ouvinte...e a gente mudou isso um pouco...a gente tá tentando trazê-la... um pouco...para o dia-a-dia das pessoas.

Análise:

Apesar de a primeira pergunta ter sido sobre a história de criação da emissora, Milton Leite, na parte final da resposta, demonstra a preocupação dele com a linguagem mais adequada a ser implantada na redação, entre os jornalistas da empresa.

A linguagem ideal, naquele momento, para Milton Leite, seria uma espécie de “falar de forma distensa, de forma afrouxada, de forma relaxada” ou uma linguagem moderna, denominada por ele de “um pouco mais popular”, e genéricos.

Ressaltamos que, ao longo da entrevista, apesar da proposta de uma linguagem um pouco mais “solta”, o prescritivismo da língua teve presença marcante em praticamente todo o diálogo.

Percebemos, claramente, que o caminho de Milton Leite é o de implantação de uma linguagem “popular” na sintaxe e sofisticada no léxico. Melhor: simples na estrutura e “rica” no vocabulário.

C. F.: eu gostaria que você falasse um pouquinho mais da linguagem...qual a definição de linguagem radiojornalística ou no rádio...para a Eldorado ?

M. L.: olha...éh:::...eu acho que...basicamente...o rádio...ele deve ser muito direto...não é...deve ser muito objetivo...porque hoje as pessoas não têm tempo...prá perder com Nada...né...principalmente numa cidade como São Paulo...então...o que eu tenho tentado passa...a gente tem uma redação muito nova...né...são pessoas muito jovens...éh:::...o que eu tenho tentado pra elas é exatamente isso...quer dizer...a gente tem que ser o mais direto possível...evidentemente...sem perder a qualidade da informação...sem perder a qualidade... da língua portuguesa ()...enfim...sem atropelar nenhuma dessas regras...mas a gente tem que ser objetivo...sem firulas...sem:::...sem:::...éh:::...nenhum tipo de floreio...a gente sê absolutamente objetivo...transmitir a informação...e de uns tempos prá CÁ...até com a vinda de pessoas mais experientes para apresentar programas...a gente tem sido um pouco mais::: crítico...também...tem si...temos...com um nível um pouquinho mais de comentário nas nossas informações...desde que os âncoras façam isso...não é...éh:::...por que é uma coisa que a Eldorado também tinha perdido um pouco...aí no tempo... mas... enfim... Basicamente...é ser...rápido...né...as notícias não podem ser muito longas...não podem se estender muito...porque as pessoas querem...têm sede demais...né...então...se você perde muito tempo com um assunto você deixa de dar outro...sê () o mais:::...sucinto possível...sem perder a

informação e sem perder a qualidade...do linguajar...e também ser objetivo...não é...dar as informações da melhor maneira possível.

Análise:

Nesta segunda resposta, uma reflexão de Dino Preti daria o equilíbrio ideal na definição da linguagem da Rádio Eldorado, segundo o encaminhamento a ser dado por Milton Leite.

O jornalista de radiojornalismo, então, de acordo com a reflexão de Preti (1999: 21-22), seria “um falante de um dialeto social dividido entre as influências de uma linguagem mais tensa, marcada pela preocupação com as regras da gramática tradicional, e uma linguagem popular, espontânea, distensa. Portanto, essa hipotética *linguagem urbana comum* comportaria oposições como a presença de uma sintaxe dentro das regras tradicionais da gramática ao lado de discordâncias, regências verbais de tendência uniformizadora, colocações dos componentes da frase justificadas pelos elementos prosódicos, como nos casos dos pronomes pessoais; abrangeria a precisão de um vocabulário técnico, ao lado da abertura de significado de vocábulos gírios; utilizaria vocábulos raros, de significação específica, concomitantemente com vocábulos populares de uso constante e de significado aberto.”

Este, portanto, seria o equilíbrio perfeito entre a língua de prestígio e uma aproximação com a “fala” popular que tanto pretende a Rádio Eldorado.

C. F.: qual a influência da mídia impressa...jornal...por exemplo...na linguagem do rádio...hoje...qual a influência no dia-a-dia...de vocês da Eldorado ?

M. L.: olha...eu ainda acho que aqui na Eldorado a gente tem uma influência muito grande...até porque...a gente faz parte de um grupo cujo carro...carro-chefe é um jornal...quer dizer...a gente tá inserido...até porque mudamos aqui pro prédio...quer dizer...nós tamos inserido aqui no contexto do Estadão...do Jornal da Tarde...da:::...Agência Estado...então...eu ainda acho que tem uma influência grande no nosso noticiário... até...éh...os nossos redatores...quando você vai tirar uma notícia que vem pela agência...e tal...você acaba se prendendo...um pouco...àquele texto... estamos tentando melhorar isso...quer dizer...eu acho que são duas linguagens absolutamente diferentes...que a gente precisa superar...né...a gente tem que ter a nossa própria linguagem...mas...confesso que... PRIncipalmente...aqui na Eldorado...enfim...em outros lugares que eu trabalhei já não tinha tanto essa influência...mas não sei se porque a gente está muito inserido aqui no grupo de um jornal muito forte...isso acaba tendo uma influência maior...mas...eu acho um erro...quer dizer...uma coisa que a gente está tentando corrigir.

Análise:

A terceira pergunta foi conscientemente dirigida, já que a oralidade ou a prática ilustra o cotidiano da Eldorado, e das outras emissoras também. A resposta foi a esperada: o texto do jornal, escrito, portanto, tem espaço privilegiado na programação.

O fato de “a rádio Eldorado estar inserida no contexto do Estadão e do Jornal da Tarde”, claro, não justifica a ausência de uma linguagem eminentemente oral, ou, pelo menos, próxima do que se entende, lingüisticamente, como oral ou falada.

C. F.: internet...qual a influência ?

M. L.: olha...prá essa geração de hoje...éh...total...não é...quer dizer...hoje...éh...()...e aqui é uma crítica que eu estou fazendo à geração de jornalistas de hoje...pessoal que tem menos...aí...de...trinta e poucos anos...né...pessoal que já nasceu na época da internet pro jornalismo...eu sou do tempo que ((riso)) não tinha internet...né...então...é...eu sou de uma geração que a gente checava notícia...por teleFOne...enfim...o MÁximo que você tinha na redação era um... teletipo...era um telex...e tal...mas...hoje em dia...as:::...éh...eu percebo que no dia-a-dia as redações não se viram se não tiver internet...se você não tiver como fonte de informação a internet..as redações não andam...o que é uma pena...né...porque...eu acho () sempre...o que eu vi...vi crescer na redação do Estadão...na Jovem Pan...onde eu trabalhei mais tempo...éh:::...no meu tempo era muito eficiente essa coisa de checagem...você ouvia alguma coisa...saia alguma nota...você ia atrás...você ligava...se tinha fontes...você tinha agenda...hoje em dia...eu percebo que essa geração nova...o pessoal...repito...aí...abaixo dos 30 anos...não tem agenda...se cai ((risos)) a internet ninguém sabe o que fazer...onde começar a procurar...enfim...eu acho que é uma influência...óbvio que eu não estou aqui negando as:::...vantagens e a importância da internet...mas é uma pena que hoje as redações não caminhem se a internet não estiver funcionando.

Análise:

A quarta pergunta exige um exercício de reflexão que vai além da complexidade da relação entre língua falada e língua escrita. Explico por que: a questão da linguagem na internet está muito mais distante de ser resolvida do que a linguagem das outras mídias.

Sites e portais noticiosos como o UOL, o IG, o Comunique-se, o Estadão, etc., utilizam-se de regras muito particulares para a produção e veiculação do material jornalístico.

Apesar de todas estas indefinições, as emissoras radiojornalísticas, em vários momentos da programação diária, reproduzem, na íntegra, o que está na tela do computador.

A questão confunde, ainda mais, acadêmicos e profissionais do meio, na tentativa de realizar-se algo próximo da produção radiojornalística diária. O fato relevante é detectar como se dará a relação entre a linguagem radiojornalística e a linguagem virtual, esta segunda cada vez mais cifrada.

Nas redações, a internet não é utilizada tão-somente para a checagem de informações, uma espécie de suporte. A internet é utilizada, neste caso, como veículo.

C. F.: há um manual de procedimentos...um manual de radiojornalismo da própria Eldorado...como funciona ?

M. L.: a gente ...fez um esboço no passado...nós fizemos um esboço de um manual...até porque...dentro da reestruturação da rádio todos os departamentos tiveram que fazer...éh...os seus manuais...não é um “manuel”... “manuel” que eu desejaria fazer...quer dizer...ele é muito incipiente...ele ainda tem:::regras muito:::superficiais...muito básicas...né...quer dizer...a gente num es:::miuçou ele até por falta de tempo...mesmo...eu gostaria de implantar...por exemplo...na redação da Eldorado um manual de redação... mesmo...né...de:::...ou...gostaria que a rádio adotasse um texto mais radiofônico...mas ainda não consegui fazer isso...entã...a gente tem alguns manuais de pro...manuais de procedimentos...aí...internos...éh:::...de comportamento...enfim...jornalista que não pode fazer publicidade...se tem uma publicidade...que tem que ser feita ao vivo...a gente traz o locutor do próprio comercial pra fazer...se é um evento absolutamente comercial... contrata-se free-lance pra fazer...quer dizer...o pessoal da Eldorado...por exemplo...não faz publicidade...essa é uma regra que nós estabelecemos já há um ano e pouco...e... assim...a gente vai adotando no dia-a-dia pequenas diretrizes que são adotadas...mas...eu...repito...é uma manual muito superficial ainda...eu a...tenho a impressão...que a partir do momento que a gente tiver uma redação mais estabilizada...e tal...a gente vai poder aprofundar isso...chegar até o ponto da gente ter um manual de linguagem... por exemplo...de redação mesmo.

Análise:

Não custa lembrar que a Rádio Eldorado já tem 47 anos de existência- fundada em 1958-, sem uma definição sobre a linguagem adequada a ser adotada na programação.

É importante notar que no pouco que existe sobre a produção jornalística na emissora, a preocupação está centrada em aspectos morais, éticos e, às vezes, até, em aspectos administrativos. Nada sobre linguagem.

C. F.: quer dizer...por enquanto...a ligá...a linguagem da Eldorado ainda não é a ideal ?

M. L.: não...não é a ideal...pelo contrário...tá longe disso...eu acho que a gente já evoluiu...éh:::...eles tinham alguns vícios...aqui...quando eu cheguei...de outros tempos...e que ninguém sabia direito porque tinha...mas tinha...enfim...não pu...não pode...éh...()...texto nenhum pode deixar de ter artigo...e no rádio você tem algumas manchetes...que elas ficam mais fortes se você não bota o artigo...enfim...esse é só um exemplo...não é...mas...é uma coisa que era:::uma coisa...um dogma aqui dentro ((risos)) da redação... coisa que eu já quebrei...enfim...hoje a gente já faz...hoje...coisa mais graciosa...já faz coisas mais diretas...quando não precisa botar artigo...né... enfim...eh...então...tinham algumas regras aqui que a gente...aos pouquinhos...foi quebrando...mas...tudo isso na base do dia-a-dia...não é quer dizer...não chegou a ser uma regra estabelecida...que eu escrevi e botei no papel e as pessoas foram fazer..como...por exemplo...aqui...antigamente não se podia chamar repórter só pelo nome...tinha que ser nome e sobrenome....apelido...então...nem pensar...isso...eu acho...né...na minha visão de rádio...que isso vai distanciando você das pessoas...no dia-a-dia das pessoas ninguém chama o outro...o seu colega de trabalho...o seu...seu vizinho pelo nome inteiro....ou chama pelo apelido...ou pelo primeiro nome...enfim...também é só mais um exemplo...mas... também...aos pouquinhos...a gente foi quebrando

isso...então...tinham algumas coisas muito rígidas...e muito...sem saber porque que a gente...aos pouquinhos...foi quebrando...mas...não chegou a ser nem um manual...né... foi a convivência no dia-a-dia...uma...uma hora você chega pro cara e fala pô...porque você chamou o fulano assim e não chamou assado...enfim... mais na base da conversa...a gente não estabeleceu isso...ainda...como regra.

Análise:

A produção de um manual, para o jornalista Milton Leite, será uma forma de se estabelecerem regras claras para o cotidiano jornalístico da emissora.

É interessante notar, nesta resposta, que também há a preocupação da Eldorado com a interação com o ouvinte, porém, faltam ao responsável pela programação elementos objetivos, menos instrumentais, portanto, para se implantar esta relação próxima entre veículo e audiência.

C. F.: uma aproximação...por exemplo...do:::popular ?

M.L.: é...mas...o popular...não esse popular...éh:::...essa palavra...popular...deturpada...que está aí...não é...o que eu costumo dizer é o seguinte...a gente precisa estar mais próximo das pessoas...no dia-a-dia...então... como é que as pessoas falam...as pessoas erram...as pessoas pedem desculpas...não é...e...aqui...é assim...éh:::...se tá fazendo um programa ao vivo...e rádio...basicamente...é feito na base do improviso...é impossível você não errar...e...assim...você volta atrás...e diz...olha...eu errei...desculpa...não era isso que eu queria dizer...enfim...porque isso

acontece no dia-a-dia...você passa prás pessoas...passa prás pessoas uma sensação de que você é ser humano...você erra...né...então...isso também não podia...aqui na Rádio Eldorado...imagina...então...na verdade...o que eu penso...quando a gente fala em popular...dá a impressão que eu vou fazer um rádio popular...éh:::...porque esse termo popular ficou meio desgastado e meio pejorativo...né...não é essa a idéia...a idéia é de aproximar das pessoas...é...seja classe a...classe b...enfim...que é o público que a rádio... normalmente...atinge...mas...ser mais próximo dessas pessoas...falar como elas falam...um pouco mais...sem perder os parâmetros de rigidez da informação...qualidade no falar...enfim.

Análise:

O jornalista Milton Leite se deixou levar pela pergunta, em forma de provocação, e se incomodou um pouco com a possível definição de “popular demais” para a linguagem que pretende implantar na redação da Rádio Eldorado.

Uma resposta para aplacar a inquietação de Milton Leite, nesta aproximação feita por ele da linguagem ideal da Rádio Eldorado a uma espécie de “discurso urbano comum” está em Dino Preti (1999: 22):

“Portanto, os componentes desse discurso urbano comum se adequariam às variações de interação a que estão sujeitos os falantes nas cidades grandes, ajudando a expressar os vários papéis sociais que desempenham, respeitadas as características da situação interacional. Trata-se, pois, de um dialeto social que atende tanto aos falantes cultos como aos falantes comuns, com menor grau de escolaridade.”

Preti diz mais:

“Note-se que estudos sobre problemas de variação de linguagem provocados por variação de situações interacionais já tinham demonstrado que falantes cultos podem utilizar uma variedade de registros que vai do formal ao coloquial, em função de suas necessidades de comunicação. E, mais: é a possibilidade dessa variação de registros que nos permite identificar o falante culto real e não seu conhecimento maior ou menor das regras da gramática tradicional, conhecimento de que se utilizaria muito mais na língua escrita.” (Preti, 1990: 4-5)

Os trechos citados de Dino Preti não servem de modelo para os problemas da linguagem radiojornalística, mas, poderiam orientar o jornalista Milton Leite para a implantação, na Rádio Eldorado, de uma espécie de “linguagem popular sofisticada”.

A questão está no fato de como transformar esta “linguagem popular sofisticada” em textos, opiniões, reportagens, entrevistas, etc.

C. F.: perfeito...prá fechar...em quanto tempo você acha que a Eldorado vai chegar a esse padrão na linguagem ?

M. L.: é...eu quero buscar um padrão...quer dizer...na verdade...no ano passado a gente se dedicou a reestruturar a redação...a reorganizar a programação...demos o primeiro passo...aí...nessa coisa de quebrar...um pouco...a estrutura de linguagem...mas...eu acho assim...talvez...se a gente fosse estabelecer um tempo...eu imagino...mais um ano e pouco...o que será em final de dois mil e seis...eu gostaria que a rádio chegasse ao final de

dois mil e seis...evidentemente...se eu também tiver ((risos)) aqui ainda...éh:::... com uma coisa mais padronizada...uma linguagem talvez...até...quem sabe...com um esboço de um manual de redação...mas...já...com coisas bem definidas.

Análise:

O jornalista Milton Leite afastou-se da Chefia Geral da Redação da Rádio Eldorado meses após a realização desta entrevista, em setembro de 2005. Milton Leite, a exemplo de vários outros profissionais que passaram pela emissora, deixou o manual inconcluso.

O jornalista Sérgio Santos assumiu o cargo de Milton Leite em fevereiro de 2006, com a promessa de definir melhor a linguagem utilizada pelos profissionais da Eldorado.

3.5. Radiojornalismo: “Poliglota na própria língua ?”

Ao analisar as duas entrevistas concedidas pelos jornalistas Heródoto Barbeiro e Milton Leite, além de todo o material de apoio teórico utilizado como base científica, chega-se à conclusão, embora parcial, de que o radiojornalismo, mais do que qualquer outro veículo, precisa ser “poliglota na própria língua”, segundo definição do professor Evanildo Bechara. A questão será mais bem explicada nas páginas seguintes.

Percebemos, nas afirmações dos dois profissionais entrevistados, que as emissoras em que trabalham, a CBN e a Eldorado, estão à procura da

melhor forma de se comunicar com os seus públicos, ou audiências. As duas emissoras, e as outras também, estão em busca de uma linguagem.

Uma questão importante para a possível definição de uma linguagem específica para as duas emissoras já foi resolvida: as emissoras sabem para quem falar: as classes A e B, consideradas privilegiadas, pois, fazem parte do cume da pirâmide social, são as “eleitas” para receber a atenção das empresas.

Cabem algumas perguntas: Será que a questão está resolvida ? Será que a chamada elite brasileira utiliza-se de uma linguagem sofisticada na conversação de qualquer natureza ? Como falam, afinal, os integrantes das classes A e B ?

A tentativa do radiojornalismo por uma fórmula para se adequar uma linguagem ideal a determinado público e as constatações de Preti sobre o “Discurso oral culto” são muito próximas:

“Quando se iniciaram as análises das gravações do Projeto NURC/ SP, havia a expectativa de se encontrar nos diálogos e entrevistas a linguagem de falantes que correspondesse à classificação antecipada de *culta*. Porque na escolha desses informantes foi levada em conta sua formação universitária e essa variável- grau de escolaridade- constituiu a base para a formação do *corpus*.” (Preti, 1999: 21)

O radiojornalismo, a exemplo da análise do projeto NURC/ SP, a priori, pela classificação da sociedade, também tenta “adivinhar” qual seria a linguagem dos componentes da audiência, sem um conhecimento empírico de como fala o público de interesse.

O resultado para o radiojornalismo é equivalente àquele conseguido pelo Projeto NURC/ SP:

“Essas primeiras análises, no entanto, revelaram resultados inesperados e até contraditórios. Considerando que as *situações de interação* eram praticamente sempre as mesmas, isto é, gravações conscientes, monitoradas por um documentador, com fases mais espontâneas, outras mais tensas, com variações de nível de intimidade entre os interlocutores dos diálogos ou das entrevistas, os inquéritos acabaram revelando um discurso que se identificava, na maioria das vezes, com o do falante urbano *comum*.”

(Prete, 1999: 21)

Os resultados da análise do Projeto NURC/ SP servem de orientação para as emissoras radiojornalísticas que estão em busca de uma linguagem. Definir o público, tão-somente, seja pelo grau de escolaridade, seja por uma determinada classe social, privilegiada ou não, não é o bastante.

Uma indicação para o que poderia ser uma linguagem ideal para o radiojornalismo talvez esteja nas reflexões de Evanildo Bechara. Numa conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro, cujo tema era a língua portuguesa em debate, em julho de 2000, Bechara disse o seguinte:

“A democratização do ensino consiste em que o professor não acastele o seu aluno na língua culta, pensando que só a língua culta é a maneira que ele tem para se expressar; nem tampouco aquele professor populista que acha que a língua gostosa e saborosa do povo, como dizia Manuel Bandeira. Não, o professor deve fazer com que o aluno aprenda o maior

número de usos possíveis, e que o aluno saiba escolher e saiba eleger as formas exemplares para os momentos de maior necessidade, em que ele tenha que se expressar com responsabilidade cultural, política, social, artística, etc. E isso fazendo, o professor transforma o aluno em poliglota na própria língua”.¹⁵

Analogamente, para perfeita compreensão, basta transformar o “professor” apresentado por Bechara no radiojornalismo atual. O radiojornalismo atual está, de acordo com o que produz e apresenta, “acastelado na língua culta ou na língua gostosa e saboroso a do povo”, extremos, portanto.

A exemplo de Preti e Marcushi, Bechara ensina o seguinte sobre a adequação da linguagem ao seu público:

“Como, de manhã, a pessoa abre o guarda-roupa para escolher a roupa adequada aos momentos sociais que ela vai enfrentar durante o dia, assim também, deve existir, na educação lingüística, um guarda-roupa lingüístico, em que o aluno saiba escolher as modalidades adequadas a falar com gíria, a falar popularmente, a saber entender um colega que veio do Norte ou que veio do Sul, com os seus falares locais, e que saiba também, nos momentos solenes, usar essa língua exemplar, que é o patrimônio da nossa cultura e que é o grande baluarte que esta academia defende.”¹⁶

A redação de uma emissora de radiojornalismo poderia transformar-se, segundo o entendimento do professor Bechara, num grande guarda-roupa lingüístico, fazendo do veículo um “poliglota na própria língua”,

^{15/16} (www.academia.org.br/2000)

capaz de falar para públicos variados, dependendo da situação interacional, dependendo da intencionalidade.

CAPÍTULO 4 – Fundamentação Teórica: Contribuições da Análise da Conversação para a linguagem radiojornalística

A Análise da Conversação é completamente desconhecida nos meios jornalísticos, tanto no ensino da profissão nas universidades quanto na produção diária do material jornalístico, seja no rádio, seja no jornal, seja nas revistas ou nas televisões.

Atuamos como professor de comunicação há mais de dez anos e como repórter de radiojornalismo há quinze anos e nunca discutimos ou acompanhamos qualquer discussão sobre as estratégias conversacionais, sob o ponto de vista lingüístico, nos veículos de comunicação, menos ainda no rádio, segmento em que atuo.

As estratégias conversacionais utilizadas na produção jornalística pelos profissionais da área, independentemente do veículo, seguem, com algum grau de sofisticação, os mesmos modelos de interação da relação cotidiana da sociedade, a fala doméstica.

Na apresentação de um programa ou na realização de uma entrevista face-a-face ou por telefone, por exemplo, o profissional precisa atender às seguintes exigências: conhecer profundamente o assunto da entrevista ou a pauta do programa, não cometer erros gramaticais na relação com a fonte e ter uma voz adequada para o veículo.

Questões como características organizacionais da conversação, falas simultâneas, sobreposição de vozes, pausas, silêncios, hesitações, reparações, correções, seqüências inseridas, organizadores globais, todos

aspectos fundamentais para se entender a relação entre o radiojornalista, a fonte e a audiência não fazem parte do processo de aprendizagem do jornalista.

Desta forma, esta dissertação, nas próximas páginas, terá a Análise da Conversação como base teórica para se entender um recorte da linguagem radiojornalística, a entrevista, ao vivo, por telefone.

4.1. Breve histórico sobre a Análise da Conversação

Os estudos da *Análise da Conversação*, AC, um dos eixos teóricos de análise deste trabalho, tiveram início na década de 60, ancorados na linha da Etnometodologia e na linha da Antropologia Cognitiva. Até meados da década de 70, segundo Luiz Antônio Marcuschi (2003), a AC preocupou-se, sobretudo, com a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores.

Apesar dos mais de quarenta anos de existência, Marcuschi crê (Cf. 2003) “que há boas razões para o estudo da conversação. Em primeiro lugar, ela é prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade lingüística dos falantes”.

A *Análise da Conversação* contribuirá com elementos importantes na produção deste trabalho, como aspectos da oralidade na produção e na

apresentação de uma entrevista radiojornalística, ao vivo, por telefone, embora não existam pesquisas específicas sobre o assunto.

Luiz Antônio Marcuschi é o pioneiro, no Brasil, dos estudos da *Análise da Conversação*. Também se dedicam a AC lingüistas importantes, como por exemplo: H. Urbano (1987), D. Preti (1988) (Cf Castilho, 1991) e A. T. Castilho (1983). L. A. Marcuschi sistematiza os principais fundamentos da disciplina, cuja obra clássica é *Análise da Conversação*.

Antes de L. A. Marcuschi, os primeiros estudos de Análise da Conversação foram realizados por H. Sachs, E. E. Schegloff e G. Jefferson (1974), ao investigarem os procedimentos das tomadas de turno, em paralelo aos trabalhos acerca da interação social de E. Goffman (1974). Tais estudos utilizam como metodologia de investigação a coleta de dados observacionais, seguindo a orientação da tradição de uma disciplina empírica.¹⁷

J. J. Gumperz, hoje, entende:

“...a AC deve preocupar-se sobretudo com a especificação dos conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem-sucedida. Esta perspectiva

¹⁷ Parte dos parágrafos foi reproduzida da Dissertação “Aspectos Conversacionais e Interacionais na Entrevista de Grupo em Televisão: O Programa Sílvia Poppovic”, defendida em 1999, na PUC de São Paulo, por Lúcia de Fátima do Vale, sob a orientação do professor Dino Preti.

ultrapassa a análise de estruturas e atinge os processos cooperativos presentes na atividade conversacional: o problema passa da *organização* para a *interpretação*.” (Marcushi, 2003: 6)

A realidade social, segundo estudos da AC, não é um dado objetivo, mas sim construído por meio da interação entre os membros de dada sociedade. O conhecimento lingüístico, neste caso, serve de apoio para o entendimento dessa interação, já que a linguagem se estabelece cotidianamente pela linguagem oral, e não de forma aleatória e desordenada.

4.2. Entre o oral e o escrito: Ajustes e desajustes na linguagem radiojornalística

Para marcar o ponto de transição desta pesquisa sobre as questões técnico-jornalísticas e as questões lingüísticas nas entrevistas radiojornalísticas, ao vivo, por telefone e seus *elementos*, há que se fazer um ajuste dos dados e informações apresentados até agora.

A conclusão possível sobre a produção radiojornalística é a de que o segmento, contrariamente ao *continuum tipológico* de Marcushi, trata a linguagem como uma espécie de “descontinuum tipológico”¹⁸, separando, radicalmente, na maioria das vezes, a língua escrita de língua oral.

¹⁸Termo utilizado nesta pesquisa para marcar a diferença entre o que faz o mercado e a reflexão da teoria lingüística. O termo marca a oposição entre o *continuum tipológico*, de Marcushi e o “descontinuum tipológico”, do mercado.

O “*descontinuum tipológico*” pode ser observado nas reportagens e nas entrevistas apresentadas por todas as emissoras radiojornalísticas do país. Mesmo definindo a oralidade- principal característica do radiojornalismo- como “desorganizada, frouxa e artificial”, há uma insistência nas redações no sentido de que a linguagem dos profissionais do veículo tenha um alto grau de sofisticação.

Basta ler os manuais das Rádios CBN e Bandeirantes, por exemplo, ou acompanhar as programações das emissoras para constatar o paradoxo. Nas primeiras páginas das publicações, a grande preocupação registrada nas orientações, sugestões e até nas imposições é com a língua de prestígio.

Por outro lado, apesar do desconhecimento científico de algumas estratégias lingüísticas de comunicação, os profissionais, notadamente do radiojornalismo, se utilizam dos vários mecanismos da *Análise da Conversação* para a elaboração e para a veiculação do material radiojornalístico.

O ajuste entre o oral e o escrito no radiojornalismo, independentemente da atividade produzida, poderá ser feito com a aproximação entre a teoria e a prática, entre o real e o ideal.

A teoria contribui, nesta aproximação entre a pesquisa e a prática, para a devida clareza sobre a produção radiojornalística, com aspectos específicos da conversação, como os organizadores globais na conversação telefônica, a assimetria, a modalização, a defesa da face, a interação e a expressividade da linguagem oral no diálogo radiojornalístico.

4.3. A entrevista radiojornalística por telefone e os organizadores globais

Os organizadores globais¹⁹, sob o ponto de vista da *Análise da Conversação*, servirão de referência para a compreensão de alguns aspectos fundamentais do mecanismo de funcionamento de uma entrevista radiojornalística, realizada por telefone, ao vivo, numa emissora de rádio.

Não existe literatura específica em jornalismo ou em Lingüística para o perfeito entendimento dessa prática utilizada por todas as emissoras de rádio do país. Para ilustrar, lembro-lhes que as televisões também fazem entrevista por telefone, com o objetivo de esclarecer determinado perfil da sociedade sobre questões que variam da economia à política; da saúde ao serviço; do entretenimento à educação, etc.

As entrevistas realizadas nas emissoras de rádio seguem critérios bastante simples no processo de produção do texto e no processo de execução da atividade. Há casos em que o radiojornalista faz a entrevista sem se orientar por um mínimo de texto, tudo é feito no improviso.

A simplificação no processo de realização da atividade aumenta ainda mais quanto a critérios lingüísticos ou estratégias conversacionais na relação entre entrevistador, entrevistado e ouvinte.

¹⁹Organizadores globais: o caso da conversação telefônica, neste trabalho, será substituído por entrevista radiojornalística por telefone, ao vivo.

Entre as exigências de qualquer redação para a execução da atividade estão as seguintes: toda entrevista tem uma abertura, perguntas e um encerramento, com um tempo, muitas vezes, bastante rígido entre o início e o fim. Nada mais.

De qualquer forma, a *Análise da Conversação* lança luz sobre a questão, entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, com elementos como organização de turno, organização de seqüências, marcadores conversacionais, coerência conversacional, organização do tópico e organizadores globais.

Apesar da rica contribuição da AC para a compreensão do processo de produção, de apresentação e de realização de uma entrevista, por telefone, ao vivo, esta pesquisa vai trabalhar com aspectos teóricos bem específicos.

Marcuschi diz o seguinte sobre os organizadores globais na conversação telefônica, aspecto fundamental desta pesquisa:

“Na presente análise ater-me-ei apenas ao caso dos telefonemas, por várias razões: (a) neles o canal de contato é puramente lingüístico; (b) todos os problemas devem ser resolvidos verbal e explicitamente; (c) é uma das poucas conversações das quais se pode obter o início, o desenvolvimento e a conclusão integralmente. De resto, trata-se de um evento para cuja realização devem primeiro ser conseguidas certas condições básicas, uma vez que não se dá face a face.”

(Marcuschi, 2003: 54)

As razões apresentadas acima por Marcushi atendem pontualmente as necessidades desta pesquisa para se ter clareza sobre os mecanismos lingüísticos utilizados, também, numa entrevista de cunho jornalístico em uma emissora de rádio.

É possível adiantar, nesta parte da pesquisa, que a entrevista em radiojornalismo, por telefone, ao vivo, elimina alguns problemas da conversação dita comum, como silêncios, pausas, dificuldade no primeiro contato, dificuldade no fechamento do diálogo ou pré-seqüências.

4.4. Entrevista no radiojornalismo: simétrica ou assimétrica ?

Não existe qualquer possibilidade de a entrevista no radiojornalismo ser simétrica, pois o jornalista, neste caso, representa a “voz” do ouvinte na relação com a fonte de informação ou entrevistado.

A assimetria é intrínseca às características do próprio veículo, já que a massa de ouvintes se sente representada pelo discurso do radiojornalista. Por isso, também, o par dialógico perguntas-e-respostas deve ser dirigido pelo comunicador, sempre.

A questão não é mais discutida nas redações radiojornalísticas, pela clareza sobre a responsabilidade daquele que está à frente do microfone. Por outro lado, a *Análise da Conversação*, por exemplo, não tem uma resposta objetiva sobre o problema. Não existe, na verdade, pesquisas sobre o assunto.

Marcuschi reserva um espaço reduzido para o tema (2003: 16):

“(a) *diálogos assimétricos*: em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o (s) outro (s) participante (s). É o caso das entrevistas, dos inquéritos e da interação em sala de aula.

(b) *diálogos simétricos*: em que vários participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo. As conversações diárias e naturais são o protótipo dessa modalidade.”

Não custa lembrar, de acordo com a própria literatura de referência, que todas as experiências feitas na lingüística sobre entrevistas, abordando, ou não, a relação simétrica/ assimétrica entre entrevistador e entrevistado privilegiam a entrevista presencial ou face-a-face e por telefone. Não há, por enquanto, pelo menos, pesquisas sobre as atividades especificamente radiojornalísticas.

A assimetria na entrevista radiojornalística servirá de referência, nesta pesquisa, para pontuar, definitivamente, a responsabilidade do profissional em conduzir o processo de comunicação, seja qual for o veículo.

4.5. A modalização e a hesitação no radiojornalismo

A modalização é largamente utilizada, muitas vezes como forma de interação, pelos profissionais do radiojornalismo na apresentação de todos os *elementos* do segmento, tanto informativos quanto opinativos.

Até pela natureza oral da comunicação através do veículo, vários mecanismos interacionais são acionados para a efetivação da conversação, muitas vezes com mais de um entrevistado e entrevistador, mesmo a atividade não se constituindo num debate, que seria outro gênero radiojornalístico.

A complexidade de uma entrevista radiojornalística, no jogo de poder entre entrevistador e entrevistado, exige a utilização de estratégias adicionais àquelas utilizadas no dia-a-dia, na relação com um professor ou com um filho, por exemplo.

A partir dos pressupostos da *Análise da Conversação*, será também analisada, nesta pesquisa, uma ocorrência bastante freqüente nas entrevistas radiojornalísticas: a modalização de dúvida e de suposição na conversação, para a defesa da face e redirecionamento do discurso.

Também serão estudadas as hesitações na comunicação radiojornalística como uma importante estratégia para a organização do pensamento e o desenvolvimento de um texto oral.

Assim, será possível constatar a importância e a freqüência do uso de marcadores conversacionais na mídia eletrônica, os modalizadores e mesmo as hesitações, como eficientes contribuições para a organização cognitiva e o planejamento de um texto falado coerente e produtivo.

Chamam-se *modalizadores* os meios pelos quais um falante manifesta o modo como ele considera seu próprio enunciado. Por exemplo, os advérbios *talvez*, *provavelmente*, as intercaladas *pelo que eu creio*,

conforme a minha opinião, etc., indicam que o enunciado não está inteiramente incorporado pelo locutor ou que a asserção está limitada a uma certa relação entre o sujeito e o seu discurso.

Galembeck esclarece: “... os modalizadores de dúvida e suposição são subcategorizados de acordo com os diversos procedimentos lingüísticos utilizados para a expressão da modalidade: procedimentos proposicionais, lexicais, desinênciais (ou flexionais).” (2003: 235)

O predomínio de modalizadores proposicionais na expressão da dúvida ou da incerteza deve-se ao fato de que eles se situam à margem do enunciado: o locutor inicialmente assinala a dúvida e, a seguir, formula o enunciado. Com esse procedimento, o informante anuncia, desde o início, que não assume total responsabilidade acerca do que vai ser dito e, assim, busca preservar sua auto-imagem (Id. p. 236).

Entre os objetivos deste trabalho está o de associar a utilização de modalizadores de suposição e de dúvida, nas entrevistas radiojornalísticas e seus *elementos*, como forma de preservação da face.

Já as hesitações na oralidade são marcadores que podem funcionar como indicação de planejamento verbal, de modo que o falante se situe no discurso e ganhe tempo para formulá-lo o melhor possível. As pausas mais ou menos longas também se relacionam a este processo de poder expressar o pensamento de forma coerente e organizada. Marcuschi afirma:

“Em geral as hesitações (ou pausas preenchidas) servem como momentos de organização e planejamento interno do turno e dão tempo ao falante de se preparar.” (2003: 27)

De fato, estes “organizadores conversacionais para o planejamento verbal” são freqüentes nas entrevistas radiojornalísticas e podem aparecer do seguinte modo:

1. “pela repetição de um mesmo vocábulo seguidas vezes;
2. pelo alongamento de sílabas, seguidos de pausas de menor ou maior duração;
3. pelos marcadores de hesitação: *éh, éhn, ahn, uhn, agora, digamos, mas, etc.*”
(Preti, 2004: 49)

A modalização e a hesitação se constituem em aspectos bastante importantes na análises do *corpus* desta pesquisa já que qualquer diálogo radiojornalístico envolvendo entrevistador e entrevistado exige um planejamento específico do texto oral e uma espécie de “preparação” do ouvinte, também, com os modalizadores, para a apresentação de algum tipo de informação desagradável, ou não, para a audiência.

4.6. A preservação, ou não, da face, no radiojornalismo

A manutenção do aspecto positivo da face na produção radiojornalística é de extrema importância para a credibilidade de qualquer profissional da área. O cuidado nos questionamentos mais contundentes e a habilidade nas réplicas, nas trélicas, etc., quando existem, transformam o entrevistador num “especialista” em perguntar, sem a profundidade necessária.

A preservação, ou não, da face, na relação entre entrevistador e entrevistado, poderá ser o caminho para a clareza sobre como criar estratégias conscientes, consistentes e objetivas para se conseguir as respostas adequadas na entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo.

O entendimento para a preservação da face na conversação pode se dar nas seguintes situações: distanciamento, ou não, do locutor; indeterminação, ou não, do sujeito; marcadores, ou não, de rejeição; marcadores, ou não, de opinião; marcadores de hedges; alusão, ou não, a terceiros e paráfrases.

Paulo de Tarso Galembeck (1999: 174) assim define o conceito de face:

“O conceito de face foi inicialmente estabelecido por Goffman (1970), a partir do quadro geral de interação face-a-face, no qual são realizados os textos falados. Segundo o citado A., o fato de alguém entrar em contato com outros constitui uma ruptura de um equilíbrio social pré-existente e, assim, representa uma ameaça virtual à auto-imagem pública construída pelos participantes do ato conversacional. Goffman denomina face a expressão social do **eu** individual; o mesmo A. designa por **processos de representação (face-work)** os procedimentos destinados a neutralizar as ameaças (reais ou potenciais) à face dos interlocutores ou a restaurar a face dos mesmos. As idéias de Goffman foram complementadas e aprofundadas por Brown e Levinson (1978), que estabeleceram a distinção entre **face positiva** (aquilo que o interlocutor exhibe para obter aprovação ou reconhecimento) e **face negativa** (“território” que o interlocutor deseja preservar ou ver preservado). “

A complexidade pode ser ilustrada da seguinte forma: entrevistador no estúdio de uma emissora de rádio em São Paulo; o entrevistado num escritório no Japão; o tema abordado pode ser as experiências norte-americanas sobre as mais recentes viagens ao espaço; os ouvintes acompanham, pelo rádio e pela internet, no Brasil, na Europa e em parte da Ásia.

Objetivamente, não custa lembrar, mais uma vez: esta pesquisa vai restringir-se à análise da relação entre a programação de duas emissoras radiojornalísticas locais e audiência local, apesar do conhecimento sobre a transmissão global, via internet.

Importa ressaltar, ainda, que o aspecto cultural, neste caso, servirá de “eixo” para o melhor entendimento desta fase do trabalho: o entrevistador deve-se adequar ao perfil lingüístico do entrevistado e à realidade da audiência.

4.7. A interação verbal no radiojornalismo

No radiojornalismo do mercado, a interação entrevistador, entrevistado e audiência ocorre, normalmente, pela “sensibilidade” das partes envolvidas no processo de transmissão da informação. Isso, mesmo diante de toda a complexidade de uma entrevista em que o entrevistador pode estar a aproximadamente vinte mil quilômetros de distância do entrevistado e dos vários públicos.

A literatura jornalística, também neste caso, não apresenta qualquer sinalização sobre a interação entre entrevistador e entrevistado, numa relação presencial ou à distância- entrevista por telefone, por exemplo.

Dino Preti (2002: 143) assim define a interação na conversação:

“O conceito de *interação* pode ser entendido em sociedade sob o ponto de vista da reciprocidade do comportamento das pessoas, quando em presença umas das outras, numa escala que vai da cooperação ao conflito. De uma maneira geral, pode-se partir desde uma simples co-presença em que dois indivíduos se cruzam na rua e que, mesmo sem se conhecerem, se observam, guardam distância e desviam-se para não se chocarem, o que já demonstra uma ação conjunta e socialmente planejada, até a interação com um único foco de atenção visual e cognitiva, como a conversação, em que os falantes por um momento se concentram um no outro e se ligam, não só pelos conhecimentos que partilham, mas também por fatores socioculturais, expressos na maneira como produzem o seu discurso e conduzem o diálogo.”

(Galembeck, 1999: 174)

Embora não existam pesquisas específicas sobre o assunto, a *Análise da Conversação* fornecerá elementos importantes para a análise, com certo grau de objetividade, da entrevista radiojornalística.

Efetivar o processo de interação em uma entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, pode ser mais fácil se levarmos em consideração que existe uma pré-disposição, na maioria das vezes, de interação entre os dois principais personagens no processo.

A pauta, *elemento* jornalístico detalhado anteriormente²⁰, define com antecedência questões importantes, como por exemplo: nomes do entrevistador e do entrevistado, assunto a ser discutido, abordagem, perguntas, hora do contato e tempo médio da entrevista.

Todas as condições favoráveis são criadas, momentos antes da entrevista, para que não haja o que a técnica jornalística classifica como “ruído” na informação ou na relação com a fonte.

Apesar de todo o planejamento prévio, o jornalismo ainda não tem clareza sobre como o processo se realiza, sob o ponto de vista lingüístico ou conversacional. Os problemas interacionais que surgem ao longo das entrevistas são resolvidos mais pela experiência dos profissionais do que pelo conhecimento científico.

²⁰ Cf. A entrevista radiojornalística e seus *elementos*, pág. 28.

CAPÍTULO 5 – Entre o prático e o teórico: análise dos aspectos conversacionais na entrevista radiojornalística

As duas entrevistas²¹ realizadas para esta dissertação com os jornalistas Heródoto Barbeiro, Diretor de Jornalismo da Rádio CBN e Milton Leite, Diretor de Jornalismo da Rádio Eldorado, função ocupada por ele até setembro de 2005, poderiam servir de base do *corpus* para a análise teórico-prática da linguagem radiojornalística das duas emissoras.

Os jornalistas definem, na entrevista, como linguagem ideal para as duas emissoras, uma mistura de padrão formal da língua, aspectos administrativos de uma redação, ética jornalística e defesa do meio ambiente. Até a história de criação do veículo, em alguns casos, encaixa-se no entendimento deles como linguagem no segmento²².

A linguagem idealizada pelos dois jornalistas está distante daquilo que a CBN e a Eldorado desenvolvem, na prática, na produção e na apresentação de entrevistas, notas, comentários e reportagens variadas. A distância entre o real e o ideal de uma linguagem sofisticada é ainda maior quando os âncoras improvisam, na apresentação de algum programa, um diálogo com entrevistados ou com repórteres.

²¹ As entrevistas com os dois jornalistas, Heródoto Barbeiro e Milton Leite, não serão analisadas como parte do *corpus* deste trabalho. Serão analisadas, sim, as duas entrevistas apresentadas, em tempo real, na CBN e na Eldorado.

²² As afirmações acima estão registradas nas entrevistas realizadas com os jornalistas Heródoto Barbeiro, p. 63 a 74 e Milton Leite, p. 91 a 103. Confira a íntegra das duas entrevistas em Anexos.

A falta de um padrão lingüístico mínimo para a realização da entrevista jornalística no rádio, por exemplo, torna a atividade limitada na sua produção e na sua execução. Ressalte-se que a entrevista, apresentada ao vivo ou gravada, é a atividade mais importante para a coleta de informações e posterior produção de vários *elementos* jornalísticos.

5.1. A conversação na entrevista radiojornalística: monólogo-diálogo-trílogo

Na parte final desta dissertação, o monólogo-diálogo-trílogo tem como principal objetivo estabelecer a relação prática entre o entrevistador, o entrevistado, o ouvinte e o conteúdo jornalístico.

O entrevistador, no caso do jornalismo, é um profissional, na maioria das vezes, com graduação, apenas, que desenvolve a sua atividade enquadrando-se nas orientações “ideológicas” das empresas e de acordo com a própria “sensibilidade” jornalística.

O entrevistado faz parte de um grupo heterogêneo, em todos os sentidos. Pode ser homem, mulher ou criança. Pode ser o presidente da república, um parlamentar de qualquer nível da estrutura política, um grande empresário ou um catador de papel.

O ouvinte está num grupo ainda mais difuso, devido à capacidade de penetração do veículo rádio na sociedade brasileira, seja no campo, seja na cidade. O aparelho de rádio está, cada vez mais, presente no carro, nas empresas e nas casas das pessoas, além do rádio *on-line*.

Com um atraso de duas décadas, pelo menos, as empresas radiojornalísticas perceberam a importância e o peso da interação com a audiência e passaram a direcionar a programação para grupos específicos, direcionamento conhecido, tecnicamente, de segmentação.

Some-se a tudo isso, entrevistador, entrevistado e ouvinte, o conteúdo jornalístico, nem sempre produzido originalmente na redação das emissoras. A base textual, na grande maioria das vezes, tem como origem as redações dos jornais e, mais recentemente, as redações dos sites e dos portais noticiosos.

Ressalte-se que não está em questão, neste momento, analisar o conteúdo do discurso das emissoras radiojornalísticas. Discute-se, sim, as estratégias conversacionais, superficiais ou não, utilizadas por duas das principais emissoras jornalísticas de São Paulo, tendo-se como *corpus* a entrevista e seus *elementos*.

A “desconstrução” das entrevistas e de alguns *elementos* radiojornalísticos produzidos nas rádios CBN e Eldorado, à luz da *Análise da Conversação*, vai demonstrar, cientificamente, o comportamento e a importância lingüística de cada aspecto na conversação radiojornalística.

Na ordem, o processo teria que se dar da seguinte forma: o entrevistador, num primeiro momento, estabelece uma interação com o próprio texto- o monólogo; ato contínuo, o entrevistador estabelece um diálogo com o entrevistado, com todas as implicações e particularidades das estratégias conversacionais. Para finalizar, o ouvinte participa da

conversação de forma ativa e passiva, completando o trílogo na “fiscalização” da atividade.

O processo interativo de comunicação entre o entrevistador, o entrevistado e o ouvinte, tendo-se como estrutura de comunicação o texto, tem que ocorrer, no mínimo que seja, para que o monólogo, o diálogo ou o trílogo não se transforme em solilóquio, bloqueando qualquer possibilidade de comunicação.

Parte de muitas das considerações acima serão ampliadas a seguir, na parte analítica do *corpus* desta pesquisa.

5.2. A entrevista na CBN x a entrevista na Eldorado

Esta parte final da dissertação vai apresentar a transcrição de duas entrevistas- de acordo com o *corpus* desta pesquisa-, uma realizada pelo jornalista Heródoto Barbeiro, âncora do Jornal da CBN e Diretor de Jornalismo da Emissora- Sistema Globo de Rádio- e outra realizada pelos jornalistas Felipe Bueno e José Márcio Mendonça, âncoras do Jornal Eldorado- empresa do Grupo Estado.

As entrevistas em análise foram veiculadas nos dois principais jornais das duas emissoras, por telefone, ao vivo, entre 6h00 e 7h00 da manhã, no período de 27 de setembro a primeiro de outubro de 2004, com tempo médio de sete minutos cada.

Constata-se, a priori, que as entrevistas radiojornalísticas, ao vivo ou gravadas, realizadas nas duas emissoras, assim como em todas as outras

emissoras do país, têm como base um mesmo formato, em três tempos, sob o ponto de vista jornalístico.

A primeira fase da atividade consiste na abertura feita pelo âncora, realizada da seguinte forma: contextualização do assunto, registro do fato que originou a entrevista, registro do cargo, do nome completo do entrevistado, da empresa em que atua o entrevistado, além dos cumprimentos formais do entrevistador e do entrevistado.

A segunda fase- a mais importante das três, sob o ponto de vista jornalístico-, a das perguntas, desenvolve-se com os questionamentos, de acordo com o fato que originou a entrevista. As perguntas são feitas de forma objetiva, com o intuito de extrair do entrevistado as respostas que seriam de interesse da audiência ou do ouvinte.

A terceira fase ou encerramento da entrevista jornalística, por telefone, ao vivo, no rádio, caracteriza-se por um rápido resumo do assunto e repetição da abertura: contextualização, registro do fato que originou a atividade, registro do cargo, do nome completo do entrevistado, da empresa em que atua o entrevistado, além das despedidas formais entre entrevistador e entrevistado. Todo o processo é conduzido pelo âncora, sempre.

Nas análises das duas entrevistas apresentadas a seguir, para melhor compreensão do trabalho, serão utilizados os métodos de transcrição do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). Mesmo sem uma definição científica para algumas ocorrências, esta pesquisa registrará todas as formulações lingüísticas utilizadas pelos jornalistas no processo de fala.

Ainda como parte constituinte do *corpus* serão comparados e analisados dois textos apresentados na CBN e publicados, os mesmos textos, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Será uma comparação entre o *continuum tipológico* de Marcuschi com uma espécie de “descontinuum tipológico” ou *retextualização*.

O “descontinuum tipológico” seria uma forma muito específica, pensada de acordo com as constatações feitas ao longo desta investigação, para caracterizar o pensamento do segmento jornalístico sobre a diferença radical entre o texto escrito e o texto falado. As duas modalidades, portanto, não fariam parte de um *continuum* lingüístico, de acordo com as reflexões de Marcuschi.

5.3. CBN: Radiojornal do dia 28 de setembro de 2004, terça-feira

O radiojornalismo brasileiro, pela inexistência de literatura sobre aspectos de sua linguagem, se constitui num campo riquíssimo para pesquisadores interessados em saber como falam os profissionais de um veículo que está presente em quase todos os lares nacionais.

As particularidades lingüísticas do veículo, a priori, chamam a atenção para um modelo de comunicação ou de conversação que fica entre o diálogo do cotidiano de um cidadão comum, com todo o seu coloquialismo característico, e um diálogo mais tenso, com particularidades que mais se aproximam da linguagem escrita, culta.

Não só isso: as exigências da linguagem jornalística, numa espécie de padrão geral, independentemente do veículo, fazem com que o falar em radiojornalismo se distancie ainda mais de qualquer padrão previamente

estabelecido pela Lingüística, por exemplo, na transmissão de uma informação, seja qual for o *elemento* jornalístico. O radiojornalismo, lembre-se, mais uma vez, é a língua em *uso*, em tempo real.

Entre as exigências do fazer jornalismo, em geral, estão a clareza, a objetividade, a imparcialidade, a simplicidade e a concisão do texto ou da fala. Todos esses aspectos, também presentes no radiojornalismo, compõem o *lead* jornalístico, assim definido pelo jornalista Eduardo Martins (1997: 154):

“O lead²³ é a abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Precisa sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por quê. Uma ou outra dessas perguntas pode ser esclarecida no sublead²⁴, se as demais exigirem praticamente todo o espaço da abertura.”

O *lead*, a exemplo da explicação acima, é exigido em qualquer texto jornalístico, às vezes, até nos vários textos opinativos, como crônica, por exemplo. Enquadra-se no formato, ainda, o conteúdo do texto científico, produzido por jornalistas de áreas específicas para a publicação em veículos acadêmicos.

Todas essas particularidades de algumas técnicas jornalísticas ou, de forma mais pontual, do fazer radiojornalístico e a *Análise da Conversação* serão detalhados a seguir.

^{23/24} Os termos no original não estão grafados em itálico.

Esclarecemos que esta pesquisa trabalha a linguagem em *uso* e que muitos aspectos lingüísticos apresentados pelo material coletado para o *corpus* não serão analisados por não terem sido considerados importantes, neste momento.

A seguir, a análise lingüística de duas, das nove perguntas da entrevista²⁵ realizada pelo jornalista Heródoto Barbeiro, dia 28 de setembro de 2004, terça-feira, no Jornal da CBN, às 6h34min.

Entrevista

Entrevistador: Âncora da CBN, Heródoto Barbeiro.

Entrevistado: Edgar Leite, Professor do Departamento de História das Religiões da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Pauta: Duzentos anos da morte de Alan Kardec.

Duração da entrevista: Seis minutos e cinquenta e cinco segundos.

Considerações iniciais

A análise a seguir vai pontuar as questões lingüísticas que envolvem a linguagem radiojornalística na produção e na apresentação de uma entrevista, por telefone, ao vivo, no Jornal da CBN, apresentado pelo âncora Heródoto Barbeiro.

²⁵ Duas explicações: 1 – Serão analisadas, nesta entrevista, abertura, duas perguntas e encerramento. A condensação, análise de duas perguntas, deve-se ao fato de o jornalista ter utilizado a mesma estratégia conversacional, detalhada abaixo, ao longo de toda a atividade.

2 – Não serão analisadas as respostas do entrevistado, por não serem de interesse específico deste estudo, embora sejam mantidas na íntegra.

Somente os questionamentos serão analisados, já que, neste momento, o conteúdo das perguntas é o que menos interessa para a investigação em questão. Apesar disso, para melhor compreensão global do trabalho, as respostas do entrevistado serão preservadas, na íntegra.

Serão analisadas, nesta parte do trabalho, ocorrências lingüísticas como *modalização* e *hesitação*, *face* e *paráfrase* na linguagem radiojornalística. Também fazem parte da análise da entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, “os organizadores globais: o caso da conversação telefônica”.

Um aparente paradoxo será explicado na análise da entrevista abaixo, que optamos por denominá-lo de “assimetria negociada” na relação entre entrevistador e entrevistado, excluindo-se, neste caso, qualquer possibilidade de a relação entre as partes ser simétrica.

Apesar da exigência do segmento jornalístico para que o âncora ou apresentador seja o responsável pela abertura, desenvolvimento do assunto ou fase das perguntas e encerramento da atividade, o *status* entre as partes envolvidas obriga o entrevistador a adotar uma postura “moderada, flexível”.

A “moderação ou flexibilidade” em questão reflete-se nos aspectos lingüísticos, que podem definir, ou não, o sucesso de uma entrevista no radiojornalismo.

A “assimetria negociada” estaria exatamente na condução da entrevista, sob a responsabilidade do jornalista, porém, com estratégias

lingüísticas muito bem definidas com, no mínimo, dois objetivos: a) extrair do entrevistado as respostas de acordo com a suposta exigência de uma audiência; b) manutenção no processo de interação com o entrevistado, para vencer as três fases técnicas e lingüísticas da atividade: abertura, fase das perguntas e encerramento.

Análise da entrevista, por telefone, ao vivo:

Abertura da entrevista

Heródoto: bom hoje nós estamos registrando aqui uh::: aniversário ...200 anos do:::... do nascimento do Alan o Kardec modificador da doutrina espírita e eu vou conversar com o professor Edgar Leite... professor do Departamento de História () das Religiões da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ocorrências na abertura da entrevista: Bom, hoje, nós, aqui, uh, pausas, prolongamentos de vogais e de consoantes, do, () trecho incompreensível, contextualização.

Análise:

A análise da abertura da entrevista, sob o ponto de vista da *Análise da Conversação*, revela-nos uma estratégia jornalística utilizada por praticamente todos os profissionais do radiojornalismo, na entrevista, por telefone, ao vivo.

Há que se ressaltar que o tipo de entrevista acima é realizada, na grande maioria das vezes, sem um texto pré-definido e detalhado a ser lido pelo âncora. A produção do programa prepara um roteiro mínimo, com o assunto, o nome e o sobrenome, instituição em que o entrevistado trabalha ou a que pertence e o assunto- isso quando a produção do programa prepara alguma coisa.

Desta forma, a entrevista radiojornalística depende essencialmente da competência comunicativa, da competência lingüística, da carga cultural e do conhecimento do assunto por parte do entrevistador.

As ocorrências conversacionais registradas na fala do entrevistador, na abertura da entrevista radiojornalística em geral, obedecem a critérios, vale repetir, estritamente jornalísticos, técnicos ou instrumentais. Os aspectos lingüísticos ou conversacionais, dependendo da situação, quando aparecem na situação de fala, são observados por jornalistas e especialistas da área como erros.

Aspectos como os registrados acima, na abertura do jornalista Heródoto Barbeiro, como “*do, uh*, o trecho incompreensível, pausas e hesitações” não são observados pelos profissionais da área como elementos de fala que fazem parte das estratégias conversacionais.

Para citar um exemplo da rigidez no trato da informação denominada de “limpa” ou técnica, quando a entrevista apresentada ao vivo em qualquer radiojornal é reapresentada, na forma gravada, portanto, num outro momento da programação da emissora, o editor encarrega-se de eliminar- “limar”, na linguagem jornalística- todos os aspectos da fala caracterizados como “muletas ou cacos” ou incorreção da fala.

Na entrevista ao vivo, neste caso, presencial ou por telefone, a orientação geral das chefias nas redações é para que o âncora ou repórter faça a pergunta de forma objetiva, sem incluir no diálogo qualquer aspecto de fala que possa reforçar ou minimizar o conteúdo da resposta do entrevistado. As orientações neste sentido não estão escritas, o jornalista orienta-se mais pela intuição ou bom senso do que por questões científicas.

Cumprimentos formais

Heródoto: bom dia professor Edgar.

Professor: bom dia Heródoto.

Os cumprimentos iniciais, no início de qualquer entrevista jornalística, fazem parte do formato da atividade no segmento. Neste caso, Barbeiro, ao abrir a entrevista e cumprimentar o entrevistado espera pela resposta, para só depois iniciar efetivamente a entrevista, etapa das perguntas.

A lingüística classifica este primeiro contato direto com o interlocutor, os cumprimentos iniciais, dentro dos “organizadores globais” de *abertura* da atividade de fala.

Marcuschi esclarece:

“O mais normal numa conversação é que ela tenha pelo menos três seções seções distintas estruturalmente, ou seja, uma abertura, um desenvolvimento e um fechamento. A seção de abertura apresenta normalmente o contato inicial, com os contatos iniciais ou algo

semelhante, vindo então a seção do desenvolvimento do tópico ou dos tópicos e, finalmente, as despedidas ou saídas do tema geral, perfazendo a seção do fechamento.” (2003: 53)

Etapa das perguntas/ desenvolvimento do tópico

Primeira pergunta

Heródoto: professor... qual é a:::... como:::... qual:::... qual:::... qual é a importância que teve o Alan Kardec né no desenvolvimento da Doutrina Espírita... o que que proporcionou a ele desenvolver essa doutrina ?

Resposta

Professor: Olha o Alan Kardec ele foi um inovador em termos de pensamento religioso no século 19:::porque ele procurou unir as entidades religiosas daquela época com o cientificismo com o pensamento científico que foi muito forte nas () intelectuais do século 19:::... então ele:::... éh:::... teve essa importância ele chegou ao espiritismo:::... éh refletindo sobre uma série de experiências que eram comuns naquela época que questões sobre:::... mesa giratória às vezes experiência das Irmãs Fox nos Estados Unidos sobre contados éh:::... contados mediúnicos né e aí a partir daí ele usou toda uma teoria a respeito do que aquilo significava e uma teoria que ele pretendesse que fosse científica.

Ocorrências na primeira pergunta: Vocativo, pausas, hesitações, prolongamentos de vogais e de consoantes, silêncios, repetição de palavras.

Análise:

A primeira pergunta de Heródoto Barbeiro, no início da entrevista, além dos cumprimentos, também feitos pelo jornalista, estabelece algumas estratégias utilizadas pelo segmento que podem ser devidamente explicadas, sob o ponto de vista científico, pela *Análise da Conversação*.

Nesta parte da pesquisa é imprescindível estabelecer-se, de acordo com o material jornalístico coletado durante uma semana, entre setembro e outubro de 2004, a questão da assimetria ou da simetria na relação entre entrevistador e entrevistado, num programa radiojornalístico.

O radiojornalismo, sob o ponto de vista prático, exige que o radiojornalista faça, obrigatoriamente, a abertura da entrevista, com perguntas e encerramento. Ao final da atividade, o radiojornalista deve encerrar a entrevista, com um rápido resumo do assunto em pauta, além das despedidas formais. Todas as etapas foram cumpridas pelo jornalista Heródoto Barbeiro, na entrevista em análise.

Desta forma, pode-se afirmar, parcialmente, que a entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, segundo os critérios utilizados pelo jornalismo e respeitados por Heródoto Barbeiro, da CBN, é eminentemente assimétrica. Não existe qualquer possibilidade, remota que seja, de a entrevista ser simétrica num programa radiojornalístico.

A entrevista em questão respeita, também, a reflexão de Marcushi (2003: 16) sobre assimetria ou simetria na relação entre entrevistador e entrevistado:

“(a) *diálogos assimétricos*: em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o (s) outro (s) participante (s). É o caso das entrevistas, dos inquéritos e da interação em sala de aula.

(b) *diálogos simétricos*: em que vários participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo. As conversações diárias e naturais são o protótipo dessa modalidade.”

A assimetria na entrevista radiojornalística também pode ser explicada da seguinte forma: além de o jornalista ter de extrair informação do entrevistado, o tempo da entrevista é um importante limitador na relação entre entrevistador e entrevistado.

O âncora tem um tempo médio de sete minutos, em qualquer emissora, para realizar uma entrevista, de acordo com supostas necessidades da audiência. Os entrevistados são orientados, antes da atividade, a responder às perguntas, sempre, de forma resumida, deixando de lado detalhes desnecessários.

Tal é a rigidez neste tipo de orientação que, se não atendida pela fonte, no momento da entrevista, o âncora tem a liberdade de assaltar o turno, mesmo que haja a sobreposição de vozes. As orientações que antecedem as entrevistas facilitam a relação entre as partes, para que o ouvinte não tenha dificuldade na compreensão das informações.

Há situações extremas, no caso de entrevistador e entrevistado não respeitarem o tempo pré-estipulado da entrevista, de o produtor do programa ou o chefe de redação autorizar o técnico de som- antigo sonoplasta- a “derrubar” a linha do entrevistado- cortar o contato- e aumentar o volume da trilha musical, caracterizando, neste caso, falsamente, uma falha técnica.

São várias as questões técnicas e de mercado que concorrem com os aspectos lingüísticos no momento da realização de uma entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo. A situação torna-se ainda mais delicada no caso de a entrevista ser realizada num programa em rede nacional e no chamado horário nobre, entre sete e dez horas da manhã. Todos perdem o turno, inclusive o âncora, caso as regras do tempo não sejam respeitadas.

Na entrevista em análise, realizada pelo jornalista Heródoto Barbeiro, prevaleceu a dinâmica explicada pela *Análise da Conversação* do *fala um de cada vez*. Marcuschi exemplifica a questão da seguinte forma:

- “A: fala e pára;
- B: toma a palavra, fala e pára;
- A: retoma a palavra, fala e pára;
- A: volta a falar e pára;”²⁶

²⁶ Marcuschi (2003: 19) pega de empréstimo a exemplificação de Sacks, Schegloff e Jefferson.

O esquema acima poderia, jornalisticamente, ser apresentado da seguinte forma, segundo algumas constatações deste estudo:

A: **inicia** a fala e **passa** a palavra;

B: **recebe** a palavra e fala;

A: **retoma** a palavra, fala e **repassa** a palavra;

B: **recebe** a palavra e fala;

A: **retoma** a palavra e **encerra** a fala;

Nos cerca de sete minutos em que a entrevista foi realizada, as partes respeitaram integralmente a dinâmica da conversação, mesmo diante das pausas, silêncios e hesitações ocorridos entre entrevistador e entrevistado.

Ressalte-se que as regras só são respeitadas nas entrevistas radiojornalísticas, desde que todo o processo, como já foi explicado acima, seja conduzido pelo âncora do programa ou pelo jornalista que estiver no ar, independentemente do gênero jornalístico.

Pode-se dizer que o jornalista é o grande responsável pelo sucesso da conversação devido aos conhecimentos que tem da técnica e pelo respeito das regras do *fala um de cada vez*. Um fato importante a ser destacado nesta relação assimétrica entre entrevistador e entrevistado é o de que existe um terceiro personagem, razão da entrevista.

A audiência, portanto, pode definir, mesmo que de forma involuntária, o respeito às regras básicas da conversação em uma entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo. Caso entrevistador e entrevistado falem de uma vez, na tentativa de um assaltar o turno do outro, ou na

sobreposição de vozes, a compreensão do ouvinte será profundamente prejudicada.

Para efeito de comparação, a dinâmica é completamente diferente, por exemplo, de uma conversa comum, por telefone, também realizada em tempo real. A inexistência de uma audiência, neste caso, facilita a violação de qualquer regra conversacional, dependendo do contexto.

Segunda Pergunta:

Heródoto: professor a gente poderia dizer que ele fez uma revisão no Cristianismo ou não ?

Resposta:

Professor: É o a o Alan Kardec na verdade ele propõe uma nova perspectiva de religião né ele num eu num posso dizer que ele... Alan Kardec... bom em princípio ele nunca foi hostil né pelo pelo contrário um pensa um pensador extremamente tolerante com relação a todas as formas religiosas mas ele reintroduziu no pensamento ocidental certos temas que estavam perdidos ou que não tinham uma muito bem definida... o principal deles é o tema da reencarnação.

Ocorrências na segunda pergunta: professor a gente poderia dizer que ele fez uma revisão no cristianismo ou não ?

Análise

As duas primeiras perguntas, cuidadosamente feitas, sob o ponto de vista jornalístico, por Heródoto Barbeiro, apresentam outras questões lingüísticas importantes, que podem definir o sucesso, ou não, da entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo.

Na segunda pergunta, Barbeiro repete o vocativo “professor”, no início da fala, acrescenta, a seguir, o “a gente poderia”, forma popular em substituição do *eu* ou do *nós* e, ao mesmo tempo, *modaliza* com o “poderia”, como forma de afastar-se da questão. Ao final da pergunta, como se fosse um comentário encaixado ou na pergunta, o jornalista acrescenta o “ou não?”.

Os modalizadores podem aparecer de diversas maneiras numa conversação. Galembeck exemplifica a estratégia do jornalista, quando Barbeiro abre a fala não com uma dúvida, mas com o vocativo, à margem esquerda do texto e encerra a fala com a dúvida “ou não”, na margem direita? :

“(...) os modalizadores de dúvida figuram, predominantemente, na margem esquerda da unidade discursiva. Isso significa que a expressão da dúvida situa-se à margem da declaração em si ou, mais exatamente, que o modalizador de dúvida introduz a própria declaração.

Ora, a margem esquerda ‘prepara’ o enunciado e mostra a atitude do falante o que significa que ele opta por manifestar logo de início a dúvida e a incerteza, para indicar que não assume inteira responsabilidade acerca da declaração em si e da opinião emitida.”

(2003: 238)

Entrevistador e entrevistado interagem, neste caso, de forma “negociada” entre si com a certeza de, ao mesmo tempo, haver uma interação com a audiência. Daí a razão da necessidade da proteção da face.

A preservação da face numa relação de interação ocorre pelas seguintes razões, nas palavras de Galembeck (1999: 174):

“As circunstâncias particulares em que se desenvolvem os diálogos fazem com que neles a preservação da face seja uma necessidade constante. Como não há previsibilidade quanto às ações a serem desenvolvidas pelo(s) outro(s) interlocutor(es), o falante adota mecanismos que assegurem o resguardo do que não deseja ver exibido e coloquem em evidência aquilo que desejam ver exibido. A necessidade de preservação da face torna-se particularmente relevante em determinadas situações, nas quais o falante se expõe de forma direta: pedidos, atendimento de pedidos ou recusa em fazê-los, perguntas diretas e indiretas, respostas, manifestação de opiniões.”

Galembeck (174) complementa a reflexão sobre defesa da face, com situações amplamente utilizadas pelos profissionais do radiojornalismo, numa entrevista, por telefone, ao vivo, mesmo que esses profissionais não tenham o conhecimento específico do assunto:

“Cabe acrescentar que a preservação da face deve ser necessariamente considerada em relação ao quadro geral da interação, e não como uma atitude isolada do falante. É o que se verifica no exemplo a seguir: o falante formula uma pergunta que diz respeito à vida profissional do seu interlocutor. Essa pergunta representa, implicitamente, uma `invasão do território` do interlocutor, por isso o locutor procura mitigar os efeitos dessa invasão pelo emprego de um procedimento de atenuação, o emprego do futuro do pretérito: (Ex. 01) L2 eu:: eu lhe **perguntaria** aí

dentro desse problema [o horário de trabalho de L1]...você não... possui uma... um controle... digamos assim... em cima de você você deve produzir tanto num dia... ou... existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que você está indisposto você poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende ?... que (que você) você poderia fazer isso ? ”

Vale lembrar que Heródoto Barbeiro inicia a entrevista, na primeira pergunta, com uma espécie de *correção auto-iniciada*, com momentos de *hesitação*, *micropausas*, *silêncios e elementos não-lexicais*, segundo reprodução a seguir:

“(...) qual é ah:::.... como:::.... qual:::....ah... qual:::....qual é a importância (...).”

L. A. Marcuschi (2003: 28-31) define a *correção auto-iniciada* da seguinte forma:

“(...) é a correção feita pelo próprio falante logo após a falha (...) Uma das conseqüências da correção é que ela modifica a estrutura da frase truncando-a, criando redundâncias, repetições, encaixamentos, etc.

A *correção auto-iniciada*, no entender de Marcuschi (2003: 29), “funciona também como *processo* de edição ou *auto-edição* conversacional e contribui para organizar a conversação localmente”.

Uma vez mais ressaltemos que o âncora, no momento da realização da entrevista, não se utiliza de um texto estruturado, com início, meio e fim. Existem, sim, registros escritos, mínimos, às vezes, compostos pelo nome do entrevistado, instituição em que atua o entrevistado e o assunto em pauta.

Assim, todo o restante da fala tem como base o conhecimento do jornalista, no improviso, em relação ao assunto abordado, o conhecimento compartilhado com a fonte, a competência comunicativa e a preservação da face dos interlocutores- entrevistador e entrevistado.

Num segundo momento, ainda na primeira pergunta, Barbeiro elabora o que poderíamos denominar de “pergunta encaixada”, quando faz um primeiro questionamento e, na mesma pergunta, “encaixa” uma segunda, no mesmo contexto, conforme trecho abaixo:

“(...) qual é a importância que teve o Alan Kardec né no desenvolvimento da Doutrina Espírita ... o que que proporcionou a ele desenvolver essa doutrina ?”

Vale mais uma lembrança: numa entrevista radiojornalística, o âncora tem a palavra, numa relação assimétrica, independentemente da importância do entrevistado.

Assim, não existem razões ou objetivos lingüísticos ou jornalísticos específicos para as *pausas*, *silêncios*, *hesitações*, *expressividade* ou *truncamentos*. Todas as ocorrências registradas nesta primeira pergunta, e nas próximas também, devem fazer parte das estratégias pessoais, no processo de interação com o entrevistado. Entenda-se como estratégia pessoal a orientação mais pela intuição do entrevistador.

Pode-se concluir, mesmo que parcialmente, segundo os dados apurados até aqui, que o âncora tenta, com os artifícios lingüísticos acima,

“negociar” uma relação “tranqüila” com o entrevistado, a “assimetria negociada.”

As correções do início da pergunta, mais a entonação, mais os elementos não-lexicais, como o *nú* e o *né* que aparecem no meio do questionamento, além da “pergunta encaixada”, fazem parte da estratégia comunicativa do jornalista, mesmo que involuntária, para conseguir a resposta necessária, com o objetivo de atender à suposta exigência do ouvinte.

O resultado de todo esse processo poderá ser uma perfeita interação do entrevistador com a fonte e com a audiência, ou não, apesar de a condução do entrevistador ocorrer mais pela intuição do que por profundos conhecimentos lingüísticos.

Artifícios lingüísticos da segunda pergunta, e parte da primeira, pertencem ao grupo dos *modalizadores* de fala, às vezes, como forma de proteger a própria face, apesar da relação assimétrica.

Heródoto Barbeiro inicia a entrevista, na primeira pergunta, com o vocativo “professor”, faz uma primeira pergunta e, na mesma pergunta, encaixa uma segunda, com sentido, na pergunta encaixada, levemente diferente. Exemplificando: “professor (...) qual a importância que teve o Alan Kardec (...) o que proporcionou a ele desenvolver essa doutrina ?”

Galembeck (175) diz mais sobre o tema:

“No caso da manifestação de opiniões, verifica-se uma dupla atitude por parte dos locutores: por vezes eles se distanciam dos conceitos emitidos (como forma de evidenciar que esses conceitos não são integralmente assumidos), mas, em outras situações, os locutores mostram que assumem- ainda que parcialmente- os juízos expostos. Essa duplicidade de atitudes corresponde a uma das atitudes mais evidentes do texto conversacional: dada a dinâmica desse tipo de texto, e o fato de ele constituir necessariamente um trabalho cooperativo, o falante envolve-se diretamente na sua construção, mas, em certos momentos, sente a necessidade de mostrar um prudente afastamento.”

O vocativo “professor”, num primeiro momento, provoca uma aproximação, mesmo que os dois nunca tenham se visto ou conversado, entre entrevistado e entrevistador. Por sua vez, a “pergunta encaixada” pode demonstrar conhecimento do entrevistador em relação ao assunto e, ao mesmo tempo, amenizar a possível contundência do questionamento.

O exemplo acima traça um perfil, embora a reflexão não tenha sido produzida para o radiojornalismo, da relação entre entrevistador e entrevistado numa entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo. Especificamente, a entrevista do Jornalista Heródoto Barbeiro com o professor Edgar Leite encaixa-se nos mecanismos de preservação da face de Galembeck.

Assim, com a utilização destes mecanismos lingüísticos, mesmo que involuntariamente, Heródoto Barbeiro, intuitivamente ou de acordo com a experiência profissional dele, estabelece um conversação assimétrica, defende a própria *face* e não expõe o entrevistado.

A análise do *quadro geral* ou de toda a entrevista, pegando de empréstimo os termos de Galembeck, revela-nos que Heródoto Barbeiro adota uma posição de defesa e de resguardo, na tentativa de deixar claro que opiniões e observações de cunho pessoal não são dele, do jornalista.

Nos últimos três anos, entre 2003 e 2006, tempo de produção desta pesquisa, constatamos que o uso de modalizadores como forma de preservação da face é comum em quase todas as emissoras, principalmente as radiojornalísticas. Os recursos aparecem, ora no início, ora no meio e ora no fim dos enunciados.

Galembeck esclarece:

“Nos textos conversacionais, o emprego dos procedimentos em questão se torna particularmente relevante, pois os interlocutores sabem que a manifestação direta de opiniões pode torná-los vulneráveis a críticas e opiniões contrárias. É importante, por isso, promover o apagamento das marcas da enunciação (ROSA, 1992: 40), o que é obtido com o uso de certos recursos gramaticais utilizados para a expressão da impessoalidade (**é possível que, parece que, é provável**) e da indeterminação do sujeito (**dizem, falam, diz-se**), e, também, com o emprego dos marcadores de rejeição (**não sei, se não me engano**).”
(2003: 175-176)

Numa entrevista, por exemplo, com um representante popular, um deputado ou um vereador, o âncora orienta-se, num primeiro momento, tanto pelo conteúdo das perguntas quanto pelo respeito à reação de uma audiência que poderia ser simpática ao entrevistado.

Encerramento da entrevista

Confirma-se, nesta parte final da entrevista, a exigência do jornalismo para que toda entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, tenha que ser assimétrica, “negociada” ou não.

Heródoto Barbeiro iniciou a atividade com a contextualização do assunto em pauta, apresentação do entrevistado, os cumprimentos formais e a primeira pergunta.

Nos cerca de sete minutos da entrevista foi respeitada a máxima da conversação do *fala um de cada vez* e o conhecimento compartilhado dos interlocutores facilitou a interação ao longo do processo de comunicação.

Assimetricamente, ao perceber que o assunto em pauta havia se esgotado, o jornalista Heródoto Barbeiro encerrou a entrevista com um rápido resumo do assunto, reapresentação do entrevistado e despedidas formais.

Heródoto: Muito obrigado aqui à::... gentileza do professor Edgar Leite Professor de História das Religiões da Universidade do Estado do Rio de Janeiro participando conosco e conversando um pouco conversando um pouco a respeito do Alan Kardec que hoje... éh... tem aqui o seu Bicentenário de nascimento lembrado.

Ocorrências no encerramento da entrevista: pausas, éh, silêncios, hesitações.

Considerações finais

A análise da atividade acima levou em consideração tão-somente os aspectos lingüísticos mais explícitos do *uso* da língua pelo jornalista Heródoto Barbeiro na realização de uma entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, com o acompanhamento, em tempo real, por uma determinada audiência.

Mesmo sem conhecer, nem superficialmente, algumas particularidades da *Análise da Conversação*, alguns profissionais da comunicação, especificamente aqueles que fazem radiojornalismo, seguem as regras, mesmo que intuitivamente, da teoria.

Para exemplificar, as entrevistas no radiojornalismo respeitam, por exemplo, em alguma medida, as orientações para a compreensão de um diálogo com os chamados “organizadores globais”:

“O mais normal numa conversação é que ela tenha pelo menos três seções distintas estruturalmente, ou seja, uma abertura, um desenvolvimento e um fechamento. A seção de abertura apresenta normalmente o contato inicial, com os cumprimentos ou algo semelhante vindo então a seção com o desenvolvimento do tópico ou dos tópicos e, finalmente as despedidas ou saídas do tema geral, perfazendo a seção de fechamento. Obviamente, também aqui se verificam subdivisões, como pré-aberturas, seções tópicas distintas e pré-fechamentos.” (Marcuschi, 2003: 53)

Simplificadamente, o jornalismo trata o assunto como abertura, fase das perguntas e encerramento, com todas as situações assimétricas, é

importante ressaltar, criadas pelo âncora ou entrevistador no momento da realização da entrevista.

Como as situações do processo de interação entre os interlocutores já foram definidas plenamente pela pauta, tanto na orientação no momento que antecede à atividade quanto na postura do âncora, não existe qualquer dificuldade na abertura, desenvolvimento ou encerramento da entrevista.

Tanto assim, observe-se, que Heródoto Barbeiro, em cerca de sete minutos de entrevista, repetiu praticamente a mesma fórmula ou estratégia para tentar extrair algum conteúdo do entrevistado: modalizadores, defesa da face, expressividade oral, hesitação, pausas, correção auto-iniciadas, além dos organizadores globais.

As explicações sobre a dinâmica da entrevista radiojornalística fazem parte da regra geral, em qualquer emissora. Há, claro, alguns casos, no campo da exceção, quando o entrevistado toma a palavra e, em algum momento, tenta encerrar a entrevista. Por fazer parte da exceção, o tema não foi analisado nesta oportunidade.

5.4. Eldorado: Radiojornal do dia 1 de outubro de 2004, sexta-feira.

A entrevista na Eldorado servirá de equilíbrio, nesta investigação, sobre os procedimentos lingüísticos utilizados pela emissora na realização desta que é das atividades mais importantes na coleta de informações para fins jornalísticos.

Serão analisadas, a exemplo do que ocorreu na entrevista de Heródoto Barbeiro, da CBN, as estratégias conversacionais no processo de

interação entre entrevistador e entrevistado, tudo sob a vigilância de uma audiência, nem sempre amistosa.

Entre os aspectos conversacionais importantes a serem analisados a seguir estão os marcadores conversacionais, a modalização, a face, a expressividade oral e o caráter eminentemente assimétrico na relação entre os interlocutores, em uma entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo.

Diana Luz Pessoa de Barros diz o seguinte sobre o caráter assimétrico da atividade:

“A entrevista é, também, por definição, um discurso de interação assimétrica (Marcuschi, 1986: 16), pois os papéis dos interlocutores, entrevistador e entrevistado, são diferenciados. É preciso lembrar, porém, que o conceito de assimetria interacional liga-se não só às funções dos participantes na conversação, mas principalmente a seus papéis sociais e as suas características pessoais. A importância social do entrevistado, por exemplo, leva muitas vezes à inversão do equilíbrio da entrevista: o entrevistado seleciona os tópicos e decide quando ceder a vez “. (Preti, Urbano, 1990: 13-58)

Confirma-se, com a reflexão de Barros e com a análise da entrevista a seguir, além das constatações feitas na mesma atividade realizada por Heródoto Barbeiro, da CBN, que não existe qualquer possibilidade de a entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, ser simétrica.

Entre os fatores que definem a assimetria na interação em uma entrevista desta natureza estão os organizadores globais, responsáveis pelo início, desenvolvimento do tópico ou fase das perguntas e encerramento da fala.

A teoria acima sobre a assimetria ou simetria numa entrevista não dá conta da complexidade da atividade no radiojornalismo. Pode-se classificar como “assimetria negociada” a postura “moderada ou flexível” do jornalista diante de uma fonte ou de um entrevistado considerado mais importante na pirâmide social.

A “negociação lingüística” ou “assimetria negociada” estabelece-se pela produção de um discurso modalizado, com o objetivo de defender a face, muitas vezes, também do entrevistado.

Todo o processo é acompanhado, às vezes até definido, por uma audiência, nem sempre amistosa, que participa no processo de interação, também em tempo real, com o envio de mensagens on-line, por exemplo.

A seguir, a análise lingüística da entrevista realizada pelos jornalistas Felipe Bueno e José Márcio Mendonça, dia primeiro de outubro de 2004, sexta-feira, no Jornal Eldorado, por volta das 8h20.

Entrevista

Entrevistadores: Felipe Bueno e José Márcio Mendonça, âncoras da Rádio Eldorado.

Entrevistado: Cristofer Galo, Analista Político da Tendências Consultoria.

Pauta: Campanha eleitoral de 2004.

Duração da entrevista: Sete minutos.

Considerações iniciais

A análise da entrevista a seguir vai pontuar as questões lingüísticas que envolvem a linguagem radiojornalística na produção e na apresentação de uma entrevista, por telefone, ao vivo, no Jornal da Eldorado, apresentado pelos âncoras Felipe Bueno e José Márcio Mendonça.

A exemplo da entrevista realizada por Heródoto Barbeiro, da CBN, somente os questionamentos serão analisados, já que, neste momento, o conteúdo das perguntas é o que interessa para a investigação em questão. Apesar disso, para melhor compreensão global do trabalho, as respostas do entrevistado serão preservadas, na íntegra.

A análise lingüística será realizada, de forma pontual, nas três perguntas da entrevista, com o adendo de que Felipe Bueno e José Márcio Mendonça utilizam, em praticamente toda a atividade, as mesmas estratégias conversacionais utilizadas por Heródoto Barbeiro.

As ocorrências lingüísticas a serem analisadas são as seguintes: modalização e hesitação, face e interação na linguagem radiojornalística. Também fazem parte da análise da entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, os organizadores globais.

A “assimetria negociada” entre entrevistador e entrevistado também será explicada na análise da entrevista abaixo, excluindo-se, neste caso, qualquer possibilidade de a relação entre as partes ser simétrica.

Observe-se que, a exemplo da entrevista na CBN, o jornalista Felipe Bueno, assimetricamente, abre a entrevista, apresenta o entrevistado, com os cumprimentos formais, contextualiza o assunto em pauta e faz a primeira pergunta, ou, “encaixa a primeira pergunta, passa a palavra ao entrevistado e, ao final, encerra o evento.

Abertura/ primeira pergunta/ início da entrevista

F. B. : Todos os partidos brasileiros realizaram ontem::: quinta-feira o último... debate visando às eleições de 2004 e sobre o assunto nós o Zé Márcio e eu:::conversamos com um especialista na na área política... está na linha conosco o Analista Político da Tendências Consultoria Cristofer Galo e depois do debate aqui São Paulo... a partir agora é só esperar né para os votos de domingo e esperar também o segundo turno... como o senhor Cristofer Galo como é que o senhor avaliou de um modo geral além do debate da noite de ontem a campanha dos principais candidatos à prefeitura de São Paulo ?

Primeira resposta

Especialista: Olha eu acho que::: vamos por parte eu acho que o debate de ontem à noite ah::: acho que os dois principais concorrentes a prefeita Marta Suplicy e o José Serra éh::: fizeram o que precisavam fazer acho que ambos éh continuaram na linha éh de campanha éh que foi adotada ao longo da campanha () né éh claro que houve aquela ah troca de farpas né entre os dois candidatos éh no início éh

do debate mas eu não diria que nenhum dos dois candidatos se sobressaíram no debate de ontem à noite até porque o formato do debate com cinco candidatos é muito difícil você ter uma contraposição é de é de é de debate um contra o outro é quando você tem cinco candidatos é é é debatendo ah ao longo da campanha é eu acho até que nós tivemos uma dinâmica interessante eu acho que o Serra nitidamente é tirou uma certa vantagem no início da campanha ele fez uma campanha muito eficaz chamando a atenção da dupla é é que ele poderia fazer é pode fazer com uh o governador Alckimin e também é é a estratégia da campanha dele foi de é de de certa forma é argumentar que a prefeita Marta Suplicy é não tem é é é uma má má administradora ah ao não ter prioridade na sua administração e aí no final dessa dessa campanha parece que a Marta respondeu a essa linha de ataque é do Serra é é é de uma maneira também ficar acho que a chamar a atenção prá dupla dela com o presidente Lula é uma maneira de responder a esta esta esta vantagem que o Serra teve ao chamar a atenção com a parceria com o Alckimin é e também ontem à noite nós vimos uma resposta que a Marta é deu ao fato ao ataque do Serra de ela não ser uma boa administradora e de não ter prioridade então nessas últimas semanas a Marta tem acusado o Serra de não ter uma programa de governo e aí acusando ele de é exatamente de colar e seguir as idéias dela né então nós estamos imaginando esse vai e vêm na na campanha e esses que eu acho que vão dominar um eventual segundo turno entre os dois candidatos.

Ocorrências na abertura/ primeira pergunta da entrevista: Pausas, hesitações, silêncios, né.

Análise

As perguntas dos jornalistas Felipe Bueno e José Márcio Mendonça, nesta entrevista, diferentemente do que ocorreu na CBN, por exemplo, são bastante pontuais, com um número reduzido de marcadores conversacionais, embora a relação com o entrevistado também seja assimétrica.

Diferentemente, também, do que fez Heródoto Barbeiro, os dois jornalistas da Rádio Eldorado “encaixam” a primeira pergunta ou desenvolvem o tópico, no início da entrevista, com os cumprimentos formais, mais a apresentação do entrevistado e a contextualização do assunto em pauta.

Segunda pergunta

J. M.: Bom dia doutor.....é o Zé Márcio falando doutor.... éh agora eu gostaria da sua opinião o que o senhor acha da utilidade dessas campanhas o jeito que essas campanhas estão sendo conduzidas para o eleitor utilidade mesmo para ele se informar primeiro a gente vê que os programas no no horário... obrigatório são coisas de marketing mais do que políticos e os debates estão se tornando o que vimos ontem troca de acusações e e não de exposições de idéias que que o eleitor ganha com isso que que o eleitor tira disso tudo ?

Segunda resposta

Especialista: Olha eu acho que em qualquer campanha eleitoral sempre tem éh:::... o seu elemento de marketing sempre éh:::... oh pelo menos éh:::... em várias campanhas:::... não só aqui mas nós temos éh a tentação dos candidatos ah ah fazer uma campanha negativa não é acho que até em outras democracias (...) que até em outras democracias (...) campanhas vingativas isto é atacando o seu opositor muitas vezes é um recurso verificado... agora eu não diria que:::... éh:::... que essa campanha faltou ou não trouxe informações relevantes () porque éh ter acesso às pesquisas fica evidente que o grande critério de avaliação do eleitorado para a disputa da prefeitura é de fato ah ah a capacidade do candidato de demonstrar como um candidato eficiente éh no sentido de atacar os problemas concretos da cidade né ah ah eh eh nós vemos por exemplo que tanto a campanha do Serra e da Marta quando eles atacam um ao outro atacam um ao outro éh éh no critério de não ser um bom administrador ao de:::... por exemplo o Serra atacando Marta de que ah ela tem faltado na área da saúde e aí a campanha da Marta tem que reagir dando uma proposta na área da saúde o Céu Saúde e assim::: por diante então nós tivemos um debate sobre sobre quais têm as melhores propostas ou sobre essa essa área específica e vejamos também que a Marta tem focado muito em todas as realizações feitas o Serra tem foi forçado a ter a se posicionar sobre::: se manterá ou não as obras realizadas pela atual gestão então eu acho que houve sim uma

um posicionamento sobre os problemas concretos da cidade eu eu não diria que somente acusações de caráter e marketing puro é conteúdo para dominar nessa eleição.

Ocorrências na segunda pergunta: Cumprimento, pausas, hesitações, identificação do entrevistador, forma de tratamento (doutor), modalizadores, repetição e correção.

Análise

Dos aspectos importantes a se destacar nesta segunda pergunta, ressaltamos a intensa correção feita pelo jornalista José Márcio Mendonça. Diana Luz Pessoa de Barros (1999: 137) define a correção textual da seguinte forma:

“Pode-se, portanto, definir a correção, entre os atos de linguagem, como um ato de **reformulação textual** (GÜLICH e KOTSCHI, 1987). Os atos de reformulação textual são aqueles que têm por objetivo levar o interlocutor a reconhecer a intenção do locutor, ou seja, procuram garantir a **intercompreensão** na conversação ou em qualquer outro tipo de texto.”

Neste caso, o jornalista José Márcio Mendonça teve duas preocupações, fundamentos na comunicação radiojornalística, no processo de correção: ser claro com o entrevistado e ser compreensível com a audiência, que acompanha tudo em tempo real, com a possibilidade de desconhecer completamente o assunto tratado na entrevista.

Outra ocorrência importante a se analisar nesta segunda pergunta é o registro do “doutor”, para um especialista de uma consultoria política. O aspecto é fundamental para entender-se, apesar da aparente simplicidade do exemplo, a “assimetria negociada”, na relação entre entrevistador e entrevistado.

Embora responsável tecnicamente pela condução do processo, alguns elementos lingüísticos, de forma direta ou indireta, revelam as diferenças sociais, políticas, econômicas ou intelectuais entre os interlocutores numa interação, na realização de uma entrevista radiojornalística.

A “assimetria negociada” surge, portanto, através de ocorrências aparentemente sem sentido na fala, como por exemplo: pausas, silêncios, alongamentos, auto-correção, pronome pessoal, pronome de tratamento e verbos como *sei, concordo, gostaria, acha*.

Note-se que, em sua primeira pergunta, o jornalista José Márcio Mendonça se utiliza de vários recursos lingüísticos na tentativa de se “negociar a assimetria” e, ao mesmo tempo, defende a própria face, afastando-se da responsabilidade de um questionamento mais contundente.

Terceira pergunta

F. B.: Senhor Cristofer Galo rapidamente para concluir a nossa conversa... a polêmica das últimas semanas foi a suposta aliança duas supostas alianças né uma pelo menos em defesa de não ataque de Maluf com Marta em menor grau de Erundina com José Serra nesse debate de ontem ficou claro isso na opinião do senhor ?

Terceira resposta

Especialista: Olha acho que foi menos nítido no debate do que:::... éh no horário no horário eleitoral dessas duas últimas semanas... eu acho que teve:::... que foi mais forte entre um dos dois candidatos entre Paulo Maluf e Erundina acho que foi mais forte com... o Paulo Maluf por exemplo no primeiro bloco éh:::... o Paulo Maluf teve que escolher um candidato uma vez e escolheu o Serra primeiro acho que isso já era um indicador... de querer se contrapor éh ao Serra mas... tanto Maluf quanto Erundina éh:::... eu achei interessante... que tiveram () linha de discurso até de colocar a Serra o Serra e a Marta num mesmo saco como se ambos éh fazem parte de uma política macroeconômica :::... éh que gerou desemprego teve altas taxas de juros então então eles colocaram eles num mesmo saco acho que éh a Marta éh foi um pouco beneficiada só pelo fato que geralmente você tem uma dinâmica nessas campanhas em que todos os demais candidatos... atacam a atual prefeita né para se contrapor... éh a sua campanha e suas propostas de governo ontem à noite não foi tanto assim exatamente porque se tinha essa dinâmica antes de éh éh de também criticar o Serra parece que você... tinha todos criticando os dois e não só a atual prefeita então... a dinâmica não foi tão tão ruim prá prá Marta Suplicy geralmente é uma uma é um formato ruim para éh o cargo ou pelo menos o concorrente à reeleição.

Ocorrências na terceira pergunta: Senhor, encaminhamento para o encerramento da entrevista, correção.

Análise

A terceira e última pergunta, mais uma vez, explicita o caráter assimétrico da entrevista radiojornalística, pelo menos no que diz respeito à condução da atividade. Na abertura da pergunta, Felipe Bueno caracteriza o esgotamento do assunto e sinaliza para o encerramento da atividade quando diz “rapidamente para concluir a nossa conversa (...)”.

Impera, mais uma vez, a redução de marcadores conversacionais, como pausas, silêncios, hesitações e correções auto-iniciadas, contrariamente ao que ocorre com o jornalista Heródoto Barbeiro, da CBN.

Como se pode observar, embora as respostas, todas elas, do entrevistado, tenham sido genéricas, sem, portanto, um posicionamento contundente sobre o assunto em pauta, os três participantes da entrevista esforçam-se na conversação, com o propósito da interação e, ao mesmo tempo, todos se preservam.

Encerramento da entrevista/ fechamento

F. B.: Muito bem nós ouvimos a análise de Cristofer Galo que é Analista Político da Tendências Consultoria aqui no Jornal Eldorado sobre o debate de ontem sobre a campanha de maneira geral aqui no Município de São Paulo senhor Galo muito obrigado pela atenção

bom dia e um ótimo fim de semana pro senhor.

Ocorrências na terceira pergunta: Muito bem, muito obrigado, senhor Galo.

Especialista: Éh bom dia e muito obrigado.

Apesar de, neste caso, a última palavra ter sido do entrevistado, no cumprimento final, o comando total da entrevista foi dos jornalistas Felipe Bueno e José Márcio Mendonça. O entrevistado não teria direito, segundo as regras jornalísticas, a uma palavra, sequer, além das despedidas formais.

Considerações finais

Vale retomar, para finalizar, duas formulações apresentadas acima para comparar as diferenças específicas na troca ou concessão de turno numa entrevista radiojornalística. O primeiro exemplo refere-se à relação simétrica entre os locutores:

“A: fala e pára;
 B: toma a palavra, fala e pára;
 A: retoma a palavra, fala e pára;
 A: volta a falar e pára²⁷;

Este segundo exemplo encaixa-se perfeitamente no formato da relação assimétrica, característica-base da entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, segundo procedimentos dos profissionais da CBN e da Eldorado. A concessão da palavra ocorre da seguinte forma:

²⁷ CF. bibliografia.

- A: **inicia** a fala e **passa** a palavra;
 B: **recebe** a palavra e fala;
 A: **retoma** a palavra, fala e **repassa** a palavra;
 B: **recebe** a palavra e fala;
 A: **retoma** a palavra e **encerra** a fala ²⁸;

Felipe Bueno e José Márcio Mendonça, a exemplo do que fez Heródoto Barbeiro, iniciaram a atividade com a contextualização do assunto em pauta, apresentação do entrevistado, cumprimentos formais e a primeira pergunta.

Os jornalistas da Eldorado, responsáveis pela abertura da entrevista, de forma assimétrica, fazem as perguntas e sinalizam para o seu encerramento, mesmo antes de a última pergunta ter sido feita. Vários fatores concorrem para que os jornalistas adotem este tipo de comportamento, entre eles está o tempo previamente definido pela chefia para a realização da atividade.

Galembeck, a propósito, afirma:

“Na conversação assimétrica, um dos interlocutores ‘ocupa a cena’, por meio de uma série de intervenções de nítido caráter referencial, ou seja, de intervenções nas quais se desenvolve o tópico ou o assunto do fragmento. O outro participante só contribui com intervenções episódicas, secundárias em relação ao tópico do fragmento conversacional.” (1999: 58)

²⁸Detalhes na página 142.

Também foi respeitada, nos sete minutos da entrevista, a máxima da conversação do *fala um de cada vez*. O conhecimento compartilhado, por mais que o especialista seja o entrevistado, facilita o processo de interação e, por conseqüência, a compreensão da audiência em relação ao assunto discutido.

As características específicas de uma entrevista radiojornalística, por telefone, ao vivo, fazem com que os interlocutores, na interação, em tempo real, respeitem-se na troca de turnos, com o entrevistado atuando como alguém que recebeu um convite para responder perguntas e não para debater o assunto em pauta.

Não foram analisados ou comparados textos produzidos e veiculados em jornais ou revistas e lidos, no ar, na Rádio Eldorado. A emissora tem em sua programação um quadro denominado de “Sinopse Eletrônica”, em que são lidos, de forma literal, o material dos jornais, com os devidos créditos das fontes.

6.0. A linguagem radiojornalística e o texto dos jornais impressos na CBN: retextualização ou cópia ?

Acusado desde seu nascimento, na década de 20, de adotar o que pejorativamente ficou conhecido de *gillete-press* e, mais recentemente, de *internet-press*, o rádio, de forma geral ou o radiojornalismo, de forma específica, está a procura de uma “identidade lingüística”.

Apesar disso, o material impresso, seja nas páginas dos jornais, das revistas, das pesquisas científicas ou que é publicado nos sites noticiosos, ainda serve de referência para a produção de praticamente todos os *elementos* produzidos e apresentados no radiojornalismo.

A análise de dois textos lidos na CBN, no ar, pelo jornalista Heródoto Barbeiro e publicados nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* (os mesmos textos), de acordo com material coletado para a composição do *corpus*, dará a exata medida da relação estabelecida entre os profissionais do radiojornalismo e da mídia impressa.

Também merece destaque o fato de que a análise a seguir vai tratar da *retextualização* no sentido inverso ao das investigações que caracterizam algumas pesquisas lingüísticas.

O que existe, hoje, na Lingüística, é a transformação do texto falado para o escrito. Analisaremos a seguir a transformação do texto escrito para o falado.

O aspecto relevante aqui é o de pontuar o uso literal, ou não, ou a *retextualização* do material impresso, publicado em jornais ou revistas, na veiculação de algumas atividades do radiojornalismo, oralmente.

L. A. Marcuschi define retextualização:

“Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra.” (2003: 48)

Não custa lembrar que a definição acima, de Marcuschi, analisa a passagem do texto falado para o texto escrito. No caso do radiojornalismo e, especificamente neste trabalho, o movimento lingüístico vai do escrito para o falado.

Trata-se da reprodução, em tempo real, com o acompanhamento de uma audiência, de textos variados publicados por determinado segmento (jornal, revista, portal noticioso ou pesquisa científica) que diferencia, principalmente no processo de produção, o texto escrito do texto falado.

Não existe nas redações jornalísticas (a afirmação engloba todos os segmentos do setor), o entendimento sobre o *continuum tipológico das práticas sociais*, entre o falado e o escrito ou entre o escrito e o falado.

Há, sim, a certeza, na opinião dos jornalistas, de que não existe texto falado, que seria o lugar do “erro”, do “caos” lingüístico e da “frouxidão” vocabular, o que denominamos, neste estudo, de “descontinuum tipológico”.

Por outro lado, assim entendem os profissionais da área, o texto escrito é o mais adequado para a relação profissional, em qualquer situação, pelo seu alto grau de “correção”, a língua de prestígio.

As duas notícias apresentadas a seguir, uma lida pelo jornalista Heródoto Barbeiro, no Jornal da CBN, dia 27 de setembro de 2004, terça-feira, por volta das 6h20 e outra, sobre o mesmo assunto, publicada no mesmo dia, na primeira página da *Folha de S. Paulo* caracterizarão o uso do texto escrito no rádio:

Chamada de primeira página da *Folha de S. Paulo*

“Os servidores do judiciário paulista, parados há 91 dias, anteciparam de quarta-feira para hoje a assembleia que decidirá sobre a continuidade da greve, a mais longa da história.

O motivo da antecipação é a proposta feita na sexta-feira pelo Tribunal de Justiça, que, segundo os grevistas, ofereceu não punir quem voltar ao trabalho de imediato.”

Texto da CBN

“Os funcionários do judiciário de São Paulo anteciparam de quarta para hoje uma assembleia que vai decidir sobre a continuidade ou não da greve.

Eles vão discutir uma proposta feita na sexta-feira pelo Tribunal de Justiça que teria se comprometido a não punir quem voltar ao trabalho amanhã.”

Análise

O exemplo acima não se encaixa nas definições de *retextualização*, de acordo com as reflexões de Marcuschi. O jornalista Heródoto Barbeiro, na leitura do texto, em tempo real, apenas trocou algumas palavras do texto da *Folha de S. Paulo*, de forma parafrásica.

Apresentaremos abaixo somente as ocorrências-chave da transformação do escrito para o falado:

<u>F. S. P.</u> : Os funcionários do judiciário Paulista (...)	<u>CBN</u> : Os funcionários do judiciário de São Paulo (...)
<u>F. S. P.</u> : (...) anteciparam de quarta-feira para hoje a assembléia que decidirá sobre a continuidade da greve (...)	<u>CBN</u> : (...) anteciparam de quarta para hoje uma assembléia que vai decidir sobre a continuidade ou não da greve.
<u>F. S. P.</u> : O motivo da antecipação é a proposta feita na sexta-feira pelo Tribunal de Justiça, que, segundo os grevistas, ofereceu não punir quem voltar ao trabalho de imediato.	<u>CBN</u> : Eles vão discutir uma proposta feita na sexta-feira pelo Tribunal de Justiça que teria se comprometido a não punir quem voltar ao trabalho amanhã.

O que ocorreu, verifica-se, foi a leitura, pelo jornalista Heródoto Barbeiro, no ar, com alguma variação vocabular, do texto ou da chamada de primeira página do Jornal *Folha de São Paulo*.

Para repontuar a questão da *rextetualização*, ou não, dos textos produzidos e apresentados na Rádio CBN, apresentaremos mais uma comparação, também com o intenso uso da paráfrase.

Desta vez, trata-se de uma reportagem internacional, veiculada às 6h42, na CBN, dia 28 de setembro de 2004, quarta-feira, e publicada, no mesmo dia, no Estadão:

Texto do Jornal *O Estado de S. Paulo*, Caderno Internacional, A13

“Londres – O primeiro ministro da Grã-Bretanha, Tony Blair, disse ontem que seu governo pouco pode fazer para salvar a vida do engenheiro Kenneth Bigley, de 62 anos, refém de um grupo radical islâmico no Iraque. Ele aconselhou os britânicos a não “alimentarem falsas esperanças” quanto a um desfecho favorável do episódio.

Os seqüestradores ameaçam decapitar Bigley, como fizeram com os americanos Eugene Armstrong e Jack Hensley, se os Estados Unidos não libertarem todas as mulheres iraquianas que mantêm detidas na prisão de Abu Ghraib e outras. (...)

Enquanto Blair parece ter lavado as mãos, personalidades do mundo islâmico esforçam-se párea salvar o refém. Liderados por religiosos egípcios, um grupo expressivo de clérigos, entre os quais Daud Abdullah e Musharraf Hussein, do Conselho Muçulmano Britânico, está em Bagdá,

tentando entrar em contato com os seqüestradores – tanto de Bigley quanto das italianas Simona Pari e Simona Torreta.

O astro britânico da música pop Cat Stevens, que se converteu ao islamismo e adotou o nome de Yusuf Islam, também pediu ao grupo radical que poupe a vida do engenheiro.”

Texto da CBN

“O governo britânico pouco pode fazer para salvar a vida do engenheiro Kenneth Bigley, que tem sessenta e dois anos e é refém de um grupo radical islâmico no Iraque.

A afirmação foi feita pelo primeiro-ministro Tony Blair.

Os seqüestradores, que já decapitaram dois engenheiros americanos, ameaçam matar Bigley, se os Estados Unidos não libertarem todas as mulheres iraquianas detidas em presídios, controlados pela Força de Ocupação.

Mas, enquanto Blair parece ter lavado as mãos, várias personalidades do mundo islâmico se esforçam para salvar o refém.

Um grupo expressivo de clérigos, entre os quais está Daud Abdullah, Musharraf Hussein, do conselho muçulmano britânico, está em Bagdá, tentando entrar em contato com os seqüestradores.

O cantor Cat Stevens, que se converteu ao islamismo, e adotou o nome Yusuf Islam, também pediu a libertação do refém britânico que pode morrer como os outros dois.”

Análise

Este segundo texto confirma a existência do que podemos caracterizar de “descontinuum tipológico das práticas sociais”, para subverter o pensamento de L. A. Marcushi.

O “descontinuum tipológico”, criado especificamente para maior clareza deste trabalho, seria uma forma de explicar o pensamento contrário dos jornalistas sobre a existência do *continuum tipológico*.

Nos textos reproduzidos pela emissora constata-se que a transformação de uma notícia do escrito para o falado, pelo menos no radiojornalismo da CBN, não exige qualquer técnica refinada ou teoria lingüística sofisticada.

Algumas palavras trocadas e a mudança da ordem de algumas frases ao longo da reprodução do jornalista Heródoto Barbeiro não alteraram, por exemplo, o tamanho nem o conteúdo do texto falado.

O resultado da comparação, lembre-se, que é um caso específico, contraria o pensamento de Marcushi (2003: 94), quando diz:

“ Um texto falado, ao passar para um texto escrito, *diminui* em volume e extensão. Mas, um texto falado, quando passado para outro texto falado com maior cuidado fica mais longo (...).”

Importa dizer que o pensamento de Luiz Antônio Marcuschi serve de aproximação teórica, apenas, na tentativa de compreensão de todo o material produzido pelo radiojornalismo brasileiro.

Uma análise possível, apesar da falta de uma teoria específica sobre o radiojornalismo, é a de que, na perspectiva de uma visão não-dicotômica, a idéia é mostrar as diferenças entre fala e escrita que se dão dentro de um *continuum tipológico das práticas sociais de produção textual* (Marcuschi, 2003).

O contínuo fala e escrita permite distinguir e correlacionar modalidades textuais quanto às estratégias de formulação, originando características que produzem variações estruturais textuais-discursivas: seleções lexicais, estilo, grau de formalidade, planejamento, em que surgem semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos.

Desta forma, fala e escrita abarcam um *continuum* do nível mais informal ao mais formal, passando por graus intermediários. Fala e escrita possuem manifestações de formulação diferentes. Ambas são produções textuais-discursivas, visando a fins comunicativos.

A fala, por um lado, caracteriza-se pelo uso de sons sistemáticos, articulados e significativos, da utilização de aspectos prosódicos e de recursos expressivos, tudo em tempo real: interação, prosódia, correção, seqüências inseridas, pausas, silêncios, etc.

A escrita, por outro lado, apresenta-se através de sua constituição gráfica, manifesta-se por unidades alfabéticas, ideogramas e iconográficas. No geral, não há escrita pura, enquanto modalidade autônoma, trata-se de modalidade de uso da língua complementar à fala.

A análise da fala e da escrita proposta permite observação e análise dos processos de *retextualização* por meio de operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito.

Esta parte do trabalho, resalte-se, apresenta a passagem do texto escrito para o texto oral. As ocorrências-chave abaixo, relativas ao segundo texto, confirmarão algumas das reflexões já apresentadas:

Estadão: O primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Tony Blair, disse ontem que seu governo pouco pode fazer para salvar a vida do engenheiro Kenneth Bigley, 62 anos, refém de um grupo radical islâmico no Iraque.

CBN: O governo britânico pouco pode fazer para salvar a vida do engenheiro Kenneth Bigley, que tem sessenta e dois anos e é refém de um grupo radical islâmico no Iraque.

Estadão: Os seqüestradores ameaçam decapitar Bigley, como fizeram com os americanos (...) se os Estados Unidos não

CBN: Os seqüestradores, que já decapitaram dois engenheiros americanos, ameaçam matar Bigley, se os Estados Unidos não libertarem todas as

libertarem todas as mulheres iraquianas que mantêm detidas na prisão (...)

mulheres iraquianas detidas em presídios (...)

Estadão: Enquanto Blair parece ter lavado as mãos, personalidades do mundo islâmico esforçam-se para salvar o refém.

CBN: Mas, enquanto Blair parece ter lavado as mãos, várias personalidades do mundo islâmico se esforçam para salvar o refém.

Estadão: Liderados por religiosos egípcios, um grupo expressivo de Clérigos, entre os quais Daud Abdullah e Musharraf Hussein, do Conselho Muçulmano Britânico, está em Bagdá, tentando entrar em contato com os seqüestradores (...)

CBN: Um grupo expressivo de Clérigos, entre os quais está Daud Abdullah, Musharraf Hussein, do Conselho Muçumano Britânico, está em Bagdá, tentando entrar em contato com os seqüestradores.

Estadão: O astro britânico da música pop Cat Stevens, que se converteu ao islamismo e adotou o nome de Yusuf Islam, também pediu a ao grupo radical que poupe a vida do engenheiro.

CBN: O cantor Cat Stevens, que se converteu ao islamismo e adotou o nome Yusuf Islam, também pediu a libertação do refém britânico que pode morrer (...)

Nas comparações feitas nas duas reportagens, uma publicada na *Folha de S. Paulo* e outra no *O Estado de S. Paulo*, e veiculadas na Rádio CBN, constata-se que a principal estratégia lingüística, tendo-se como referência a passagem do escrito para o falado no radiojornalismo, está centrada no uso da paráfrase.

José Gaston Hilgert assim define paráfrase:

“Relembremos que parafrasear é, dentro do processo de construção do texto, uma atividade lingüística de reformulação, por meio da qual se estabelece entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável por deslocamentos de sentidos que impulsionam a progressividade textual.”

(Hilgert, 1999: 114)

Considerações finais

A linguagem radiojornalística e o texto dos jornais impressos na CBN: retextualização ou cópia ? A pergunta, embora pareça provocativa, tem como objetivo chamar a atenção para a compreensão que se tem no mercado jornalístico sobre as diferenças entre a fala e a escrita, entre o *continuum tipológico* e o “descontinuum tipológico”.

A leitura literal do texto do jornal, no ar, mais do que uma questão antiética, já que a fonte não fora citada pelo jornalista, transforma-se numa maneira de “sofisticar-se” o *elemento* jornalístico apresentado aos ouvintes.

Chegamos à conclusão de que houve a leitura do texto do jornal devido à semelhança vocabular com a reportagem publicada na *Folha de S. Paulo* e no *O Estado de S. Paulo*, além da impossibilidade de os jornalistas da emissora terem preparado a reportagem.

Mais do que isso: o jornalista Heródoto Barbeiro, ao longo da leitura, trocou algumas palavras ou, parafraseando, reproduziu o texto publicado na primeira página e nas páginas internas dos dois jornais.

O ponto central a se destacar sobre a linguagem radiojornalística exigida pelas próprias emissoras para as suas produções é o uso dos textos de outras mídias (jornais, revistas, portais on-line e publicações científicas), sem qualquer adequação ao veículo específico, rádio, neste caso.

A apresentação das reportagens, as lidas pelo jornalista Heródoto Barbeiro e as publicadas nas páginas da *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* ilustram a confusão no entendimento dos radiojornalistas sobre uma “identidade da linguagem” no rádio.

A propósito da confusão entre o escrito e o falado, Marcushi diz o seguinte:

“O cerne das confusões na identificação e a avaliação de semelhanças e diferenças entre a fala e a escrita acha-se, em parte, no enfoque enviesado e até preconceituoso a que a questão foi geralmente submetida e, em parte, na metodologia inadequada que resultou em visões bastante contraditórias. *A fala tem sido vista na perspectiva da escrita e num quadro de dicotomias estritas porque predominou o paradigma teórico da análise imanente ao código.* Enquanto a escrita foi tomada pela

maioria dos estudiosos como estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, a fala era tida como concreta, contextual e estruturalmente simples (cf. Chafe, 1982; Ochs, 1979; Kroll & Vann, 1981). Contudo, há os que julgam que a fala é mais complexa que a escrita (cf. Halliday, 1979 e Poole & Field, 1976). Biber (1986, 1988, 1997) mostrou com clareza que nada é claro e conclusivo nesse terreno. (2003: 37)

Verifica-se que o jornalista, na leitura do texto, elimina todas as marcas de oralidade da fala na transmissão da notícia, transformando a veiculação das informações num ato mecânico, artificial e bastante simples. Gaston Hilgert diz o seguinte sobre o assunto:

“Construir lingüisticamente o enunciado ou, em sentido mais amplo, o texto, significa dar **forma** e organização lingüística a um conteúdo, a uma idéia, enfim, a uma intenção comunicativa, o que permite dizer que, na construção lingüística do enunciado, desenvolvem-se **atividades de formulação.**” (1999: 107)

Hilgert diz mais, no parágrafo seguinte:

“(...) construir o texto falado é desenvolver-lhe o planejamento, na medida em que evolui o processo de formulação. Na realização da atividade comunicativa a intenção não é anterior à formulação. A intenção é ‘construída’ na e pela formulação, e o planejamento de uma atividade comunicativa só se completa com a construção do enunciado concluída.”

Embora não tenha sido produzida especificamente para a compreensão do escrito para o falado no radiojornalismo, Hilgert lança luz sobre o assunto, de forma mais pontual:

“É precisamente esta preocupação simultânea com o ‘dizer’ e com o ‘que dizer’ que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação. Elas explicitam os procedimentos a que o falante se vê impelido a recorrer para levar a bom termo o seu objetivo comunicacional. No dizer de RHAT (1979, p. 20), ‘o processo da construção textual com todos os seus desvios, reinícios, repetições e correções é diretamente observável. Pode-se, portanto, no âmbito da língua falada, assegurar que o texto consiste, em parte, em produzir o texto como tal...’. Ou, como diz ANTOS (1962, p. 183), o texto falado mantém explícitos todos os traços de seus *status nascendi*. Nisto ele se distingue do texto escrito, no qual, ao menos em grande parte, as pegadas do processo de construção estão apagadas.”

(1999: 107)

Na análise de dois outros textos, um escrito e um falado, Hilgert (1999: 30-31) chegou à seguinte reflexão, facilmente adaptada para esta investigação:

“A análise dos dois textos, um de língua falada, outro de língua escrita, dá-nos oportunidade de apresentar, mais sistematicamente, algumas diferenças entre as duas faces da língua, ou as suas duas manifestações, a falada e a escrita.

Evidentemente, elas não se diferenciam apenas quanto à substância, ou à matéria prima da língua, substância fônica percebida pela audição, a da língua falada, substância gráfica ou visual da língua falada. Afinal, a língua escrita não constitui pura transcrição da falada. Ao mesmo tempo, não basta que a língua seja realizada oralmente, constituindo produto perceptível pela audição, para ser considerada falada. A oralidade é característica essencial da língua falada, mas não o suficiente, o que faz com que notícias transmitidas por rádio e televisão, por exemplo, se caracterizem pela oralidade, mas não pelo caráter falado (HILGERT, 1991). São, de fato, textos escritos realizados oralmente.”

Os textos noticiosos lidos pelo âncora da CBN, jornalista Heródoto Barbeiro deixam claro que a matriz da linguagem na emissora, de acordo com a reflexão de Hilgert, são os jornais, as revistas, as publicações científicas e os portais de notícia.

Sem as marcas características da oralidade, o material reproduzido no ar, ao vivo, na CBN, *são, de fato, textos escritos realizados oralmente*. Neste aspecto, relação específica entre o escrito e o falado, a CBN “copia oralmente” o que foi publicado nas páginas da mídia impressa e na internet.

Conclusão

O radiojornalismo brasileiro, apesar dos seus 84 anos de existência, desenvolve as suas atividades, classificadas neste trabalho de *elementos* jornalísticos, tendo como referencial produtivo um outro gênero textual, jornais e revistas.

Embora o veículo seja considerado eminentemente oral, na prática e na teoria, a oralidade é entendida pelos profissionais da área como a “fala que reproduz” uma língua “incorreta”, sob o ponto de vista formal, excluindo-se qualquer possibilidade de uma variação.

Todas as afirmações estão registradas, de forma direta e indireta, no *corpus* do trabalho e nas atividades que auxiliam no processo de investigação e de análises, nos últimos três anos.

Assim, esta dissertação possibilita-nos uma melhor compreensão, sob o ponto de vista jornalístico, daquilo que fazem duas das principais emissoras de São Paulo: a CBN, do Sistema Globo de Rádio e a Eldorado, do Grupo *Estado*.

Foram gravadas cinco edições do principal jornal das duas emissoras, além do arquivamento de cinco edições dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. De todo o material coletado, foram analisadas e comparadas duas reportagens dos jornais e duas entrevistas, uma da CBN e outra da Eldorado.

Também foram gravadas duas entrevistas de apoio, de 15 minutos, em média, cada, com os diretores de jornalismo das duas rádios. Importa dizer que as duas emissoras esforçam-se na tentativa de “falar” sofisticadamente para os seus públicos ou audiência, classificada na pirâmide social como pertencente às classes A e B.

Heródoto Barbeiro, da CBN, avalia, na entrevista de apoio, que a emissora em que trabalha há mais de 20 anos já se utiliza de uma linguagem ideal, sem, no entanto, definir pontualmente o que seria essa linguagem ideal.

Por outro lado, o jornalista Milton Leite, da Eldorado, deixou a emissora há cerca de um ano, confessa que a rádio do grupo *Estado* está muito longe de uma linguagem ideal na produção e na apresentação dos seus *elementos* jornalísticos.

Na aproximação, para a devida análise, das atividades jornalísticas das duas rádios à teoria, constata-se um distanciamento, para não dizer desconhecimento, dos profissionais do segmento das estratégias e possibilidades de fala apresentados pela *Análise da Conversação*.

Os radiojornalistas guiam-se muito mais por um padrão técnico, no que diz respeito ao *lead*, por exemplo, e à intuição, do que por questões ligadas às estratégias conversacionais, para uma produção e uma apresentação minimamente organizada de reportagens e entrevistas, por exemplo.

A reflexão central deste trabalho está direcionada na forma pela qual as duas radiojornalísticas, CBN e Eldorado, produzem e apresentam as suas entrevistas, por telefone, ao vivo, no período considerado de horário nobre no veículo, entre 6 horas e 10 horas da manhã.

As entrevistas, por telefone, ao vivo, das duas emissoras e duas reportagens dos jornais *Folha* e *Estado* passaram por uma espécie de “desconstrução”, para a devida análise, tendo-se como fundamento teórico a *Análise da Conversação*.

É preciso lembrar que as estratégias conversacionais de uma entrevista jornalística, realizada em tempo real, seja em rádio, seja em televisão, não pode ser comparada, no mínimo que seja, com as estratégias conversacionais de uma conversação comum, natural.

Neste caso, entrevista, há toda uma negociação, velada, muitas vezes, para que os limites da interação, de civilidade, do respeito à ética, de conteúdo e de atendimento a uma determinada audiência sejam respeitados e atendidos.

Os aspectos teóricos que deram forma às análises foram: organizadores globais, simetria e assimetria, modalização e hesitação, face e interação no diálogo radiojornalístico, e que lançam luz sobre algumas possibilidades lingüísticas no radiojornalismo.

A utilização consciente da *Análise da Conversação* no processo de produção e de apresentação de uma entrevista radiojornalística, por telefone, em tempo real, poderá melhorar o desempenho do radiojornalista,

tendo-se como conseqüência um melhor resultado na realização da atividade, entenda-se conteúdo mais de acordo com as exigências da audiência.

Merece atenção especial dos profissionais do segmento, de acordo com as constatações deste estudo, a utilização consciente- aspecto fundamental- da assimetria ou “negociação em situação de fala” numa entrevista, por telefone, em tempo real.

A questão foi classificada pelo jornalista Heródoto Barbeiro como “jogo intelectual” e classificada por esta dissertação de “assimetria negociada” entre entrevistador, entrevistado e audiência.

Resumidamente, o fenômeno lingüístico pode ser explicado da seguinte forma: ao jornalista cabe a abertura, cumprimentos iniciais formais, fase das perguntas, encerramento e cumprimentos finais.

A “negociação” ocorre na utilização do léxico e, também, na utilização de algumas estratégias conversacionais, como as pausas, os silêncios, as hesitações, por exemplo, para que haja a perfeita interação entre as partes envolvidas no processo.

As teorias da *Análise da Conversação*, partindo-se das constatações acima, na perspectiva de uma interação diferenciada na mídia, especificamente no radiojornalismo, apresenta-se, nesta fase de conclusão, como uma importante referência para se entender o processo.

Pode-se dizer que este trabalho tentou lançar luz sobre o uso de marcadores conversacionais e de todas as outras estratégias conversacionais possíveis, não mais como meros “cacoetes, cacos ou muletas lingüísticas” e sim como mecanismos específicos do planejamento e da execução ou *uso*, o segundo termo seria o mais adequado, da “fala”, na realização de qualquer *elemento* radiojornalístico.

Isso quer dizer que a notícia, no sentido genérico, apresentada no radiojornalismo, não pode ser, mais, um texto escrito e falado no veículo. A notícia no radiojornalismo teria que obedecer ao seguinte processo: fato e texto oral; e não como é hoje: fato, texto escrito e leitura do texto escrito, no ar, ao vivo ou gravado.

Outra questão não menos importante levantada no trabalho e que não está isolada do todo é a leitura, muitas vezes na íntegra, de textos dos jornais e das revistas ou portais noticiosos, no ar, como se o âncora estivesse improvisando uma “situação de fala”, na realização da atividade.

Constatamos que o profissional, ao se utilizar desse tipo de expediente, em várias emissoras, elimina todos os mecanismos ditos normais de fala e de interação na relação com o interlocutor, como por exemplo: as pausas, as hesitações, as correções e aspectos de modalização.

O esforço do profissional em ser “perfeito” na leitura de uma reportagem (obedecendo às acentuações e pontuações de um texto escrito), da *Folha de S. Paulo*, a título de exemplo, “engessa” a transmissão da informação e elimina o processo normal de interação com o ouvinte.

O imprevisto, para alguns profissionais, fica por conta da troca de algumas palavras do texto e à vezes, até, dependendo da experiência do profissional, da mudança da estrutura da história, no momento da leitura, caracterizando o ato de fala mais como uma relação parafrásica do que o “falar” natural, mesmo que seja na mídia eletrônica.

Esta, portanto, deverá ser a contribuição deste trabalho: a aproximação entre aspectos de planejamento de fala da *Análise da Conversação* com as produções de alguns *elementos* do radiojornalismo, como por exemplo, a entrevista, por telefone e ao vivo.

Destaquemos também a possibilidade de uma “troca”, no momento de produção do texto do radiojornalismo e mesmo do imprevisto, no ato de fala, do “descontinuum tipológico” do mercado pelo *continuum tipológico*, de Marcuschi.

Desta maneira, assim entendemos, o radiojornalismo poderia se transformar num poliglota da própria língua, utilizando-se de todos os mecanismos possíveis de conversação para a perfeita interação com as audiências, sem medo utilizar alguns aspectos da língua como “lugar do erro ou da incorreção”.

ANEXOS

Íntegra da entrevista²⁹, de 15 minutos, realizada com o jornalista Heródoto Barbeiro, da CBN, realizada dia 7 de abril de 2005, como apoio para melhor compreensão daquilo que diz o responsável pela programação da emissora e aquilo que a programação da emissora efetivamente apresenta no que diz respeito a uma linguagem adequada para o veículo:

Entrevista com Heródoto Barbeiro:

C. F.: Eu gostaria que, rapidamente, você me falasse um pouco da linguagem, éh::: radiofônica, ou radiojornalística no Brasil, Heródoto ?

H. B.: Bom, éh:::, Cal, éh..., eu, quando comecei a trabalhar com::: radiojornalismo, éh:::, me foi dito o seguinte: que a maneira pela qual você escrevia pro rádio era diferente daquela que você escrevia pros jornais, pras revistas, pra televisão, etc., etc., etc. E, de fato, como eu comecei trabalhando pela Rádio Jovem Pan, de fato havia uma forma diferente de escrita pro rádio. Eu achava, até então, trabalhei sete anos lá, de que a escrita era feita... de forma manchetada, que essa era a linguagem do rádio, éh:::, e que, agora, para você poder ter um texto manchetado você não podia ter uma única pessoa () porque duas inflexões tão diferentes, então, você sempre teria que ter uma notícia lida por duas pessoas. Eu acho, que de certa forma, esse foi o paradigma que eu aprendi na:::... trabalhando na Jovem Pan. Depois vi isso consolidado na publicação do manual... de

²⁹Não houve, nas entrevistas reproduzidas em Anexos, a necessidade de se seguir rigidamente as normas de correção do projeto NURC/ SP.

jornalismo da Jovem Pan, tá lá explicado. E, depois vi isso também sendo ensinado nas faculdades. Ai, eu fui fazer faculdade e nas faculdades começaram a me ensinar. Ensinavam isso, éh:::, eu vi que outras emissoras também faziam a mesma coisa, até que eu fui trabalhar na televisão. E, quando eu fui trabalhar na televisão, percebi o seguinte, o texto da televisão, a nota da televisão, né, que é o texto, éh:::, se você podia ler uma nota na televisão, com texto corrido, e as pessoas entendiam, porque que elas não podiam entender no rádio. Então, éh:::, ai, começou a mudar a minha opinião, a respeito desse texto pro rádio. Não é ? Então, eu comecei a incentivar, que esse mesmo texto corrido, que era aplicado na televisão, fosse também trazido pro rádio. Então, eu acho que acompanhei estes dois momentos, o momento do mancheteado, que é o texto que eu abandonei, que eu não vejo aqui a gente usar mais, pessoas acabaram se convencendo disso, e hoje que é o texto corrido, que a gente usa, éh:::, com a mesma preocupação didática e de facilidade que se usa na tevê.

C. F.: Então, só para entender, quer dizer, rádio e tevê dá para se trabalhar com o mesmo texto ?

H. B.: Exatamente. Eu queria dizer, baseado ni..., baseado nisso, num trabalho que eu tenho feito na tevê, simultaneamente ao rádio. Não é ? Eu, basicamente, sempre trabalhei nos dois veículos. Ah:::, e vejo, que exatamente o mesmo texto que se faz pra televisão é o mesmo que se faz pro rádio, mas percebi que muitas vezes era mais uma criação das esCOLas de jornalismo, e muitas vezes professores que NÃO trabalhavam nem na televisão nem no rádio, não é, que aprenderam e acharam que isso era bom e passaram isso para os seus alunos. Mais, éh:::, eu percebi que numa

comunicação direta, e essa comunicação, é:::, muito usada pela tevê, era mais eficiente..., então, eu, o texto é exatamente o mesmo.

C. F.: Ok. Fugindo um pouquinho da linguagem, eu gostaria que você falasse um pouco da CBN, Central Brasileira de Notícia. Rapidamente, o que é a CBN, hoje ? A origem da CBN ? Qual o papel que ela exerce na sociedade ?

H. B.: Bom. Ah:::, inicialmente, a decisão de criar uma rádio all news foi da empresa, do grupo O Globo, das organizações Globo, de criarem uma rádio all news em São Paulo. E me convidaram para ser um dos autores do projeto. Então, eu sou um dos caras que ajudou a escrever o projeto original, juntamente com outras pessoas, do projeto CBN. Então, ele nasceu, ah:::... a implantação não foi imediata. Não é ? Ela foi sendo implantada por e, por, por, partes, lembra bem disso, você trabalhava aqui, mas eu acho que ela criou um diferencial em relação as competi..., à competição, porque, quando eu fui convidado para participar, minha grande preocupação era pensar com a cabeça de São Paulo, porque o gestor da empresa era do Rio de Janeiro. Do Rio você não tinha emissoras de radiojornalismo, com exceção da J. B., que era muito frágil, e assim mesmo tocava música. Era uma rá..., uma rádio em busca de notícia. Agora..., eu era o representante paulista do projeto. Não é ? Eu conhecia bem o jornalismo que se faziam na Eldorado, na Jovem Pan, na Bandeirantes, etc. Eu achava o seguinte, né, nó vámo tê que sair do zero, e tenta conseguir uma parte do público delas, porque na verdade a história é a seguinte, ah:::..., você cria mais uma rádio, mas o público é o mesmo, o volume de verba publicitária é o mesmo, então você vai sempre tomar do seu concorrente. Agora, haveria, na minha opinião, dois caminhos para você

tomar do concorrente. Primeiro, éh:::, fazer uma programação diferenciada, que seria um jornalismo 24 horas. Segundo, éh:::, pegar os mesmos princípios do jornalismo, que se aplica no jornal, na revista, e aplicar no rádio, coisa que eu não vi até então. Então, hoje, eu tô cada vez mais convencido, que não existe radiojornalismo, o que existe é jornalismo em rádio, né, em televisão, em jornal, em, em, em, éh::: em internet. Mas, o radiojornalismo, como eu imaginava, ele não existe, porque jornalismo é uma coisa só, as regras éticas são as mesmas. Então, eu acho que nós inovamos por aí (pigarro). Foi por aí que nós crescemos.

C. F.: Ok. Vamos falar agora de um gênero, ou de uma atividade no radiojornalismo ou no jornalismo em geral, que é a entrevista. Qual a importância da entrevista no trabalho radiojornalístico ?

H. B.: Olha, eu acho que você pode medir a entrevista éh:::, pelo reflexo que isso tem na população. Se você pegar... o Ibope do mês passado, eh:::, selecionar quais as emissoras mais ouvidas da cidade, entre sessenta, no horário das sete às oito, é o Jornal da CBN, ele tem 152 mil ouvintes por minuto, em média. Então, ele é o primeiro da cidade de sete às oito, entre oito e nove não é, entre nove e dez também não é, é o padre Marcelo (Rossi). Vamos dizer, se você tem, éh:::, entre sessenta rádios, um horário jornalístico, como primeiro da cidade, segundo o Ibope, isso mostra o seguinte, mostra que aquilo que você está fazendo tá certo. E ali tem, pelo menos, nesse horário, duas, ou tem (...), duas, com certeza, mas, às vezes têm mais, têm três ou quatro entrevistas. Agora, por que isso. Porque com o uso do jornalismo eletrônico, que se aplica tanto ao rádio como à televisão, a entrevista é uma forma que você colocar a fonte diretamente para conversar com seu público alvo. Né ? No momento em que o jornalista se

coloca na posição dos seus ouvintes e tenta perguntar aquilo que os ouvintes gostariam de saber, e não exatamente aquilo que ele gostaria de saber. Não é ? Ele procura fazer essa ligação, essa ponte. Então, eu acho que isso dá muito certo. E, eu acho que dá mais certo ainda quando você consegue expandir isso pra idades mais tenras, pessoas mais jovens e também melhor situadas na sociedade. Eu acho que a entrevista nossa começou a dar esse resultado depois que nós colocamos a rádio no FM. O que foi um outro paradigma quebrado na:::, na história da CBN e que proporcionou que essas pessoas que não ouviam rádio, ou melhor, que ouviam FM, mas não ouviam jornalismo, porque o jornalismo estava confinado no AM, passaram a ouvir. Então, eu acho que passou a ser um fator diferencial e importante.

C. F.: Alguma estratégia especial pra tirar do seu entrevistado, da fonte, aquilo que o ouvintes quer ouvir ?

H. B.: Sim. Éh:::, há uma estratégia especial. Todos nós sabemos que a entrevista é um jogo intelectual entre o jornalista e o entrevistado, onde o jornalista tá querendo tirar do entrevistado aquilo que ele não quer dizer e o entrevistado tá querendo dizer aquilo que o jornalista não pergunta. Não é ? Então, é um jogo intelectual. Agora, obviamente, ainda que você queira tirar dele alguma coisa, que ele não quer ouvir, perdão, que ele não quer dizer, eu acho que tem regras éticas a serem seguidas. Não é ? Eu não posso, de repente, éh:::, outro dia eu combinei uma entrevista com o senador Sarney, éh:::, pra falar sobre o papa, eu não me senti à vontade, por exemplo, para mudar a pauta, no ar, uma vez que tinha assumido o compromisso, não é, e dizer, escuta, mas, afinal, a sua filha vai ou não vai sê ? Não é ? Então, não dá para fazer isso. Eu acho que quando você

combina uma pauta aberta, você pode fazer. Mas, quando você combina que uma pessoa vai perguntar só sobre o papa e ele topa da entrevista, então você tem que ficar nisso. Então, eu acho que:::, ah:::, você tem que procurar, não é, dentro daquele espaço que você negociou, não é, que você empenhou a sua palavra, em tirar o ... mais que as pessoas possam querer saber a respeito daquele tema.

C. F.: Um pouco mais dentro da Dissertação...

H. B.: Eu esqueci um detalhe...

C. F.: Pois não...

H. B.: Eu acho que você tem que conhecer, também o público alvo. Se você não conhecer bem o seu público alvo, acho que você não consegue fazer bem boas entrevistas. Você pode fazer uma excelente entrevista, mas se você não souber quem é o público alvo...éh:::, porque você, naquele momento, é o representante dele diante do entrevistado. Ele não pode pegar o microfone pra falar. Não é ? Então, eu acho que conhecer BEM o público alvo também ajuda a fazer uma boa entrevista.

C. F.: Perfeito. Na relação simétrica ou assimétrica, ou seja, quem comanda a entrevista, no caso do radiojornalismo ? É o entrevistador ou o entrevistado ?

H. B.: Bom, eu acho que no jornaLISmo, de uma maneira geral, não só no radiojornalismo, é o entrevistador e não o entrevistado. Porém, há determinados entrevistados que estão tão bem treinados e são tão HÁbeis

que você perde o controle da entrevista e ele passa a ter. Não é ? Maluf é um exemplo, Brizola foi outro exemplo, mas há outros ai, não é, que você pergunta uma coisa, o Sarney, mesmo, que eu te falei, ele assumiu a entrevista e começou a falar de coisas que eu não havia perguntado. Mas, éh::: como eu disse, é um jogo intelectual, cabe também a você ficar atento, não é, e tentar, depois, puxar a entrevista, pro motivo dela, da pauta, que havia sido marcada.

C. F.: Ok. Entre..., você falou um pouco sobre o radiojornalismo e o telejornalismo. Agora, o jornalismo impresso e o radiojornalismo. Quem depende de quem nesta relação ?

H. B.: Eu acho que hoje, ela é (), é uma relação de dupla mão de direção. Eu acho que:::..., hoje, o radiojornalismo depende ME nos do jornal do que dependia no passado, quando nós éramos, inclusive, acusados de fazer o gillette-press, e com razão, porque realmente fazíamos o gillette-press. Não é ? Mas, o que eu quero dizer é o seguinte, hoje, os veículos eletrônicos, não é, são tão rápidos, e a gente tem ai os SItes na internet, que para mim é o jornalismo impresso, mas é impresso em bit, éh:::, que hoje () nós não dependemos tanto dos jornais mais. Não é ? Eu acho que hoje os jornais dependem mais do rádio... para construíR as suas matérias, as suas reportagens, porque aquilo que é instantâneo os veículos, éh::: rápidos já deram. Então cabe ao jornal as matérias mais interpretativas e mais opinativas. Então, eu acho que, hoje, eles dependem muito mais da gente do que... nós dependemos deles.

C. F.: Então, você resiste a idéia, por exemplo, se antes falava-se em gillette-press é chamada internet-press, hoje ?

H. B.: Eu acho que sim. É. Eu diria que, talvez hoje seria a internet-press. Mas, éh:::, eu queria dizer também, que hoje, a internet, ela é a concorrente mais direta do rádio, quanto a sua instantaneidade. Não é ? Eu não acho que quanto a sua oportunidade. Quanto a sua oportunidade não é concorrente. Mas, eu acho que quanto a sua instantaneidade, sim. Então, éh:::, quando você tá concorrendo, nesse gênero, é difícil você esperar publicar alguma coisa na internet, para depois você falar, quando muitas vezes você pode falar antes dela. E acho que a internet também faz escuta do rádio e coloca lá, eu já tenho visto muitas das minhas entrevistas reproduzidas nos sites, inclusive bons sites, não é, sem nenhuma, nenhum crédito.

C. F.: Para finalizar, em relação à linguagem radiofônica realizada ou feita aqui, pela rádio CBN, o que você diria ? É uma linguagem adequada neste momento, não é ? O que falta pra ser, pra melhorar, enfim ? Como você define a linguagem radiofônica aqui da CBN ?

H. B.: Eu defino como uma linguagem ABsolutamente compatível com o público alvo. Se ela não fosse compatível com o público alvo nós não estaríamos nesta posição inveJÁvel que nós estamos em audiência, que eu te falei agora há pouco, é o primeiro ponto. Se, éh:::, segundo ponto, éh:::, uma vez acertada essa linguagem, ela passou a ser uma linguagem direta. Não é ? Então, todos aqueles jargões, do antigo rádio, aquelas coisas, éh:::, maravilhosas, aqueles, éh:::, ficcionais, e tudo mais, aquilo tudo nós varremos. Mas, às vezes eles voltam. Não é ? Isso é uma praga. Não é ? Isso é como praga. ? É como erva daninha. Toda hora você arranca e a (...) aparece. Então, de vez em quando a gente pá..., a gente, a gente pega isso. Eu mesmo, me pego, às vezes, falando essas bobagens. A gente procura,

éh:::, dá uma espanada nisso constantemente. E a terceira coisa, eu diria, é essa língua..., é, é, é, essa DES-con-tra-ção..., não é, que faz parte da nossa linguagem....

Íntegra da entrevista, de 15 minutos, realizada com o jornalista Milton Leite, da Eldorado, realizada dia 3 de maio de 2005, como apoio para melhor compreensão daquilo que diz o responsável pela programação da emissora e aquilo que a programação da emissora efetivamente apresenta no que diz respeito a uma linguagem adequada para o veículo:

C. F.: Milton, para começar, eu gostaria que você fizesse um breve histórico da Rádio Eldorado ?

M. L.: Bom, o que eu podia te fa:::.... Na verdade, eu tô aqui há um ano e MEio, né, então:::, posso falar com mais:::.... conhecimento de causa desse período, mais:::...., eu tenho conhecimento da Eldorado do tempo que eu trabalhava em outra emiSSOra, enfim, sempre fui..., a Rádio Eldorado sempre foi..., éh:::...., uma rádio muito forte no jornaLismo, essa coisa das co..., da, da briga pela cidadaNIA, da... participação das peSSOas. Não é ? O projeto Tietê é um exemplo disso, já de 12 anos atrás, ...mas, enfim. Éh..., o que a gente tem tentado faze nesse::: um ano e meio que eu to aqui.... Quando eu cheguei aqui, eu percebi uma redação um pouco desarticulada, né, um grupo a:::...., um grupo tinha passado por alguns problEmas:::, e, primeiro passo foi exatamente dar uma acertada nisso, meio que:::, focar, de novo, as pessoas no dia-a-dia, e, ao mesmo tempo dar uma modernizada na programação, que a Rádio Eldorado há muito tempo não mudava nada na programação, e tal. Então a gente teve o cuidado de... modifiCAR, criamos programas novos, trouxemos outras pessoas para cá,

para apresentar proGRAMas, enfim. Mas, a rádio continua sendo, basicamente, uma rádio de jornaLISmo..., com variações, ai, ao longo do dia, mas sempre jornaLISmo, a gente tem uma produção muito grande de entreVISTas, de :::maTÉrias, apesar de a estrutura da rádio ainda estar um pouco deficiente em alguns aspectos técnicos, ai, mas, enfim, ta muito melhor do que tava, quando eu cheguei. Tão, tem sido basicamente isso, quer dizer, a gente tem feito uma rádio... um pouco mais moDERna, uma linguagem um pouco mais SOLta do que a rádio tinha antes. A rádio sempre foi uma rádio muito RÍgida, muito Dura, né, em relação ao..., a..., a forma de se pronunciar, de se comunicar com o seu ouvinte. E a gente mudou isso um pouco, a gente tá tentando trazê-la, um pouco, para o dia-a-dia das pessoas.

C. F.: Eu gostaria que você falasse um pouquinho mais da linguagem, qual a definição de linguagem radiojornalística ou no rádio, para a Eldorado ?

M. L.: Olha, éh:::, eu acho que, basicamente, o rádio, ele deve ser muito direto. Não é ? Deve ser muito objeTIvo, porque hoje as pessoas não têm tempo... prá perder com NAda, né, principalmente numa cidade como São Paulo, então, o que eu tenho tentado passa, a gente tem uma redação muito nova, né, são pessoas muito jovens, éh:::..., o que eu tenho tentado pra elas é exatamente isso, quer dizer, a gente tem que ser o mais direto possível, evidentemente, sem perder a qualidade da informação, sem perder a qualidade... da língua portuguesa (), enfim, sem atropelar nenhuma dessas regras... mas a gente tem que ser objetivo, sem firulas, sem:::..., sem:::... éh:::... nenhum tipo de floreio, a gente sê absolutamente objetivo, transmitir a informação... e de uns tempos prá CÁ, até com a vinda de pessoas mais experientes para apresentar programas, a gente tem sido um pouco mais::: crítico, também, tem si..., temos... com um nível um pouquinho mais de

comentário nas nossas informações..., desde que os âncoras façam isso. Não é ? Éh:::..., por que é uma coisa que a Eldorado também tinha perdido um pouco, ai no tempo. Mas, enfim, BAsicamente, é SÊ... RÁpido, né, as notícias não podem ser muito longas, não podem se estender muito, porque as pessoas querem, têm sede demais, né, então, se você perde muito tempo com um assunto você deixa de dar outro... Sê () o mais::: sucinto possível, sem perder a informação e sem perder a qualidade... do linguajar, e também sê objetivo. Não é ? Dar as informações da melhor maneira possível.

C. F.: Qual a influência da mídia impressa, jornal, por exemplo, na linguagem do rádio, hoje ? Qual a influência no dia-a-dia, de vocês da Eldorado ?

M. L.: Olha, eu ainda acho que aqui na Eldorado a gente tem uma influência muito grande, até porque, a gente faz parte de um grupo cujo carro, carro-chefe é um jornal, quer dizer, a gente tá inserido, até porque mudamos aqui pro prédio, quer dizer, nós tamos inserido aqui no contexto do Estadão, do Jornal da Tarde, da::: Agência Estado. Então, eu ainda acho que tem uma influência grande no nosso noticiário. Até, éh..., os nossos redatores, quando você vai tirar uma notícia que vem pela agência, e tal, você acaba se prendendo, um pouco, àquele texto. Estamos tentando melhorar isso, quer dizer, eu acho que são duas linguagens absolutamente diferentes, que a gente precisa supeRA, né, a gente tem que tê a nossa própria linguagem. Mas, confesso que, PRIncipalmente, aqui na Eldorado, enfim, em outros lugares que eu trabalhei já não tinha tanto essa influência, mas não sei se porque a gente tá muito inserido aqui no grupo de um jornal muito forte, isso acaba tendo uma influência maior. Mas, eu acho um erro, quer dizer, uma coisa que a gente tá tentando corrigir.

C. F.: Internet, qual a influência ?

M. L.: Olha, pra essa geração de hoje, éh..., total. Não é ? Quer dizer, hoje, éh..., (), e aqui é uma crítica que eu tô fazendo à geração de jornalistas de hoje, pessoal que tem menos, ai, de... trinta e poucos anos. Né ? Pessoal que já nasceu na época da internet pro jornalismo. Eu sou do tempo que (riso) não tinha internet, né, então, é, eu sou de uma geração que a gente checava notícia, por teleFOne, enfim, o MÁximo que você tinha na redação era um... teletipo, era um telex, e tal, mas, hoje em dia, as:::..., éh, eu percebo que no dia-a-dia as redações não se viram se não tiver internet. Se você não tiver como fonte de informação a internet, as redações não andam. O que é uma pena, né, porque, eu acho () sempre, o que eu vi, vi crescer na redação do Estadão, na Jovem Pan, onde eu trabalhei mais tempo, éh:::..., no meu tempo era muito eficiente essa coisa de checagem.

Você ouvia alguma coisa, saia alguma nota, você ia atrás, você ligava, se tinha fontes, você tinha agenda. Hoje em dia, eu percebo que essa geração nova, o pessoal, repito, ai, abaixo dos 30 anos, não tem agenda, se cai (risos) a internet ninguém sabe o que fazer, onde começar a procurar. Enfim, eu acho que é uma influência, óbvio que eu não tô aqui negando as:::... vantagens e a importância da internet, mas é uma pena que hoje as redações não caminhem se a internet não estiver funcionando.

C. F.: Há um manual de procedimentos, um manual de radiojornalismo da própria Eldorado? Como funciona ?

M. L.: A gente ti... fez um esboço no passado, nós fizemos um esboço de um manual, até porque, dentro da reestruturação da rádio todos os departamentos tiveram que fazer, éh..., os seus manuais. Não é um manuel, manuel que eu desejaria fazer, quer dizer, ele é muito incipiente, ele ainda

tem::: regras muito::: superficiais, muito básicas, né, quer dizer, a gente num es:::miuçou ele até por falta de tempo, mesmo. Eu gostaria de implantar, por exemplo, na redação da Eldorado um manual de redação, mesmo, né, de:::..., ou, gostaria que a rádio adotasse um texto mais radiofônico, mas ainda não consegui fazer isso. Então, a gente tem alguns manuais de pro..., manuais de procedimentos, ai, internos, éh:::..., de comportamento, enfim, jornalista que não pode fazer publicidade, se tem uma publicidade, que tem que ser feita ao vivo, a gente traz o locutor do próprio comercial pra fazer. Se é um evento absolutamente comercial, contrata-se free-lance pra fazer, quer dizer, o pessoal da Eldorado, por exemplo, não faz publicidade. Essa é uma regra que nós estabelecemos já há um ano e pouco. E, assim, a gente vai adotando no dia-a-dia pequenas diretrizes que são adotadas, mas, eu, repito, é uma manual muito superficial ainda. Eu a..., tenho a impressão, que a partir do momento que a gente tiver uma redação mais estabilizada, e tal, a gente vai poder aprofundar isso, chegar até o ponto da gente ter um manual de linguagem, por exemplo, de redação mesmo.

C. F.: Quer dizer, por enquanto, a ligá..., a linguagem da Eldorado ainda não é a ideal ?

M. L.: Não, não é a ideal. Pelo contrário, tá longe disso. Eu acho que a gente já evoluiu, éh:::, eles tinham alguns vícios, aqui, quando eu cheguei, de outros tempos, e que ninguém sabia direito porque tinha, mas tinha, enfim. Não pu..., não pode, éh..., (), texto nenhum pode deixar de ter artigo. E no rádio você tem algumas manchetes, que elas ficam mais fortes se você não bota o artigo, enfim, esse é só um exemplo. Não é ? Mas, é uma coisa que era:::, uma coisa, um dogma aqui dentro (risos) da redação. Coisa que eu já quebrei, enfim, hoje a gente já faz, hoje, coisa mais

graciosa, já faz coisas mais diretas, quando não precisa bota artigo, né, enfim. Eh..., então, tinham algumas regras aqui que a gente, aos pouquinhos, foi quebrando, mas, tudo isso na base do dia-a-dia, Não é ? Quer dizer, não chegou a ser uma regra estabelecida, que eu escrevi e botei no papel e as pessoas foram fazê, como, por exemplo, aqui, antigamente não se podia chamar repórter só pelo nome. Tinha que ser nome e sobrenome. Apelido, então, nem pensar. Isso, eu acho, né, na minha visão de rádio, que isso vai distanciando você das pessoas. No dia-a-dia das pessoas ninguém chama o outro, o seu colega de trabalho, o seu, seu vizinho pelo nome inteiro. Ou chama pelo apelido, ou pelo primeiro nome, enfim. Também é só mais um exemplo. Mas, também, aos pouquinhos, a gente foi quebrando isso. Então, tinham algumas coisas muito rígidas, e muito, sem saber porque, que a gente, aos pouquinhos, foi quebrando, mas, não chegou a ser nem um manual, né, foi a convivência no dia-a-dia. Uma, uma hora você chega pro cara e fala pô, porque você chamou o fulano assim e não chamou assado ? Enfim. Mais na base da conversa, a gente não estabeleceu isso, ainda, como regra.

C. F.: Uma aproximação, por exemplo, do::: popular...?

M. L.: É, mas, o popular, não esse popular, éh:::, essa palavra, popular, deturpada, que ta aí. Não é ? O que eu costumo dizer é o seguinte, a gente precisa tá mais próximo das pessoas, no dia-a-dia. Então, como é que as pessoas falam, as pessoas erram, as pessoas pedem desculpas. Não é ? E, aqui, é assim, éh:::..., sê ta fazendo um programa ao vivo... e rádio, basicamente, é feito na base do improvisado, é impossível você não errar. E, assim, você volta atrás, e diz, olha, eu errei, desculpa. Não era isso que eu queria dizer, enfim. Porque isso acontece no dia-a-dia. Você passa pras pessoas..., passa pras pessoas uma sensação de que você é ser humano,

você erra. Né ? Então, isso também não podia, aqui na Rádio Eldorado. Imagina. Então, na verdade, o que eu penso, quando a gente fala em popular, dá a impressão que eu vou fazer um rádio popular, éh:::..., porque esse termo popular ficou meio desgastado e meio pejorativo. Né ? Não é essa a idéia. A idéia é de aproximar das pessoas. É, seja classe A, classe B, enfim, que é o público que a rádio, normalmente, atinge, mas, ser mais próximo dessas pessoas, falar como elas falam, um pouco mais, sem perder os parâmetros de rigidez da informação. Qualidade no falar, enfim.

C. F.: Perfeito. Pra fechar, em quanto tempo você acha que a Eldorado vai chegar a esse padrão na linguagem ?

M. L.: É, eu quero buscar um padrão, quer dizer, na verdade, no ano passado a gente se dedicou a reestruturar a redação, a reorganizar a programação, demos o primeiro passo, aí, nessa coisa de quebrar, um pouco, a estrutura de linguagem, mas, eu acho assim, talvez, se a gente fosse estabelecer um tempo, eu imagino, mais um ano e pouco. O que será em final de 2006, eu gostaria que a rádio chegasse ao final de 2006, evidentemente, se eu também tiver (risos) aqui ainda, éh:::..., com uma coisa mais padronizada. Uma linguagem talvez, até, quem sabe, com um esboço de um manual de redação. Mas, já, com coisas bem definidas.

Entrevistas que compõem o *corpus* realizadas pelos Jornalistas Heródoto Barbeiro, Felipe Bueno e Márcio Mendonça.

Íntegra da entrevista realizada pelo jornalista Heródoto Barbeiro, dia 28 de setembro de 2004, com Edgar Leite, professor do Departamento de Histórias das Religiões do Estado do Rio de Janeiro, no Jornal da CBN, às 6h34:

Abertura da entrevista

Heródoto: bom hoje nós estamos registrando aqui uh:: aniversário ...200 anos do:::... do nascimento do Alan o Kardec modificador da doutrina espírita e eu vou conversar com o professor Edgar Leite... professor do Departamento de História () das Religiões da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Heródoto: bom-dia, professor Edgar.

Professor: bom-dia, Heródoto.

Primeira pergunta

Heródoto: professor... qual é a:::... como:::... qual:::... qual:::... qual é a importância que teve o Alan Kardec né no desenvolvimento da Doutrina Espírita... o que que proporcionou a ele desenvolver essa doutrina ?

Resposta

Professor: Olha o Alan Kardec ele foi um inovador em termos de pensamento religioso no século 19:::porque ele procurou unir as entidades religiosas daquela época com o cientificismo com o pensamento científico que foi muito forte nas () intelectuais do século 19:::... então ele:::... éh:::... teve essa importância ele chegou ao espiritismo:::... éh refletindo sobre uma série de experiências que eram comuns naquela época que questões sobre:::... mesa giratória às vezes

Segunda Pergunta:

Heródoto: professor a gente poderia dizer que ele fez uma revisão no Cristianismo ou não ?

Resposta

Professor: É o a o Alan Kardec na verdade ele propõe uma nova perspectiva de religião né ele num eu num posso dizer que ele... Alan Kardec... bom em princípio ele nunca foi hostil né pelo pelo contrário um pensa um pensador extremamente tolerante com relação a todas as formas religiosas mas ele reintroduziu no pensamento ocidental certos temas que estavam perdidos ou que não tinham uma muito bem definida... o principal deles é o tema da reencarnação.

Terceira pergunta

Heródoto: Sei isto não TÁva muito bem muito bem definido na Religião Cristã até então ?

Resposta

Professor: Éh era marginal tanto no cristianismo quanto no judaísmo quanto no islamismo não existe uma não existe uma teoria acabada ou alguma co...uma doutrina oficial sobre reencarnação entãoo Alan Kardec refletindo sobre as experiências mediúnicas na época ele chegou a algumas conclusões que ele julgou serem

provadas e introduziu o tema da reencarnação dentro de um sistema filosófico dentro de um sistema religioso desse mito então isso foi importante.

Quarta pergunta

Heródoto: Sei então podemos entender que:::...a questão central...da::: do trabalho de Alan Kardec é a reencarnação ?

Resposta

Professor: É esse é um tema importante na verdade o Alan Kardec procurou dar conta de uma teoria geral do Universo a partir das experiências com os espíritos que que que ele coletou e do que ele ouviu de de médiuns no qual toda a estrutura do universo passa a a ser organizada em função de uma uma evolução espiritual e e a reencarnação é um dado muito importante nesse nesse ciclo de nascimentos e de elevações espirituais o sistema de de Kardec é muito complexo né mas muito:::... na época foi muito cativante muito inovador.

Quinta pergunta

Heródoto: No Brasil a doutrina espírita se expandiu muito ?

Resposta

Professor: Muito o Brasil é um dos países onde o kardecismo é mais forte no mundo é::: não só pela influência talvez pela natureza da

religiosidade brasileira né as origens africanas e indígena mas também pela influência francesa no final durante o século 19 então o kardecismo no Brasil é fortíssimo.

Sexta pergunta

Heródoto: Professor esta teoria da reencarnação do Kardec tem inspiração Oriental naquele ciclo do nascimento e morte ?

Resposta

Professor: É em parte sem dúvida o Kardec traz alguns elementos do Oriente para a religiosidade ocidental a idéia () a idéia do ali do Karma tal como ele pensa é um pouco baseada nas concepções indianas sobre o assunto mais a idéia da reencarnação também toma das tradições clássicas que também existem no Ocidente a respeito do assunto nu principalmente no período pré-cristão né você encontra éh Sócrates e outros pensadores neo-platônicos também algumas idéias a respeito da espiritualidade de reencarnação e mesmo o cristianismo primitivo se encontram alguns pensadores que acreditavam nisso como aparentemente os seguidores do du di um di um teólogo cristão importante que foi Orígenes né do princípio do cristianismo então na verdade éh muito do Oriente muito também de certas tradições ocidentais.

Sétima pergunta

Heródoto: O pensamento do Kardec:::.... gerou conflito com a igreja católica ?

Resposta

Professor: Ah sim é::: há um episódio público célebre em que os livros de Kardec foram queimados em praça pública em Barcelona se eu não me engano na Espanha isso foi uma:::.... os livros tinham sido importados naquela época e a igreja confiscou os livros e os queimou então havia houve uma resistência grande () aliás não só o pensamento de Kardec mas todo tipo de pensamento de pensamento religioso ou científico diferente na época Darwin também passou por problemas né na no século 19 todos os pensamentos de ponta no século 19 encontraram resistência dos grupos religiosos tradicionais estabilizados.

Oitava pergunta

Heródoto: Entendo aí a gente pode então dizer que o Ka... eu posso falar de Kardexismo ou não ?

Resposta

Professor: Sim é sem sem dúvida.

Nona pergunta

Heródoto: O representante mais conhecido no Brasil foi o Chico Xavier ?

Resposta

Professor: É eu acho que o Chico Xavier é o é o médium mais importante você tem outras personalidades durante o século 20 mais o fenômeno do Chico Xavier eu acho que ajudou muito a consolidar o kardeismo e a difundir o espiritismo no Brasil sem sombra de dúvida.

Heródoto: Muito obrigado aqui à gentileza do professor Edgar Leite Professor de História das Religiões da Universidade do Estado do Rio de Janeiro participando conosco e conversando um pouco a respeito do Alan Kardec que hoje... éh... tem aqui o seu bicentenário de nascimento lembrado.

Íntegra da entrevista realizada pelos jornalistas Felipe Bueno e José Márcio Mendonça, dia primeiro de outubro 2004, com Cristofer Galo, Analista Político da Tendências Consultoria, no Jornal Eldorado, às 8h20:

Abertura/ primeira pergunta/ início da entrevista

F. B. : Todos os partidos brasileiros realizaram ontem... quinta-feira o último... debate visando às eleições de 2004 e sobre o assunto nós o Zé Márcio e eu... conversamos com um especialista na área política... está na linha conosco o Analista Político da Tendências Consultoria Cristofer Galo e depois do debate aqui São Paulo... a partir agora é só esperar né para

os votos de domingo e esperar também o segundo turno... como o senhor Cristófer Galo como é que o senhor avaliou de um modo geral além do debate da noite de ontem a campanha dos principais candidatos à prefeitura de São Paulo ?

Primeira resposta

Especialista: Olha eu acho que::: vamos por parte eu acho que o debate de ontem à noite ah::: acho que os dois principais concorrentes a prefeita Marta Suplicy e o José Serra éh::: fizeram o que precisavam fazer acho que ambos éh continuaram na linha éh de campanha éh que foi adotada ao longo da campanha () né éh claro que houve aquela ah troca de farpas né entre os dois candidatos éh no início éh do debate mas eu não diria que nenhum dos dois candidatos se sobressaíram no debate de ontem à noite até porque o formato do debate com cinco candidatos é muito difícil você ter uma contraposição éh de éh de éh de debate um contra o outro éh quando você tem cinco candidatos éh éh éh debatendo ah ao longo da campanha éh eu acho até que nós tivemos uma dinâmica interessante eu acho que o Serra nitidamente éh tirou uma certa vantagem no início da campanha ele fez uma campanha muito eficaz chamando a atenção da dupla éh éh que ele poderia fazer éh pode fazer com uh o governador Alckimin e também éh éh a estratégia da campanha dele foi de éh de de certa forma éh argumentar que a prefeita Marta Suplicy éh não tem éh é uma

má má administradora ah ao não ter prioridade na sua administração e aí no final dessa dessa campanha parece que a Marta respondeu a essa linha de ataque é do Serra é é é de uma maneira também ficar acho que a chamar a atenção prá dupla dela com o presidente Lula é uma maneira de responder a esta esta esta vantagem que o Serra teve ao chamar a atenção com a parceria com o Alckimin é e também ontem à noite nós vimos uma resposta que a Marta é deu ao fato ao ataque do Serra de ela não ser uma boa administradora e de não ter prioridade então nessas últimas semanas a Marta tem acusado o Serra de não ter uma programa de governo e aí acusando ele de é exatamente de colar e seguir as idéias dela né então nós estamos imaginando esse vai e vêm na na campanha e esses que eu acho que vão dominar um eventual segundo turno entre os dois candidatos.

Segunda pergunta

J. M.: Bom dia doutor.....é o Zé Márcio falando doutor.... é agora eu gostaria da sua opinião o que o senhor acha da utilidade dessas campanhas o jeito que essas campanhas estão sendo conduzidas para o eleitor utilidade mesmo para ele se informar primeiro a gente vê que os programas no no horário... obrigatório são coisas de marketing mais do que políticos e os debates estão se tornando o que vimos ontem troca de acusações e e não de exposições de idéias que que o eleitor ganha com isso que que o eleitor tira disso tudo ?

Segunda resposta

Especialista: Olha eu acho que em qualquer campanha eleitoral sempre tem éh:::... o seu elemento de marketing sempre éh:::... oh pelo menos éh:::... em várias campanhas:::... não só aqui mas nós temos éh a tentação dos candidatos ah ah fazer uma campanha negativa não é acho que até em outras democracias (...) que até em outras democracias (...) campanhas vingativas isto é atacando o seu opositor muitas vezes é um recurso verificado... agora eu não diria que:::... éh:::... que essa campanha faltou ou não trouxe informações relevantes () porque éh ter acesso às pesquisas fica evidente que o grande critério de avaliação do eleitorado para a disputa da prefeitura é de fato ah ah a capacidade do candidato de demonstrar como um candidato eficiente éh no sentido de atacar os problemas concretos da cidade né ah ah eh eh nós vemos por exemplo que tanto a campanha do Serra e da Marta quando eles atacam um ao outro atacam um ao outro éh éh no critério de não ser um bom administrador ao de:::... por exemplo o Serra atacando Marta de que ah ela tem faltado na área da saúde e aí a campanha da Marta tem que reagir dando uma proposta na área da saúde o Céu Saúde e assim::: por diante então nós tivemos um debate sobre sobre quais têm as melhores propostas ou sobre essa essa área específica e vejamos também que a Marta tem focado muito em todas as realizações feitas o Serra tem foi forçado a ter a se posicionar sobre::: se manterá ou não as obras realizadas pela atual gestão então eu acho que houve sim uma

um posicionamento sobre os problemas concretos da cidade eu eu não diria que somente acusações de caráter e marketing puro é conteúdo para dominar nessa eleição.

Terceira pergunta

F. B.: Senhor Cristofer Galo rapidamente para concluir a nossa conversa... a polêmica das últimas semanas foi a suposta aliança duas supostas alianças né uma pelo menos em defesa de não ataque de Maluf com Marta em menor grau de Erundina com José Serra nesse debate de ontem ficou claro isso na opinião do senhor ?

Terceira resposta

Especialista: Olha acho que foi menos nítido no debate do que:::... é no horário no horário eleitoral dessas duas últimas semanas... eu acho que teve:::... que foi mais forte entre um dos dois candidatos entre Paulo Maluf e Erundina acho que foi mais forte com... o Paulo Maluf por exemplo no primeiro bloco é:::... o Paulo Maluf teve que escolher um candidato uma vez e escolheu o Serra primeiro acho que isso já era um indicador... de querer se contrapor é ao Serra mas... tanto Maluf quanto Erundina é:::... eu achei interessante... que tiveram () linha de discurso até de colocar a Serra o Serra e a Marta num mesmo saco como se ambos é fazem parte de uma política macroeconômica :::... é que gerou desemprego teve altas taxas de juros então então eles colocaram eles num mesmo saco acho que é a Marta é foi um pouco beneficiada só pelo fato que geralmente você tem uma dinâmica nessas campanhas em

que todos os demais candidatos... atacam a atual prefeita né para se contrapor... éh a sua campanha e suas propostas de governo ontem à noite não foi tanto assim exatamente porque se tinha essa dinâmica antes de éh éh de também criticar o Serra parece que você... tinha todos criticando os dois e não só a atual prefeita então... a dinâmica não foi tão ruim prá prá Marta Suplicy geralmente é uma uma é um formato ruim para éh o cargo ou pelo menos o concorrente à reeleição.

Encerramento da entrevista/ fechamento

F. B.: Muito bem nós ouvimos a análise de Cristofer Galo que é Analista Político da Tendências Consultoria aqui no Jornal Eldorado sobre o debate de ontem sobre a campanha de maneira geral aqui no Município de São Paulo senhor Galo muito obrigado pela atenção bom dia e um ótimo fim de semana pro senhor.

Ocorrências na terceira pergunta: Muito bem, muito obrigado senhor Galo.

Especialista: Éh bom dia e muito obrigado.

Bibliografia

- 1 - PRETI, Dino (org.) (1999). *Análises de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, 1).
- 2 - _____(org.) (1999). *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, 2).
- 3 - _____(org.) (1998). *Estudos de língua falada- variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, 3).
- 4 - _____(org.) (2000). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, 4).
- 5 - _____(org.) (2002). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, 5).
- 6 - _____(org.) (2003). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, 6).
- 7 - _____(org.) (2005). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas (Projetos Paralelos, 7).
- 8 - _____(2004). *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna (Série Dispersos).
- 9 - _____(1974). *Sociolingüística: Os níveis de fala*. São Paulo. Editora Nacional.
- 10 - URBANO, Hudinilson; DIAS, Ana Rosa Ferreira; QUADROS LEITE, Marli; SILVA, Luiz Antônio da; TARSO GALEMBECK, Paulo de (org.) (2001). *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez Editora.
- 11 - MARCUSCHI, Luiz Antônio (2003). *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios.

- 12 - _____ (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- 13 - DIAS, Ana Rosa Ferreira (2003). *O discurso da violência- As marcas da oralidade no jornalismo popular*. 2. ed. São Paulo: Cortez
- 14 - FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. ; AQUINO, Zilda G. O. (2003). *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Cortez.
- 15 - MARTIN, Robert (2002). *Para entender a lingüística*. São Paulo: Parábola.
- 16 - ORLANDI, Eni Pulcinelli (2003). *O que é lingüística ?*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Brasiliense.
- 17 - BAKHTIN, Mikhail (2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec.
- 18 - MEDINA, Cremilda de Araújo (1990). *Entrevista: o diálogo Possível*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática.
- 19 - LAGE, Nilson (2001). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record.
- 20 - _____ (1987). *Estrutura da notícia*. 2.ed. São Paulo: Editora Ática.
- 21 - TRAMONTINA, Carlos (1996). *Entrevista: a arte e as histórias dos maiores entrevistadores da televisão brasileira*. 3.ed. São Paulo: Editora Globo.
- 22 - BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo (2001). *Manual de Radiojornalismo*. São Paulo: Editora Campus.
- 23 - PARADA, Marcelo (2000). *Rádio: 24 horas de jornalismo*. São Paulo: Panda Books.
- 24 - FERRARETO, Luiz Artur (2001). *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. 2ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.

- 25 - MAINGUENEAU, Dominiq (1999). *Novas Tendências em Análise de Discurso*. Campinas: Pontes.
- 26 - PIGNATARI, Décio. (1976). *Informação, Linguagem, Comunicação*. Cultrix.
- 27 - TAVARES, C. Reynaldo. (2000). *Histórias que o Rádio NÃO Contou*. 2. ed. São Paulo: Editora Harbra.
- 28 - MCLEISCH, Robert (2001). *Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica*. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus.
- 29 - HAUSSEN, Doris Fagundes (2001). *Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- 30 - PARADA, Marcelo (2000). *Rádio: 24 horas de Jornalismo*. São Paulo. Panda Books.
- 31 - BARBEIRO, Heródoto; RODOLFO, Paulo (2002). *Manual de Radiojornalismo*. São Paulo: Summus.
- 32 - MEDITSCH, Eduardo (2005). *Teorias do Rádio- Textos e contextos*. Santa Catarina: Editora Insular. Volume I.
- 33 - SAUSSURE, Ferdinand de (1975). *Curso de Lingüística Geral*. 7. ed. São Paulo: Cultrix.
- 34 - BORBA, Francisco da Silva (1986). *Introdução aos estudos lingüísticos*. 9. ed. São Paulo: Editora Nacional.
- 35 - BUYSENS, Eric (1974). *Semiologia e comunicação lingüística*. 2. ed. São Paulo. Cultrix.
- 36 - MEDINA, Cremilda de Araújo (1990). *Entrevista: O diálogo possível*. 2. ed. São Paulo: Ática. (Série Princípios).
- 37 - FIORIN, José Luiz (Org.) (2003). *Introdução à Lingüística. I: Objetos Teóricos*. São Paulo: Contexto.
- 38 - _____ (2003). *Introdução à Lingüística II: Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto.

- 39 - LONDRES, BBC de (2002). *A História do Rádio no Brasil*. Inglaterra. 6 Cd's (6 horas), digital, stéreo.
- 40 - BARBOSA FILHO, André (2003). *Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas.
- 41 - PRADO, Emílio (1989). *Estrutura da Informação*. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial.
- 42 - JUNG, Milton (2004). *Jornalismo de Rádio*. São Paulo: Editora Contexto.
- 43 - *Procedimentos Internos*. São Paulo. Rádio Eldorado. 1995.
- 44 - *Novo Manual da Redação: Folha de S. Paulo*. São Paulo. 1996.
- 45 - MARTINS, Eduardo (1997). *Manual de Redação e Estilo*. 3. ed. São Paulo.